



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE JI-PARANÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL

Arnaldo Oro Waram Xijein

**KA WAK KAKA PIK' ORO HONANA NEKUKUN ORORAM XIJEIN PAIN KA
TAN HET KOKON WAYAM**
**TRABALHO NA EXTRAÇÃO DA SERINGA PÓS CONTATO COM O POVO
ORO WARAM XIJEIN**

Ji-Paraná, RO

2023



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE JI-PARANÁ
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL

Arnaldo Oro Waram Xijein

**KA WAK KAKA PIK' ORO HONANA NEKUKUN ORORAM XIJEIN PAIN KA
TAN HET KOKON WAYAM**
**TRABALHO NA EXTRAÇÃO DA SERINGA PÓS CONTATO COM O POVO
ORO WARAM XIJEIN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná/RO, Departamento de Educação Intercultural, como requisito de conclusão da Licenciatura em Educação Básica Intercultural, na Habilitação em Ciências da Sociedade Intercultural, sob a orientação da Professora Dra. Roseline Mezacasa.

Ji-Paraná, RO

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer a Deus (Iri Yam) por estar fechando este ciclo de aprendizagem. Agradeço aos meus pais, minha esposa e aos meus filhos, meus irmãos, meus professores nesta caminhada dos primeiros aninhos escolares até a graduação.

São momentos que jamais poderia esquecer, muitos desafios na vivência que somente o ensino em processo de aprendizagem consegue fazer a diferença no ser humano e alcançar os seus objetivos. Este é mais um ciclo de aprendizagem que está se fechando, porém, com muito orgulho destes professores que participaram e vivenciaram junto comigo estes processos de aprendizagem na minha vida acadêmica.

Ressalto novamente a importância dos meus pais na produção deste trabalho, durante esta atividade não mediram esforços para que estas narrativas fossem gravadas na forma de áudio, a minha esposa que sempre acreditou no meu trabalho e persistiu que terminasse os meus estudos, apesar de muitos obstáculos longe dos meus filhos, somente ela que me fazia fortalecer nesta vida acadêmica. Agradeço ao meu grande irmão Arão, primeiro entre meus irmãos, com meus pais, sempre incentivava a minha pessoa à terminar graduação, são pessoas que jamais poderia deixar de mencionar nesta longa caminhada como estudante da Licenciatura em Educação Básica Intercultural, como também não poderia deixar de mencionar a minha orientadora professora Dra. Roseline Mezacasa, sempre pedirei ao grande criador que ilumine sempre a caminhada destas pessoas e que Deus (IRI YAM) os abençoe sempre as suas famílias, são pessoas que sempre estarão em meu coração. Awina! Obrigado!

Este trabalho dedico aos meus filhos e minha esposa Nassiana Oro Waram, aos meus pais, Nimon Oro Waram Xijein e Xinrao' Oro Waram Xijein, a minha escola "Tenente Lira", durante está pesquisa o foco sempre estava em meus estudantes nas escolas indígenas, para que futuramente este trabalho seja reconhecido por estes alunos, sabendo como foi este processo de trabalho na extração da seringa para o povo Oro Waram Xijein na T.I. Igarapé Lage.

"As contradições e os preconceitos têm na ignorância e no desconhecimento sobre o mundo indígena suas principais causas e origens e que precisam ser rapidamente superados. Um mundo que se autodefine como moderno e civilizado não pode aceitar conviver com essa ausência de democracia racial, cultural e política. Como se pode ser civilizado se não se aceita conviver com outras civilizações? Como se pode ser culto e sábio se não se conhece – e o que é bem pior – não se aceita conhecer outras culturas e sabedorias? Enquanto isso não acontece, continuamos convivendo com as contradições em relação aos povos indígenas [...]" (GERSEM DOS SANTOS LUCIANO BANIWA).

RESUMO

Ika trabalho nein conclusão nein curso ka tomi e' tain na ka tan het pin kokon wayam oro honana nukukun Ororam Xijein. Iri ka tomi ta' ne ka iri na ne, kain ne ka wak kakain pik' oro honana nukukun Ororam Xijein pain makrain Lage, estado nein Rondônia pain Amazônia brasileira ka. Pain pesquisa ka tomi ta' ta ka tomi kut rehet e' tain na ka piyim nukukun oro honana, ak ima ak ne na ka maki ne ka xrao' tain oro ka tomi nukukun oro honana ko tati' nanain ka piyim wa ma, pain iri ka xohra nukukun, to nanain hrik ak kakain na oro ka trabalhar kaka pain kra pane. Ika ka tomi rek pe wa ka iri na ne, maki nain aldeia Lage Novo, pain makrain Lage, Município nein Guajará-Mirim, pain kawati' nein 2022 pain 2023. Maki nain ka tomi rek dois pe tokokwa oro honana, pain ka xrao' mao xine pain payaxi', pain ka mao tain ne payakon wayam ka kem. Ika trabalho ka to krek pin napri pain oro ka trabalhar kaka oro honana nexi pain ka wak kaka pik', pain ka trabalhar tamana kaka, pain ka om tati' kamain kakain wiyimain tayikon wayam, ye ka hrek xi iri pain ka piyim nukukun oro honana kwa, ko kep tiho nanain ika pesquisa nein estudo ka.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso objetiva apresentar um período histórico do povo Oro Waram Xijein no pós contato. O tema central é abordar como foi o processo de trabalho na seringa para o povo Oro Waram Xijein na T.I. Igarapé Lage, estado de Rondônia, Amazônia brasileira. Na pesquisa utilizamos a metodologia da História Oral e assim construímos a documentação de narrativas de grandes sabedores tradicionais do povo, que, ainda jovens, participaram e vivenciaram este processo de trabalho naquele período. Este trabalho foi elaborado e pesquisado na aldeia Lage Novo, na T.I. Igarapé Lage, município de Guajará-Mirim, ao longo do ano de 2022 e 2023. Contou com a realização de entrevistas com dois anciões, bem como com a transcrição em língua materna e, posteriormente, processo de tradução para a língua portuguesa. Os aprendizados deste trabalho evidenciam o uso da mão de obra do povo na coleta da seringa, em relações permeadas de exploração econômica, como veremos a partir das oralidades dos anciões que contribuíram com esse estudo.

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| AGRADECIMENTOS..... | 03 |
| RESUMO..... | 06 |
| RESUMO..... | 07 |
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1º CAPÍTULO - ORO KA TUT NE PAIN KA XRAO' NE - MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA E DE ESTUDOS | 17 |
| 1.1 Oro ka xrao' an to xine ka tut ne - Minha trajetória de vida..... | 17 |
| 1.2 Oro ka xrao' an to xine ka xrao' mao ne - Minha trajetória escolar..... | 17 |
| 1.3 Ka xrao' ne pain Universidade - Minha trajetória na Universidade..... | 19 |
| 1.4 Ka nro min ak tain ika pain ka wak kaka pik' oro honana pain ka win pi pin ne ka xrao' ne ka - Os motivos para escolher a temática do seringal para realizar o meu Trabalho de Conclusão de Curso..... | 21 |
| 2º CAPÍTULO - KA TOMI XINE KA TAN HET TOKWA WAYAM - HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA DO PÓS-CONTATO..... | 22 |
| 2.1 Ka maki ne ka ara xine ka tomi hrik xine ka piyim wa - Processo de construção e realização da entrevista de história oral..... | 22 |
| 2.2 Oro xek nein pik' ye pain oro ka papam kaka Ororam Xijein - O tempo da seringa e os trabalhos do povo Oro Waram Xijein..... | 21 |
| 2.3 Wao', temem, ka pi'wa pain ka pa' kaka krawa ororam xijein - Cestos, arcos, festas e caçadas do povo Oro Waram Xijein..... | 53 |
| 3º CAPÍTULO - ORO KA TO IINA PAXI NONON ORORAM XIJEIN PAIN KA XO TAN KAKA - OS DESAFIOS DO PÓS CONTATO PARA O POVO ORO WARAM XIJEIN..... | 74 |
| 3.1 Ka tomi pi pin xine oro ka ara wa pain ka wak wa pik' - Contexto geral dos trabalhos na seringa..... | 74 |
| 3.2 Oro ka tati ta' pain ka ara ta' pain ka tomi hrik ne - Aprendizados a partir da realização da entrevista | 75 |
| 3.3 Ka piyim nukukun oro honana - História indígena..... | 81 |
| 3.4 Ka piyim nekukun oro honana kokon hiyima - A história indígena e as crianças..... | 83 |
| 3.5 Oro ka piyim nekukun honana: ka kep tiho mao kakain Educação Escolar Indígena - As histórias indígenas: uma contribuição para a Educação Escolar Indígena..... | 85 |
| 3.6 Ka om tomi kamain xine oro ka papam nukukun oro honana pain ka wak kaka pik' - O silenciamento do trabalho indígena na coleta da seringa..... | 86 |

| | |
|---------------------------------------------------------------|-----------|
| KA TOMI KREK TE NE PAIN KA WIN PI PIN NE KA XRAO' NE - | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 87 |
| REFERÊNCIAS IBLIOGRÁFICAS..... | 92 |

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão do curso busca trazer aos leitores os trabalhos praticados pelo “Povo Oro Waram Xijein” na extração de seringa no século XX, quando o Serviço de Proteção aos Índios (SPI)/FUNAI estava na “tutela” destes povos. Devido à falta de materiais específicos nas escolas indígenas sobre os fatos históricos deste povo, este trabalho de conclusão ajudará no entendimento histórico de como foi este processo para o povo "Wari", especificamente ao povo Oro Waram Xijein.

Durante a extração da seringa estes povos trocavam seus trabalhos por uma pequena cesta básica de alimentos, panelas para suas esposas ou cartuchos para as espingardas, sem saber quanto custava aquele produto, a borracha, que por meses os mantinham fora de suas casas. Esta pesquisa trará informações de como os povos originários praticaram estes trabalhos, demonstrando também a procura pela seringa de vários seringueiros naquele período.

Assim, o uso destas histórias indígenas do povo contribuirá e poderá estar aos poucos em várias escolas indígenas que estão ligadas aos oito subgrupo “Wari”. Com isso minha intenção é aprofundar o estudo para fortalecer as práticas referentes aos trabalhos deste povo no seringal no pós contato. Objetivamos, posteriormente, a produção de um material didático específico e diferenciado para as escolas indígenas do nosso povo.

Os Wari’ são da família linguística Txapacura:

[...] possuem uma população estimada em 4.000 pessoas (SIASI/SESAI, 2014) distribuída por 32 aldeias e está subdividida em oito povos: *Oro Waran Xijein*, *Oro Eo*, *Oro At*, *Oro Mon*, *Oro Waram*, *Oro Nao’*, *Oro Jowin*, *Cao’Oro Waji*. A autodenominação *Wari’* que engloba todos esses povos possui como significado “gente”, “nós”, ou ainda “gente como nós”, com o sentido de se distinguir dos demais povos originários da região, assim como em relação à sociedade envolvente (SANTANA; SILVA; SILVA, 2020, p.113).

O estudo em questão é focado na Terra Indígena Igarapé Laje, seu território abrange os municípios de Guajará-Mirim e Nova Mamoré. A área da Terra Indígena é de 107.321 hectares, vivem nela aproximadamente 1100 indígenas (FUNAI, 2017). Os povos originários existente nesta Terra Indígena são: Oro Waram Xijein, Oro Waram, Oro Mon, Oro Nao’, Canoé, Oro At’ e Jabuti que vivem em 13 aldeias. No interior da terra, existem 09 escolas indígenas estaduais, todas bilíngues, com professores indígenas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental I, e algumas escolas com professores não indígenas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II.

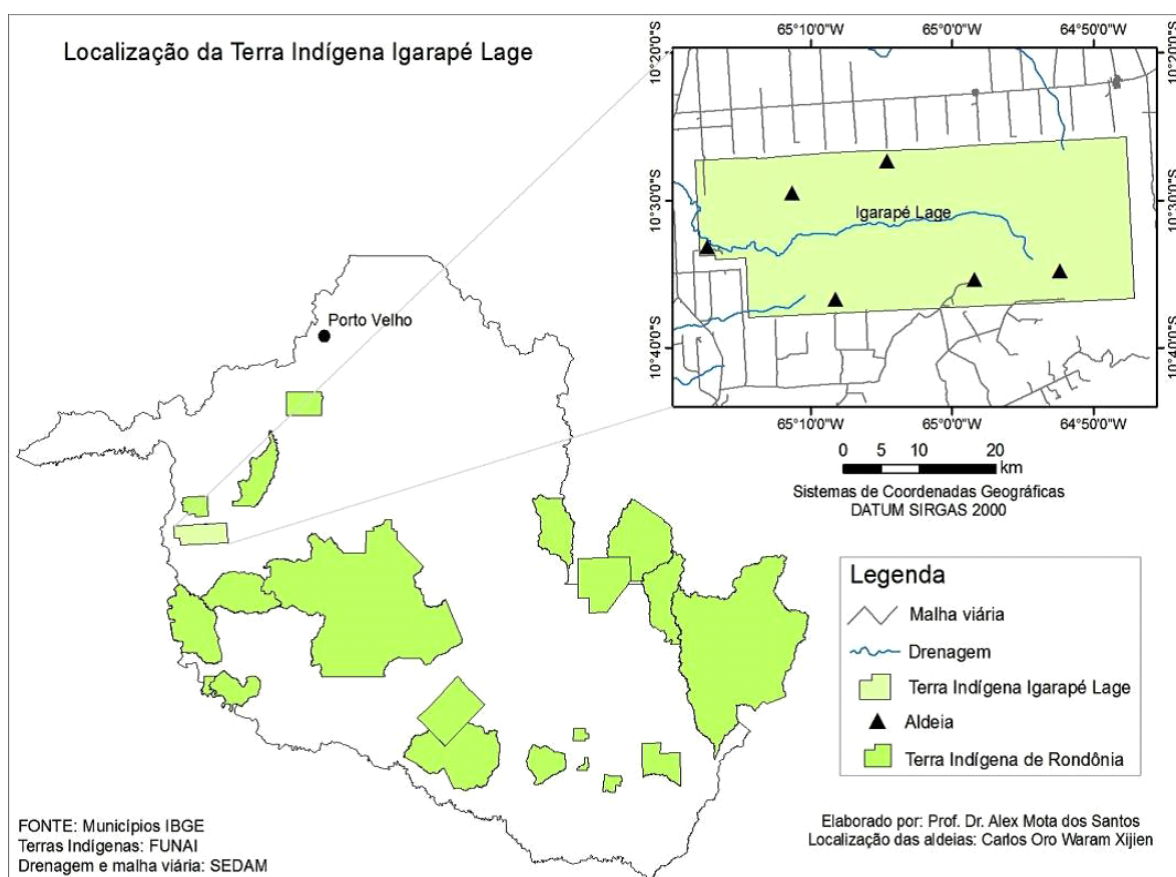
Figura 01: Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Tenente Lira –
Aldeia Lage Novo



Fonte: AUTOR (2023)

Durante a realização deste trabalho de conclusão de curso buscamos conversar com anciãos da aldeia que vivenciaram e praticaram os trabalhos na seringa, a partir de algumas perguntas orientadoras: Qual sentimentos eles guardam sobre este processo em suas vidas? Ainda é importante pensar sobre: O que os/as anciões/anciãs esperam deste trabalho de pesquisa que busca contar o que de fato aconteceu com estes povos na época do ciclo da borracha? Sabemos que essa foi uma história pouco contada pelos historiadores ocidentais, contudo, agora, está sendo contada e escrita pelos próprios Wari”, colocando o “povo indígena” como fator principal desta pesquisa, o que de fato não é colocado em livros de histórias encontradas em escolas públicas do nosso país.

Figura 02: Terra Indígena Igarapé Lage



Fonte: SANTOS (2014)

Procuramos mostrar o outro lado da história através das histórias ouvidas durante o trabalho de campo, muitos fatos históricos encontrados nos livros didáticos são olhares do não indígena, e este trabalho busca divulgar os trabalhos que os povos indígenas de Guajará-Mirim/RO praticavam no período da extração da borracha, falando especificamente do povo Oro Waram Xijein.

Com os resultados da pesquisa pretendo divulgar os fatos que aconteciam neste período do pós contato, os povos indígenas sofreram nas mãos de pessoas que trabalhavam nas aldeias, representantes e funcionários do órgão indigenista. Para entendermos os acontecimentos destes povos precisaremos mergulhar nos relatos narrados por estes sabedores que vivenciaram o trabalho da extração de seringa com seus familiares naquela época no pós contato. Alguns questionamentos orientaram esta pesquisa: Como eram comercializadas estas mercadorias tiradas por indígenas? Quem incentivava os povos originários para irem atrás desta matéria-prima? Questionamentos que precisam ser respondidos para entendermos a história da seringa com os povos indígenas, especificamente do povo Oro Waram Xijein, na Terra Indígena Igarapé Lage, na aldeia Lage Novo.

Para a concretização desta pesquisa, realizei conversas com muitas pessoas do povo Oro Waram Xijein, entre elas seu Nimon Oro Waram Xijein, Xinrao' Oro Waram Xijein, Teresa Oro Waram Xijein e Arão Wao Hara Ororam Xijein, que as vezes faziam uma roda de conversa na casa do seu Arão, tomando aquele cafezinho ou uma chicha de milho detalhando como foi o trabalho de seringa para o povo Oro Waram Xijein e seus subgrupos: Oro Waram e Oro Mon, são pessoas que vivenciaram estes processos do trabalho da seringa naquele período.

Figura 03: Sabedores entrevistados nesta pesquisa Nimon Oro Waram Xijein e Xinrao' Oro Waram Xijein, Teresa Oro Waram Xijein



Fonte: AUTOR (2023)

Este trabalho de conclusão foi um desafio para mim como acadêmico da Licenciatura Indígena, fazer uma transcrição das narrativas históricas do povo é mergulhar nos acontecimentos vividos, levar estas narrativas para uma tradução é um trabalho que requer muita atenção nas falas dos entrevistados, porém com muita dedicação, afirmo a importância desta entrevista para ser passada para a escrita, muitas histórias do povo Wari' precisam ser escritas, com o envolvimento da sociedade ocidental aos poucos estas histórias estão se perdendo, e para que o povo fortaleça suas raízes é preciso que a escola envolva a sua comunidade, levando os seus estudantes até os anciões para fazerem uma entrevista e fazer com que estas narrativas sejam escritas, com isso

fortalecerá muitas histórias do povo, não somente as histórias, como a própria língua materna.

A sobrevivência das histórias indígenas passa pelos seus pesquisadores e a valorização dos seus sabedores dentro da comunidade, pesquisar e fazer a divulgação destes fatos históricos, transformando em materiais didáticos, será uma conquista para todo povo, assim precisamos que estas narrativas dos anciões sejam escritas, com isso muitas crianças poderão saber a história do seu povo, sabendo que aquela história foi narrada por seu grande sabedor tradicional. Essa pesquisa também foi influenciada pela proposta metodológica da História Oral, como escreveu José Carlos Sebe Bom Meily (2005) “história oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do “tempo presente” e também reconhecida como “história viva”. (MEIHY, 2005, p. 17), dessa forma, enquanto pesquisador indígena me aproximei das metodologias da história oral, justamente por também buscar a documentação dessas histórias, bem como perceber que essas histórias estão viva entre os nossos anciões, como veremos ao longo deste TCC.

Durante uma aula remota, no período da pandemia da Covid 19, conheci a professora Dra. em História, Roseline Mezacasa, como qualquer aula que uma professora ministra em suas disciplinas, ela falou do seu trabalho de pesquisa com o povo Makurap (MEZACASA, 2021), sobre a "seringa". Neste dia comecei a refletir sobre este tema, porém já ouvia falar de alguns anciões da aldeia sobre estes trabalhos da extração da seringa, período do pós contato com os homens brancos. Eram relatos que jamais tinha percebido o tamanho do valor e a importância de fazer uma pesquisa com o meu povo, refletindo como foi este processo de trabalho para o povo Oro Waram Xijein e, a partir desta aula, desta conversa, comecei a dialogar com os meus pais como foi este trabalho de seringa com o nosso povo.

Este trabalho de pesquisa se aprofundou com as narrativas dos entrevistados, a partir de alguns temas: como eram os trabalhos, a comercialização destes produtos, os trabalhos que as mulheres faziam, os trabalhos que os adolescentes praticavam, os artesanatos desenvolvidos pelas mulheres para o uso neste trabalho. Este trabalho também mostrará ao leitor a comercialização das castanhas, farinhas d'água, produtos que o povo coletava, são relatos que mostram que não era somente a seringa a planta “explorada”, mas também outros produtos eram coletados/preparados na floresta para a venda. Assim busquei conversar com a professora Roseline Mezacasa, sobre o trabalho que ela fez com

o povo Makurap, e nesta conversa falei para ela, se ela aceitaria ser a minha orientadora de pesquisa neste trabalho de conclusão com o povo Oro Waram Xijein, falei o objetivo desta pesquisa para as escolas indígenas e aos meus estudantes, ao ouvir a professora aceitando a minha proposta estava sonhando com o desfecho deste trabalho, pensando na importância deste material em nossas escolas indígenas.

Com isso, a divulgação deste material será de suma importância para este povo, mostrará o lado vivido pelos indígenas naquele período onde não são encontrados nos livros didáticos, para que a população envolvente se conscientize que naquele período os povos indígenas fizeram parte da história do Brasil e do estado de Rondônia, nos trabalhos da extração da seringa, que isso precisa ser contadas em escolas públicas, muitos fatos históricos indígenas precisam ser pesquisadas de acordo com o seu olhar crítico, para isso acontecer, precisamos que acadêmicos indígenas busquem investigar os fatos históricos vividos pelo seu povo, histórias que por muito tempo somente foram contadas pelo olhar não indígena que intriga a "memória indígena", por isso essas histórias precisam ser contadas por indígenas.

No primeiro capítulo faço um apanhado da minha trajetória de vida, escolar e acadêmica, bem como os motivos para a escolha deste tema de pesquisa. No segundo capítulo deste trabalho apresento a transcrição da entrevista realizada com os sabedores, Nimon Oro Waram Xijein e Xinrao' Oro Waram Xijein. A entrevista é apresentada primeiramente na língua materna e, posteriormente em língua portuguesa. A entrevista foi realizada na aldeia Lage Novo, no dia 10 de setembro de 2022, na T.I. Igarapé Lage. O processo de tradução/transcrição foi feito a partir da língua materna, tal como foi narrada pelos anciões, e posteriormente realizei o trabalho de tradução e digitação em língua portuguesa. O trabalho desta narrativa será apresentado aos leitores bilíngues, da língua materna e para os falantes da língua portuguesa, este trabalho de conclusão apresentará a importância da escrita das oralidades indígenas. Muitos fatos históricos dos povos originários estão na oralidade, a falta destes materiais na escrita deixa um alerta para todo o povo que queira fortalecer as suas histórias tradicionais.

Figura 04 – Representação cartográfica com alguns lugares citados neste trabalho



Fonte: Google Earth (2023)

No terceiro capítulo, a partir do ritmo narrativo apresentado no segundo capítulo, trago algumas reflexões e detalhamentos da entrevista, bem como a explicação sobre alguns lugares citados nas oralidades, entre eles, a TI Sagarana e TI Ribeirão. Para a escrita deste capítulo realizei alguns cruzamentos de dados, dialogando metodologicamente com as oralidades e a análise de documentações históricas que encontrei no acervo digital do Museu do Índio.

1º CAPÍTULO

ORO KA TUT NE PAIN KA XRAO' NE - MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA E DE ESTUDOS

1.1 Oro ka xrao' an to xine ka tut ne - Minha trajetória de vida

Eu sou Arnaldo Oro Waram Xijein, da etnia Oro Waram Xijein, residente na Terra Indígena Igarapé Lage, professor e liderança da minha aldeia. A minha infância foi na T. I. Sagarana, meus pais moravam lá com os meus irmãos, somos sete irmãos, duas mulheres e cinco homens. Lembro como se fosse hoje a minha infância, passamos por necessidades que qualquer família indígena vive, não tínhamos café pela manhã, meu pai fazia roça e minha mãe fazia artesanatos para vender e comprar um pouco de açúcar, sal, óleo. Faltava roupas para nós, calção, camisa, sandália, coisas básicas, tudo faltava para nós. Nunca passávamos fome, tínhamos arroz, farinha e peixe do rio, todas vinda de plantio que meus pais plantavam.

Mesmo sem saber ler e escrever os meus pais sabiam o valor do estudo, não importavam se não tínhamos café pela manhã, o importante era ir para escola e depois para a roça, ajudar eles na colheita de produtos plantadas por eles junto com meus irmãos. Atualmente, mesmo com essas dificuldades na vida, com a graça de Deus, todos meus irmãos são empregados, agora todos tem a própria família para ensinar aos seus filhos o valor da escola para ter sucesso na vida. E com essa graça de Deus com os meus pais, quero agradecer a eles por ensinarem a nós, que na vida tudo se consegue por incentivo dos pais, independente dos obstáculos da vida. Acredito que se não tivéssemos esse apoio desde a nossa infância, não seríamos nada nesta vida. Atualmente os meus pais estão mais debilitados com suas idades, quero que o grande “Iri Yam” Deus os dê muita saúde e prosperidade em suas vidas, graças a eles sou professor da minha aldeia, residente na aldeia Lage Novo, na T. I. Igarapé Lage.

1.2 Oro ka xrao' an to xine ka xrao' mao ne - Minha trajetória escolar

Aos seis anos de idade comecei a frequentar a Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Paulo Saldanha Sobrinho, nesta fase de aprendizagem as minhas professoras foram uma indígena, Hatem Mrome e uma não indígena, Edinéia Isodoro, nos primeiros aninhos da escola, antigo “pré-escolar”, neste processo de conhecer e aprender, fiquei retido por um ano na 1ª série (agora 2º ano). Praticamente foi lá que fui

alfabetizado, estudei no 1º ano de alfabetização, 2º ano e 3º ano (antiga 2ª série), todos com os professores indígenas.

Com dez anos de idade os meus pais se mudaram de aldeia e T.I., saímos da T. I. Sagarana para morar em T. I. Igarapé Lage, na aldeia Lage Novo, nesta fase de transição, passei a estudar com professores não indígenas, não tinha nenhum professor indígena na sala de aula, diferente que na primeira escola que frequentei, e passei a frequentar a Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Tenente Lira, concluí o ensino de alfabetização do 1º ao 5º ano do ensino fundamental I nesta escola. Recordo como se fosse hoje, ao chegar nesta fase de ensino não tinha mais como dar sequência nos estudos, neste período as escolas indígenas não tinham prédios e professores para lesionar aos alunos de 6º a 9º ano do ensino fundamental II.

No ano de 1999, concluí os meus estudos no ensino fundamental I, depois disso não tinha como dar sequência em meus estudos, na aldeia onde passamos a morar tinha um supletivo para os “Wari”, onde as professoras eram as missionárias da “Novas Tribos do Brasil”. No ano de 2000 comecei a fazer o supletivo, com 12 anos de idade, neste período comecei a estudar, depois recebi uma informação que não podia mais cursar o supletivo devido a minha idade, não consegui mais estudar, fiquei por um ano sem estudar.

No ano de 2001 o meu irmão mais velho falou para o meu pai, pedindo que ele me deixasse voltar para Sagarana para continuar e concluir os meus estudos do ensino fundamental II, que nesta aldeia tinha um distrito perto chamada “Surpresa” e atendia os alunos “Wari”, junto com os demais alunos não indígenas. Depois da conversa dos meus pais junto com meu irmão, retornei para aldeia Sagarana, para dar sequência nos meus estudos. Nestes anos longe dos meus pais, passei a morar com o meu tio “Pawayam” um grande ser humano que não está mais entre nós, grato por colocar o nome dele aqui, com sua esposa tia “Luiza” que recentemente nos deixou no ano de 2022, são pessoas que jamais deixaria de mencionar. Fiquei com meu tio por três anos, para concluir o 9º ano passei a morar com minha irmã casada, que atualmente mora por lá, “Suzana” e seu marido “Harein” pessoas que me ajudaram a ficar em suas casas, para concluir os meus estudos.

Em 2004 concluí os meus estudos, nestes anos da vida escolar, conheci várias pessoas e fiz grandes amizades que carrego comigo em meu coração. Com a conclusão do meu estudo retornei para a minha aldeia Lage Novo, retornando não tinha como frequentar o ensino médio por falta de um ônibus que levasse os alunos para estudar nas

escolas públicas da cidade, as famílias não tinham como manter seus filhos na cidade pagando aluguel, são fatores que não tinham como meus pais me ajudarem.

No ano de 2006 conheci a minha esposa, pensei que casado era um futuro melhor para mim, a falta de maturidade fez com que eu formasse uma família, assim formei a família. Quando vi que não era contos de fadas, já era tarde demais, tinha que trabalhar na roça para sustentar a minha família, quase não enxergava ou achava mais a clareza do túnel de tanta escuridão, até que no ano de 2008, teve um teste seletivo da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), para selecionar novos professoras para cursar o Magistério Indígena - Projeto Açaí II. Neste seletivo para a aldeia Lage Novo tinha cinco vagas, somente para pessoas que tinham o ensino fundamental II completo. Fiz o teste, uma concorrência grande, mais dois irmãos meus estavam fazendo também, terminando de fazer, ficamos, talvez, por dois ou três meses esperando o resultado, e a angústia era grande demais, até que recebi uma informação de que das cinco vagas disputadas eu estava em 3º lugar na classificação, foi algo que jamais vou esquecer, uma porta que se abriu para muitas pessoas e não foi diferente para mim. Em 2009 fomos chamados para cursar o “Projeto Açaí II”, magistério indígena para professores, cursei por cinco anos o curso, em 2014 concluí, juntamente com diversos povos da região de Rondônia e Mato Grosso.

1.3 Ka xrao’ ne pain Universidade - Minha trajetória na Universidade

Quando concluí o magistério indígena em 2014, no ano de 2015 foi a divulgação do vestibular intercultural para indígenas que queriam fazer a graduação em Licenciatura em Educação Básica Intercultural, na Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-Paraná, não pensei duas vezes em fazer, queria algo a mais para mim nos meus estudos, principalmente aprimorar mais os meus conhecimentos como professor indígena.

Era um vestibular com 60 vagas, aberto para pessoas com ensino médio regular e também para aqueles que tinham o magistério indígena (Projeto Açaí), uma disputa a nível do estado todo. Quando saiu a tabela da classificação com nomes dos candidatos, fiquei angustiado, porém as aldeias ou comunidades não tinha internet como atualmente, mandando mensagens pelo WhatsApp, recebi a informação de que meu nome estava na lista dos aprovados, fiquei sem chão para acreditar, foi algo que jamais vou esquecer como professor e acadêmico.

Todos querem estar neste lugar, todos almejam, mas poucos alcançam. Com este olhar sou grato a todas as lideranças que lutaram para que a Licenciatura Indígena seja

um curso específico e diferenciado para todos os professores indígenas do estado, não somente para professores, mas para aqueles que buscam o melhor ensino de qualidade para o seu povo.

Quando saiu a convocação para mandar os documentos para o Departamento não acreditava que estava ingressando na Universidade Federal de Rondônia, parecia que estava sonhando. Estes anos de curso na Licenciatura Indígena fiquei estudando e analisando as áreas que me identificava, durante estes anos, a minha decisão já estava tomada para me formar em Gestão Escolar, e durante um trabalho na aldeia fazendo estágio acompanhando as aulas dos colegas na sala de aula do 6º ao 9º ano, observei que as nossas crianças e adolescentes precisavam de professores novos em áreas das Ciências da Sociedade, foi com este olhar que decidi mudar a minha área de especialização. Foi uma escolha que não estou arrependido, e durante estes anos como acadêmico, aprendi com vários professores a importância do trabalho de um professor indígena, aprendi que devemos sempre lutar para a nossa população, e que a nossa educação depende destas pessoas que estão ingressando na Universidade, na Licenciatura Intercultural Indígena, quem vai fazer a diferença na educação indígena serão os próprios professores indígenas, são estas mensagens que carrego comigo, são as falas de alguns professores que me ajudou bastante nesta vida acadêmico, se Deus quiser estarei finalizando a minha graduação.

Ressalto também e acredito que a Licenciatura em Educação Básica Intercultural veio para ajudar as populações indígenas e seus professores, formando educadores para estarem em suas comunidades e suas escolas com seus parentes, algo que por muitos anos os governos nunca haviam pensado em contribuir com as populações indígenas. Assim vejo a contribuição da Licenciatura Intercultural que vêm crescendo a cada ano, abrindo muitas portas para indígenas que queiram fazer uma graduação na Universidade Federal de Rondônia.

Menciono e fico grato aos professores da Licenciatura que não mediram esforços para que nós acadêmicos indígenas focasse em nossos estudos, meses e semanas longe das nossas famílias e trabalho, colocando um substituto em nossos lugares, para não atrasar as aulas para as nossas crianças. Aprendi com o compartilhamento de experiências de colegas de diversas “etnias” ou povos, conhecendo as práticas educacionais desenvolvidas por estes povos, as suas experiências na cultura e tradição que deram certo em suas escolas. Não poderia deixar de mencionar as práticas desenvolvidas por professores, como nós acadêmicos e professores pensamos nos aprendizados dos nossos

alunos, mostrando a nós quem é o foco ou parte central da nossa sala de aula: o nosso “estudante”.

Assim, finalizo as minhas considerações sobre minha trajetória acadêmica também agradecendo a minha orientadora professora Dr. Roseline Mezacasa, que durante uma aula de história falou do seu trabalho apresentado na conclusão do seu “doutorado”, sobre o trabalho da extração da seringa com o povo Makurap’ e que neste dia me fez refletir bastante, sobre este tema com o meu povo Oro Waram Xijein, e diante desta aula, decidi fazer este trabalho de pesquisa em meu trabalho de conclusão na Universidade Federal de Rondônia – Campus de Ji-Paraná.

1.4 Ka nro min ak tain ika pain ka wak kaka pik’ oro honana pain ka win pi pin ne ka xrao’ ne ka - Os motivos para escolher a temática do seringal para realizar o meu Trabalho de Conclusão de Curso

Acredito que os fatos acontecidos com os indígenas desde o período da colonização todos tem a sua importância, entretanto não vejo nenhuma ou talvez tenha sido pouca a divulgação destes materiais em trabalhos acadêmicos de indígenas nas universidades, principalmente se falarmos em povo “Wari”. Sabemos que muitos fatos conhecidos nas histórias da nossa colonização são contados por um olhar não indígena.

Precisamos conhecer e saber como é a visão do povo massacrado durante os acontecimentos que marcaram na vida destes povos, assim, por este motivo, busco colocar aqui e divulgar como foi a extração da seringa para o povo “Wari”, especificamente da etnia “Oro Waram Xijein”. Acontecimentos históricos que mexe com o povo, principalmente para aqueles que vivenciaram este processo de exploração.

Este tema busca mostrar aos alunos a história da extração da seringa na T. I. Igarapé Lage, a partir de algumas perguntas orientadoras: como estes povos trabalhavam neste período? Quais meios de transporte buscavam as suas mercadorias? Os meses - como sabiam as épocas da coleta? Como eram vendidas as mercadorias obtidas durante os meses de trabalho?

Este trabalho é de suma importância para a conclusão do meu curso de graduação, e são estes os motivos que me fizeram ter interesse nessa temática, afim de focar e divulgar como foi a extração da seringa para o povo “Wari”, na região de Guajará-Mirim/RO.

2º CAPÍTULO

KA TOMI XINE KA TAN HET TOKWA WAYAM - HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA DO PÓS-CONTATO

2.1 Ka maki ne ka ara xine ka tomi hrik xine ka piyim wa - Processo de construção e realização da entrevista de história oral

Neste capítulo vamos utilizar a metodologia da História Oral temática que consiste em apresentar a oralidade dos entrevistados a partir do trabalho de transcrição da entrevista. A entrevista ocorreu na aldeia Lage Novo, na Terra Indígena Igarapé Lage no dia 10 de setembro de 2022. Toda a entrevista foi previamente autorizada pelos entrevistados.

A entrevista ocorreu na casa dos sabedores Nimon e Xinerao', os dois anciões que participaram são meus pais. A escolha destes dois anciões para realizar a minha entrevista oral temática sobre o período do seringal foi por estes presenciarem ou trabalharem neste período na coleta da seringa, quando tinham aproximadamente 20 anos de idade. Um casal jovem que vivenciaram o período do seringal com os homens brancos na aldeia.

O tema central da entrevista envolve o trabalho na coleta da seringa para o meu povo no “pós-contato com os homens brancos”, na aldeia Lage Novo. Entretanto, como o leitor verá, outras temáticas importantes da cultura do povo também foram mencionadas durante a entrevista.

A entrevista ocorreu com a presença de dois anciões, o leitor perceberá que em muitos momentos um vai ajudando o outro a lembrar de acontecimentos do passado, deixando a narrativa muito mais interessante aos propósitos deste trabalho. Inicialmente apresentei minha pesquisa aos anciões, explicando a importância dela para a História Indígena, para mostrar que o nosso povo também trabalhou na seringa, depois, pedi autorização para realizar a gravação e a transcrição para ser utilizado no meu trabalho de conclusão de curso, após essa etapa inicial da entrevista e com as autorizações para realizar o trabalho, iniciei a entrevista de História Oral temática.

2.2 Oro xek nein pik' ye pain oro ka papam kaka Ororam Xijein - O tempo da seringa e os trabalhos do povo Oro Waram Xijein

Neste tópico apresentarei a oralidade do ancião Nimon e da anciã Xinrao' a partir das suas experiências de trabalho no seringal. Ao pedir para que o ancião

contasse sobre esse período, logo iniciou a narrativa que segue, juntamente com as minhas perguntas orientadoras. Inicialmente apresentarei a narrativa na língua materna, tal como foi apresentada pelos anciões, posteriormente, apresentarei a transcrição em português, a partir de um trabalho de tradução.

Xek ka 10 nukun setembro de 2022, aldeia Lage Novo, Terra Indígena Igarapé Lage. Pe nain ka kon honana nein aldeia, pain ka tomi tain kain ka trabalhar nukukun pain ka wak wa pik, pain ka tan het tokwa “wayam”, pain aldeia Lage Novo ka, ma ta’ trayu pa’ xine kain ne ka wak kaka pik oro honana nexi, pain Guajará Mirim.

Pram nain ka tomi ton pain gravação ka ara ta ta pain oro ka tomi nukun Nimon, wri ko ko peho ta kwa, pram nain ka xrao’ kut ret tain oro ka ara nukukun pain monografia ne pain menein Universidade Federal de Rondônia – Campus de Jí – Paraná. Ara ta gravação kon na, pain oro ka tomi nukun, ma dez na ka tomi rik ton ta.

...Pram nain ka tomi rik tim pain oro... ... ka wara piyim piyim iri’ pane ate’, pain menein pik’ nane, pram ak tain na ka ha’ na ta main, ha’ na ka ara ma pain oro menem ta ak mapa tra ye ka tomi tim pain kra ne, xi om ne oro... ... ka xrao’ wa kon wayam iri na ne tomi rek ... tomi yuyun pain oro wari’ko entrevistar xi he entrevistar ara xi na tomi tomi rek wa,... mo ta ha’ na ta kain nara ara ak main kon tra ta, xi om ne ka ika trabalho ka iri nane ara ta pain menein... ye ara xi na xrao’ to urut pain Jí – Paraná nane pain menein Universidade pain ikain, wiyikam pin ak ne na ka pi’ ne ka xrao’ nexut kem ka na, mo ta pipin ne ma ak ne trabalho ka nro tomi rek wa, ye ane na ka tomi rek tim ka,... kain ne oro ka ara nukukun oro honana pain ka wak wa pik’ pain kra pane? Xi om ne ka ika trabalho ka ara xi iri ka iri na ne, pain ka wra tan het tokwa wayam ara xi na! Ni ak ne oro ka... ikra pane pain ka om tan het tokwa wayam...ika iri nane tomi e’ xin ak iri na ka ... he e’ wak ye pik’ ta wari’ e’ na wayam ta ara xima pane nane, ye ane na ka tomi ta ta pain ika nane pram ak tain na ka, ka na ta mapa,.. mo ta kromikat main, kain ne kawati ka ma nem pain ma? Mo ta ma ka xohra ko ak... iri koma ta na pane ta e’ ak mapa tra, ma ta ara tain yami kawati’ nem kem nane, ye ka ara pi pin ta na pain ika pain trabalho, ka na ka ara nexut pain kra pane, ye ika ka wra... ye ika ka ara pe tain trabalho... tra am pain ika pain posto nexi ka ne nane, tomi tomi ak main tra?... ka piyim nem ak iri ka piyim piyim e’ iri pain kra pane e’ ak ne tra... tomi tomi, ... om ka tron ximao ak ne tumum ka kromikat main tomi tomi e’ ak main tra.

Nimon: Ye ma ira, ... ye ye ye ka tomi tomi tomi tatipa’ ta pain kra pane ira, pain ka xi ak ka to ka ak wa ne pain kra pane, pain ikain, to kain ak xiwa pain... Lage Velho kain nane... to kain wa pain ikain ye ikain ka mayi wak xi pik’ ta ak kapa na kotema, xi

iri win ma ne ak ka, om ka... ye iri tomi tomi tatipa' tuhu ka hiyima, kakam na
 koyeo' he Wem na yikon kotema kwain, Wem ak kama na na'kem, koyeo' he wri
 kakam wri kakam, om om na tukun wari', wri kakam wri kakam iri nana, ko
 wayama non kotehe kwain kem. Rik napa kotema ira wa,... mayi wak xi pik'
 kokon namantri ta xa' ak kapa, mama ak rut pain winain wakem kut rut mam
 hrohowa pan ho ak rut na, mayi ak kapa na oro yima nuhu kwain ... wri kakam
 oro yima nuhu kra pane kem wayama nonon xrem kwain, mama ak rut pain winain
 wakem pain ima iri, ye ye ka ta' pe na tokwe kokon mantri mantri Paton ma
 ira, mama ak rut na, Xikiyi' Trawan na ka wak to rut pik', wak wak wak moin
 xurut pain na mayi ta xa', vender xin e' ak kaprut, xi aka ak pain xokwri ka wa,
 vender vender kut kut wa krawa... .. am kut kut yok xraxa pin kain tayu xut tra
 wayam ta! kut min wrayu min xina prut wiyimain rancho wa, ma kamain ka
 awom, mayi tan to to ka xurut pain posto ma. Mayi wak ma xi pik' ta xa' ak
 kapa na,... kotehe kwain Awo' Xohra kwain mama ak rut pain winain kom, wak
 wak wak mayi' ta, nane maki na ka katiwa ira... ma ak kaka na xrehu... seis xira
 ka trama nuhu ... trêe e' ak kakama xira ka narima nekekem xrem ma kem
 perder dois nana oro win ma nehu... tan mama ak urut na, wa kono wa tra ... am
 ara mao kaprut wayam tra, oro hiyima om ka pain pain pin, pain pain pin, pain
 pain pin xira ka kono kono kakama oro hiyima ira, axo kamara xinana... kono, mi'
 pin' wa, axo pan na xrehu' ma kem, pan iri na xok xok wet nana katat, om ka opa'
 kam kaka mi' pin ak kaka. Nane tron tra timikon wayam ta' kaxikon tramaxikon...
 wra tramaxikon in mana' het pin wa pane kem... nro ye posto, nro ye posto kon
 wari' ta ak tukukun na kem, maki ak kakain ka nana oro wari' pane kem, wriko
 koyeo' iri ka pane ko pan am ka pane, ak kokwa ka pane Xin Xoin kra pane, wriko
 kem kokwain kem in pan tem pin kwain kem Tooyi' kwain kem maki ak kakain
 ka na, mam ak kaka pain ika, ma ma paxi' nana oro wayam mandar rehet pin ak
 tokokwa, xi xi ayin nene kokon win wayam ka FUNAI pane roma, ayin pan
 na oro wayam ... rehet mama ak kaka na. Maki ak kakain ka na wa ... xika pe na
 caminhão nexut ma kem wa, pain ka miya xek na wari pain ika' ira ... om pin na
 wari' pain kain ... wa iri koteka wari' ron kokwa ma, nane Valdito kwain wriko
 kokwain ko in mao pane ... in mama ak kakain kain, kana to ak urut pain ka, kana
 to kana to kana to, wa wak ye pik' ta wari' ak kaprut na wayam kem, wri koko
 kem kaxikon FUNAI kwain wa ... ni nanain ka, ni nanain kain, ni nanain pain kain
 ko wak pri' ki nanain ka, mayi nro xi pik' ta... mayi nro xi xrinain pik' ta witi' ak

kakapa na oro yima nuhu ko wan ti nonon xrem kwain kem, mama ak urut pain winain kain, ye pain pain ima wa, nro wra wra het urut pain wakem, ika wakem ta witi', kep ak urut trim wa, pain kain ira miya tamana na krawa, miya na ham , miya na me', min' wa ...

Arnaldo: Oro wari' ma' ma ma xam pan nonon ka wak pe wa pik' nane?

Nimon: He e'.

Arnaldo: Ya to pri, ya to pri ak kakain na wakem kain nane?

Nimon: ... He e' ak ima na, oro wari' ko to nanain ima wa, ya to pri ... cada colocação na oro wari', win kakain tokwe ma kem wana ne ika ak ima na kem, ak ima na pik', wak ak tain pik' kokon na oro yima nem ira, ko wan ti nonon xrem ma ira wa, sofrer tamana wa pain kra pane arain, om xi ... xi ak ka ma ne krawa ka an tikin, ma xira ma pelo meno ma xira taka wak ka ho ho na, ho ak urut pain xira kayi ka hiyima nukun koyima kon koyima ma, koyima Jerem ma kem, wa iri tomi xumao e' ma xin tira, wa, wak wak hron xurut pain, na mayi ta, mo ak urut kayi makon nein xi na, mo mo mo xao'an tikin, ma ka tokwi' ma, xon takrakam, xon takrakam an toko, an toko yein ki xurut pain ka, in mama ma ak urut, mayi pain kem ira wa, iri ka yam wa ta wa ... tra ka om ajudar ak ka wayam pain kra pain, om na mandar mi' e' trut pahu taka wak ta wari' ka, ma ta an tikin hein pik' nehu ma xira ra wa,... kut yok xraxa kut yok xraxa na me ... kut yok xraxa ara xina nain, xi ak ka ma ka wari' ko xrao'kwa, ma ka wari' ko tomi kwa wa, vender rik kwet ton wayam pahu ta, tomi pan ton wayam ta kamain ka wari' ron kokwa ma, om na wari' ko tomi wayam om. Xo maki ne ka tomi wa ka ara tira, tati tati tati, pain ka hiyima nuhu ka tati pin hein ka xrao' wa, tati pin hein ka xrao' tati wa kem, pain kra pane wa, om ka ayin ... oro wari'xi parik kaka wari' ta arain ko wak nana pik' wa, ak ye na ka to to rico kokon ... ka wari' wa wayam pane ta a wa, pik' ira pain ikain iri pe pe na Chico Pinto wa kain xi an toko mao kakain ira, mayi vender xin pik' nexi, ma ka xina boca kain an toko, xi tukun wayam ka wra Geraldo ka pane wriko ara xina ko ko ko pan tem pin ... yori' nain ônibus nekun pane nane, om om na tukun wayam pain ima xika pe na koma wayam, rik pin tamana ak kon wari' na kem wa.

Tempo nein tokwe pin ho ane na kem, ta' ye tokwe ta wari' wa, ak ima ma kamain xiwa pain xokwri ka xi om tati pin ara wa, ta ta wa, dois saco vender pin ma kon wayam, pain kra pain ira, ta ta, ta ta pin vender vender pin xira wa, wa ak ima na tao ri', lembrar na pain ikain iri to kaka oro wari' kwain, mayi ta' xi tokwe ak kakapa na wan ti nonon xrem ma kem, xi xi papam nari kamain toton nako te ma ka pane ron koma ma, ko wan ti nonon krama, mayi ta' xi tokwe ta witi' ak kakapa na, ma ka na pain ima Amaro

tikin ka nain Tokon Mre' ma, tikin tikin tikin ye ara xina ka ta' pe nain tokwe tokwe kokon koyi kakama krama pane, Wem, Wem Tawinain ma ye ima ta' ta' to urut tokwe wa, iri' manain tokwe pain ima ira, ta' ta' ta' wa xi ak pain xokwri ka wa, om ka yam kamain ka wari' pain xokwri, ma pin nonon motor, pain kra pane ira wa, iri xoxek pan ho ak ma tra, wra wra het ak main, ho kain rain tokwe nem ma e', ho kain tain tokwe ne ka ta witi' ak kapa na ma, ho ho ho pi na mayi, tan, mayi pain tokwe nem kem ma, oro tokwe, oro wari' oro wari' wa om ka piye ne tokwe ira wa.

Arnaldo: Xokwri wana ane na ika, iri yein yein pin moto ka kem pain kra pane om om na wana nane ate'?

Nimon: Xokwri wana ikain, pain pain Lage Velho kain om na wana ma e' na, ... om om na ka ka ara min xun wana wari' ta ka wayam, ma e' na pana ak ak wanayi carreador ka wa, mao na ... wa tra tra tra ta ãã tatipa na kon wayam piye kamain xira tokwe ta arain wa, min wrayu e' iri ma kamain ne krawa ka kut wa, ...

Arnaldo: Tan xihe ika ika mene ka, min ak huhun pain? Oro wari' kwa kut in kut in pi pin ka mama nukukun ma, ak ima nanain pik' ak ima ak kakain tokwe ka ara xina nane?

Nimon: He e', ak ima na.

Arnaldo: Ika pik' ne ka, mo ta ta' wa tokwe kem, ika tokwe ne ka, mama, om om ka amon ya tiki ya tiki kamain tokokwa?

Nimon: Ya tiki paxi tokokwa ma ira, ya tiki tata ma ka na pain kain, xi ma ara ne xrinain tokwe in, ... xi ma ma ne nane.

Arnaldo: Iri tomi tomi tatipa wa kain, iri rik rik e' wa kain?

Nimon: He e', ye ka rik rut, rik rut pain xrinain wa, vender pin xinanain na, mayi ho ak kakaprut xina ho ak kakaprut ma ka FUNAI, xam to, towet yein ima wari', ye tra ka kut yok xraxa pin kakain, ... contar xo trut pain dinheiro nuhu pain wutuhu ka e' ak kaka xina, ima wari' wari' ma iri nane ka na to om ka wa, ... om na ta krek kwet trut pahu ta kamain kokon wayam oro wari' rain, om, xi ma ka wari ko tomi, to yein ima wari' ara xo trut pain e' tao pa', wa, ... wra pi' pin tra ira, ... an an toko an toko ni pin xinanain xi ak piye ne tokwe kane ron kokwa ma, até pik' ma kem ira, pik' dinheiro paxi na kon wayam ira wa, rahap ye wari' wa,.. vale vale wet ne ak ka pane cruzeiro ka pane.

Arnaldo: He e'.

Nimon: Cruzeiro yam cruzeiro ka wa, min wrayu min wrayu min wrayu pi' wa, ma ka wari' ko main papel ma, main ka tanto ne dinheiro ka receber kaka

oro wari' ko ta' nana tokwe ma kamain wa, pa ka e', wa, xrak tamana na me wayam krama, in towet towet wet ara xinana kem mo xi rehet kaka xina, mi' pin e' na kopa kra pane Jorge kra pane ko pa' pin wa ka pane, wa, tra.

Arnaldo: Pain ka, kawati' e' ak ne na pik' kem nane ate? ye ka wak wak kaka pik' oro wari'ak ima pi' pin ara xina nane, pain kawati' nane?

Nimon: Kawati' paxi na, ak pain xokwri ka, om pin ara xina ka tota ka wari', win tumu e' nain xitot wari', tota hap nana ka pan pan wet ne xowi ma ta mama xin xrinain pik' ak kaka na, ak ima na wari', wari' ko pi ... tota hap kwa, wari' ko tota hap pi pin hap totakon, ima mao hap nain xrinain pik', ak ima xam na oro wari', ... mama mama mama nanain oro xrinain pik' nekukun, mama ak kaka na, ye ima iri ka kromikat xo kaka oro wari', pain xokwri ka om pin na xitot.

Arnaldo: Kain ka, ma ka panawo' kem, kain kain ... he e' dois meses, três mês tra ka wak wa pik'?... pain ka ma e' ne krawa e' na, pi na krawa mayi ta mayi ta e' kain ka ara ara wa pain kra pane? xi om ne ka, xi ak ka contar tokwa panawo' ka ne pain kra pane kem ta.

Nimon: Het het ta ka dois dois mês, dois dois mês e' na ron ma, xi ma ne ka, xi ak ka ma pan ne krawa ka, pan ak wa farinha na kem, pan pan moin ron farinha, farinha mo ta ma ne arroz, kotene arroz ka oin oin wa ka nane, pain xokwri ka kao' e' ra xiwa arroz nein cidade, pain kra pane, oin e' wa arroz ra rain, ye iri tama tomi tatipa ta, pain xokwri ka, wa, om om na wari' ko rik ... wa ... kotene arroz nukun, om ka xika trabalhar wa wayim na, mayi kat xin arroz ne ta, ye ima ka to animar non oro wari' pain ikra pane, pain xokwri om om pin na wari', pan pan ... mama ak wa, um mês, dois mês xina, mayi mayi tan. Ye iri tama tomi ak ton koyi he, hron koyi he wkain hiyima, pain xokwri ka estudar xo tamana he, ... nana namantika oro wari' wka, axo maki, axo to xo ara xiwa, pe mixein kain nain Ribeirão ... ka dois e' ara xina na, koyima wrikam kowema kwain in kao kao ka napri ham kwain kem, tra ka tati ak ka ... am wina mram he tra ta, om ka xrao' xrao' ... pe xo ta pain ka xrao' nekun mantita kwa kamain xita wa, xrao' dois xina xek nein ka xrao' ka mayi mama, an ho pe xi non wa, pain ka, ka ka wra ka pin na koyima, tut tut ak kain wana, kam kao wkain ko iri levar pan ta, ka yam wa kam kao kwain, in ka kao ka napri ham kwain wa, ... wa, ara yam tamana napa kao kwain ira, an ho pe xinam pain koko kam yim ma ira, farinha xinai ka an ho pe ak tam, wa. Iri kotene ka yam wa ka wak wa pik' arain, iri kotene ka yam wa, mao rain iri xoxek ne 5:00 h, cinco hora wra ma pin tra farofa ak pain xokwri wa, ma ma wiyimain na café kem pain ka comprar comprar rut pain krawa ka ma, ka ... ka wiyimain krawa ka vender vender kaka oro yima nem, oro yima nem wan

ti nonon xrem ma, tok tok na mayi ta, om om ka om ka ira mayi wak wi xi' ma ta pi' hap ne ak wa, mao rain wana nem ka wak mao ma ma, mao ak kain xiyein wana na wari' kem.

Arnaldo: Ma krawa ka kut kut mama he pain mi' ate'? he e' ye ka tomi nem ara xina ne, pain ka tota tota pi' pin ka wari', mao hap' ak kain xrinain pik' ara xina nane, ma krawa ka kut mama, kut mama he ?

Nimon: Farinha.

Arnaldo: Farinha, ima kem kut pan hein, am kut min kuhu wayam? Om na?

Nimon: Farinha ma.

Arnaldo: Om na tomi nain oro yimain krawa ma ta, ka mam ara wita wa krawa, café?

Nimon: Kut pan wa pain krawa ka, krawa ka vender wa, farinha ara xina pain, vender wa farinha kem, vender pan main, xi vender pan main, FUNAI ko vender min nain, min wrayu e' ak kakain krawa ma na kem, om ka min wa, vender iri, ika dinheiro nehu ta kamain kaka, vender pin na farinha ma kut min e' ak kakain wiyimain krawa na; açúcar...

Arnaldo: Oro krawa ka vender xi he, kut e' ak kakain wayam nein FUNAI ma? FUNAI ma, mama vender ak kakain xina, kut in ... ak kakain, ... ika tayi kon farinha nem, ika tayi pik' nem, ika tayi tokwe nem ak ima ak ima e' na nain kra pane nane?

Nimon: Ak ima paxi na na, xi min hra kakain.

Arnaldo: Ye ka tomi ta ma, om ka wahu pan ne, he e' vender ton farinha ne kwa na, ... ma ka pain loja kain vender ... ika tayum ka ta wari', om ka ... sempre oro krawa, FUNAI, wayam nein FUNAI, wri koko na ko kut mama nanain kut in min ak kukuhu pain, oro krawa ka vender xi he min ak huhun pain wayam xina wri koko kut mama ak kakain xina, ika tayu hu, ika tayu hu e' ak kukuhu xina nane, xi ak ka tati xine kain ... kain ne yami quilo, am vender por quilo kaka, am lata kaka, am por saco, om ka tati kamain hein yami tan ka kain ne preço nein oro krawa ka vender vender he nane?

Nimon: Ak ima na.

Arnaldo: Ak ima, ak ima e' nunuhu nane?

Nimon: He e', ak ima e' na, até pik' kem, pain tokwe ma kem.

Xinrao': Ak ima na farinha, ak ima nain tokwe ma kem, om ka ika tayum ma ka wayam arain.

Nimon: Ak ima e' na hroma wa, pain xokwri ka, tra ye ye iri tomi tatipa ton koyi he kwain kem, hron koyi he kwain, tati tati pan tra am min kon pain tra kotre ta, om ka xrao' ka,.. ka wa' ki ne xira, nok pin nain ... nok pin nain ka wak wa pik', xrao' xo tra man tita xi ta wa, xrao' wiyimain e' iri dois dias e' xina xek nein ka mo xrao' ka. Mayi ta, ak ima ak ta na pain kain ... ka to kaka oro xrexi kwain kem, ka to kain wa Ribeirão, tra am tati pan ka tra, passar passar ak kain oro prova nein ka min min kokon oro professor nekun, ak ima e' na.

Arnaldo: Ka tan ki nuhu, ye ka tomi ma ne, ka tan ki nehu iri na ne, kut tikin tan ki e' ak hein xina pik' ma nane?

Nimon: An tikin e' ta.

Arnaldo: Kain ka ma ma ne ... kayi ka xoram moin moin ak ..iri bola ara xina .., hrik hrik e' tatipa nain yaminain pain oro foto pain ... kon wayam kem?

Nimon: Ara pin xurut pain iri .. pik' ka nane, ka yami yami wa pain tain, tomi ak ka na wayam pain FUNAI, wari' ta ara ma he pain tain ... xi om kroma ma ara nein pati kom tain nane, ara e' ye caixa xrum xrum e' ak hein tra ak kain na.

Xinrao': Ma ta om kuhu ka katiwa, xumao na pain tain.

Nimon: Ye ima.

Arnaldo: Kain ka, ima ima.. primeiro ka ara he ma wrikoko ko ensinar nunuhu pain oro wayam ma, ka na ka ara ne pik' ta wari' nunuhu? Pain ka ara rara kain he pain tokon mowao?

Nimon: Wra ... oro wra wari' ara xina pain.

Arnaldo: Oro wra wari' nane!

Nimon: Wra rik e' nonon oro wra wari' kem, iri to to nanain Ribeirão, ak ye pain ka kem xi ma xam ara kaka wra wari', tukun wari', oro Macurap.

Arnaldo: Wri koko ko wra tan, kut tan primeiro ka wayam, wra yao wak wi ak kokon pik' wayam na kem nane?

Nimon: He e'. Ka na ta ak tokokwa na, mo' ara xina pane, wak wak wak wak tapra pa' ane na, wak tapra pa' wak tapra pa' het ane na, kayi krawa ne e' na, ak ika na, ... mo' ak ne na, mo' yok mi' ak nein pana', mo' mo', mo ta ka pin ne, ka mo' nein nane.

Arnaldo: He e'.

Nimon: An trem ak main tra, mo' ma ak ma xiyein tra, mo' mo' ma ta kep ne, mo ta hra pin ne ka, kep kep hap ak ne tra, ak ima na, mo' mo' na, ye

Arnaldo: Ma krawa ka mam mo' kakain kem?

Nimon: Ye pana' pana' ma ira,... om na pana' ka, ye pik' ma.

Arnaldo: Pik' ka xao pin nein?

Nimon: Mo' yok mi mi' e' na, he e', an ho pe na pana'pain ka, ma ta tain hot ne hram hap ak ne pana' ka mao pira pain kain, ma ta, pe pin ka na, xam pe main ka ak pain ima na tokon... manain tokon mowao' nane, pe nain kain pana' ka an tak ma xiyein tamain, ... ma ta ... kep e' ma pana' pain kain yami yami e' ma pain tain tra nane.

Arnaldo: He e'.

Nimon: Om ka... mip ne mo', maki na pik' ma, win pik' ne ma, ya ak ne na, kam xrum kam xrum ya ya ya pi' pin ak ne, wa, iri kotene trabalho, iri kotene ka yam wa, ima ka tomi pin kaprut wayam ma iri na ne, om na ta wari' ta ara ma he pain tain ta, miya ka ... ma ta om katihe ak kaprut na, ara ye pain caixa, xrum, mo ta tan he xrum xrum hap ak hein tra xao xao ak ne na ta, ma na too ka, too kain, wak ye... ensinar ak kakaprut na kem, ma na pana' ka xao hap pik' ta, ye ta ak kakain na, wak ak rut pain xina, pa xim pa xim pa xim moin xurut pain, xrum ak rut pain pana' ma xina, xrum ak urut pain xina too ma kem ima xao pin hap na, xiyein xek xrum ma ak main win het pin ne payain caixa ma na.

Arnaldo: Ara ara pan hein caixa ma? Tatain pan hein?

Nimon: He e'. Tatain pa na, he e' pain tabua, ka na roma, ka na payain wa, xin pan pin, ye ima ka hap, xin pan pin, xiyein xek xin pan pin, xiyein xek.. trê pin ... xi an xika pe an xika pe xam ara main na ne, an rain an ak kain xina oro yima nuhu kem, na mayi ta witi' wa, ye ka tomi tain kra ne, om om ... na krawa ka mo an ra takawak e' ira an ho, kut ho xin pik' nexi ma, tan xi ra wa, an tikin na, iri kotene ka yam wa ... tra kokon oro kaxikon FUNAI ma ... kut yok xraxa tamana nana ye ye iri tomi tomi kaka oro wari', om om na wari' ko tomi non wayam, ak pain xokwri ka e', main main oro nota nein, oro krawa nota nein dinheiro nexut ka pagar tima, nro xu urut pain ta xi wa, om, tan ximao' e', iri kotene ka yam wa pain ka trabalhar ximao' e' wa ron kokwa ma.

Arnaldo: ... Pain ka mama hein kain ate' ak iri ka ara ara xine xrinain tokwe kem na xrinain pik' na ne? Om ka toko xumao' wa na ne?

Nimon: Om na.

Arnaldo: Ye ara xina ... ima tokwe ma, pain ka wak ma pik' ma kem, ma ak ne na ka ma pe ne tokwe, dois pin ak kem na ka trabalhar ma, wak xima pik', maki ak ne na tokwe ma, ara pin ak main tokwe ara xina kem na ne.

Nimon: Ak ima na.

Arnaldo: ... Ma ak ne na ka om om pe ne tokwe kem, wak e' ak ma pik', nro ni ak ma ka ma pe ne tokwe ara xina na ne.

Nimon: Ak ima na.

Arnaldo: Oro wari'pain ka, ye ara xina ka tut tut ma ka takrain kom ka, mam mam ak wa ara xina oro matinain iri wak wak kaka pik' oro honana na ne.

Nimon: He e'.

Arnaldo: ... Om ane ka até hupiye', tok wi' ma kem, ma pin ara xina oro wanayi kokon oro honana.

Nimon: He e', xi om pram ara xine krawa ka vender xi ta na ma, ye pain ima kem ira pik' ma, pain Cajuína ma ka ko ko ne parik ne boi nekun koyima ma, ... pe nain ima yam, xi om ayi' ara hum, kono pi' pin ara xi nana, ko xo mao' ka pane koyi he Paton ka pane, ye ima ka pe ka koxa kaka, na ne ira.

Xinrao': He e'.

Nimon: Ye ima kayi wak nekun ma ira, om ka rik main kayi wak ri wak wak pik' kain, ye ima ka trabalhar to ka wari', nro na krawa ka trabalhar wa wari' ron ma, ak ima na.

Arnaldo: Pain kra ko kon honana ate', wra, ma tra krawa ka mam ara kakain pik' honana? A ne tan het pin tokwa wayam ara xi na ka, he e' xa' ye pik' ta wari' ma nain tan ta ara xi na wayam na ne? Ma tra ka wra mam ara mam ara kain pik' oro honana pain kra pane?

Nimon: Om om ka ara kamain xine ma, ara e' ... tati e' nain towa ka ... xi om mam tom e' ak ka, mam tom e' ak ka towa oro honana pain, pain ka om tan het tokwa wayam nane, ye ima usar e' nanain.

Arnaldo: Pik' ma kem, om om na krawa ka mam ara kakain?

Nimon: Om na.

Arnaldo: Om om ka ma ne krawa ka mam xa kaka?

Nimon: Om na.

Xinrao': Xi wayam ara ka ko rik tiho pin wa ma.

Nimon: He e'. Wari', oro wari' ko ya tiho wa kwa ara, xi wari' mao ka, wayam kem, tati nain wayam ma, tati ak kakain na oro wari' ma, oro Macurap, xi wriko ko ara ne ko wara tan primeiro nana, tati tati, ka ka mao ak ka wayam pane, .. ya mao, pain ka wak wak wa pik' ...

Arnaldo: Om na, tomi nain ka ta ate', ye ka tomi nem ma ira, ane tan het tokwa wayam, ara xi na ka wak pin wa pik' ka? Tomi na pain iri maloca ta, wra ma tra ... nro

towa ka mam ara wa nran ka nane, a mon ma tra krawa ka wra mam ara kakain pik' honana kem? A om na, pik' awi nain ka krawa ka ta, nro ... ka perguntar ak tain ka, xi om ... nro kon, mo ta ma kapri ... wkam kwa, he e' ara ron pik', xa ra pik' ma, ye ara xi na ka mam ara kakain pik' honana kem, ye ima ka tomi rik ta kem, om na ..., mam ara ka e' ta pik' ta, ye ka, am ma ne krawa ka mam ara e' kakain, am om ne krawa ka mam ara kakain, ma ka oma ak kakain ma, ma ka pik' ak kakain ma kem, xi om ne ka,... aka om tomi xo mip tain na kem.

Xinrao': Tati e' ara xita pain ka mam paxim tokwa wkam ma ta arain.

Arnaldo: ...

Xinrao': ... om ka mam kep kain honana nexi pain maloca, ma e' na towa ka mam tom wa, towa ka ta, tati main?

Arnaldo: He e'.

Xinrao': Ye ima ka ma e', ka mam tom wa, tati e' ak wa kon ... kwam kwa.

Arnaldo: ... Tomi tim pain na, tomi ara xinain oro ka ara ka ate', pain ka trama nukun nane, tomi ak tain tra ka narima nem, oro narima ... ak ima pi pin ara xina ka wak kaka pik' oro honana pane, tomi xin ka ara kain rut pain tokon mowao ara xi na ate' kwa ne, mao' xinain ka xa' wa pik' ate' kwa, wra nro, wra kut wra kut an to xo, ak he oro ka mam kraho xi he na?

Xinrao': He e', ak ima na, mo ta mao ... kain pik' kote ma ma, trama ma, o ak wa xi na arawet ko acompanhar pain ka ho wa tokon mowao', mayi ho xi tokon mowao' pain pik' kon kote ma, mayi.

Arnaldo: O o, ak mon na ayi' kwain?

Xinrao': Om ka oo ton koma! ma e' pin na ... pain pana' kon kote ma, ara pe paxi nana pain Lage Velho, paya nao' paya nao' ma ira, kon kotema Awo' kwain, xi wriko ko wra pe xo, tuku tuku ka, mixi mixi tain ka, yao yao tut ak tatam xi na oro yima nem, mayi ho xi ... ye ka tomi, certo na ka tomi nekun kote ma ma ira, mao ni xi na kote ma ma, mao ni ak ka xi na oro yima tam, wri ko kokwain kem, mayi ho xi tokon mowao' e' kama xi na pa', ko paka napri kra pa ne, axo om pin xiye xut ka ira ron kokwa e', mayi' trutut mama ak rut pain mi' xi na, ho ak rut kon, ho ho ho xi miya ara ka mowao' na ne.

Arnaldo: Ma krawa ka mam kut hein tokon mowao', ye koko?

Xinrao': Koko, tukat.

Arnaldo: Tem pan hein ? ... tukat mene kun mowao' pan e' hein? Om na?

Xinrao': Tem nain yim', xo tati' ara xinain ka papam ximao wa kem! An tikin an tikin xam xurut pain tukat ma, na mayi xurut, ho ak rut, kut ak rut xi na krama hiyima ma kem,

ho ho ho moin xurut kon, na mopin pin, in mama ma ak wa xi na kem, ho ho ho awo pa' pin dois viagem na tokon mowao', om ka wrayu ne ma krawa ka hu' wa pain tain ma. Wa ki ho ak kaka tan, wa ki xi na kote ma, ya ao ak kakain xi na, ya ak kakain, mon ya ya mi, mon ka kraho ak ne, mon ka kraho ak kokon na pain tokon mowao' ma, ak ima e' na.

Arnaldo: Ye ima ka ara ara e' he pain ka narima nehu?

Xinrao': He e', ye ima ka ara ara e' nexut, wra ho ho to e' rut mowao', tokon mowao'.

Arnaldo: Ka hiyima neku kun oro hiyima kem? Ka piye nukun ayi', we? Ye ka mo ta kana piyim e' napa ate'kwa nekem, ... xi ak ka xrao' xo kaka ka ne, nane, pain kain iri na ne, oo ak he hem xi na? Om na? To to e' nanain trim?

Xinrao': To to e' nanain trim.

Arnaldo: Hiyima ko amon hron pin e' nana ko oo wa nane?

Xinrao': He e', ko oo ru rut, ko amon hron pin nana, mayi xurut ko kon ho ho ho tan ki ak rut xi na, awo pa' pin in mama ma pan ak rut, towet pin ak kaka xi na, xrehu ma, towet pin xi nana, in mama ma pan urut xi na ho ho dois xi na viagem nein tukat, ak ima ak ne na, wra kraho ak ne na kem, wra kraho pe na pain man ma ... ma ta ya ao hap ... kain, wra kraho pe ak urut ... pain man ma xi na tokon mowao', na, wa ki ho xi na, ya ak kain, kao kao iri xi na na, kam ya ak kakain, mon ya yami mon ya yami mon ya yami wa, ... demorar na ma krawa ma. A ne ya ao pe e' ne pain ka tatain xrak wa pana' nein ma ne, ye ima ka om yam wa, ... yam nana kem ... balde ...

Arnaldo: ... ka kam ya kaka pain ... mo ta tan hein arawin, mo ta duas horas ne nane, três ou quatro horas ne tra ta, ka kam ya xine iri na ne, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez horas nein tim xao xao pin ak ne tra, om na, pain pain pa' nuhu tim, xao hap paxi na?

Xinrao': Xao hap na.

Nimon: Pain ka kam ya nein?

Arnaldo: He e', pain tokon mowao'?

Nimon: Seis horas, seis horas nein tim, aka uma hora ou duas ne na ka ya ao in ne.

Arnaldo: Ka ya ao in ne nane!

Nimon: Hate na pik' arain, ka na kayi balde nein, rik pin main balde nein kem?

Arnaldo: Om na.

Nimon: Ka na kayi balde nein, maki nain ka, hun ka na payain ka ya ao ya ao ak ne, hate tamana na, yam tamana wa, ka nahre nem ira wa, kotene ka yam wa, ka hate wa.

Arnaldo: Xika pe na too nein? Ka encher, encher wa pain xek?

Nimon: He e', xika pe e' ma na too nein, xi om hra ra ne kayi moyi nane, pe nain ka, ka na kayi manain

Arnaldo: Pain ka, pain ma ate', wra aka, wra krek pin wiyimain hein dinheiro kem? Om na?

Nimon: Om na.

Arnaldo: ...

Xinrao': Om ka wiyimain hrik pin wa, mama mama e' na pik' kon wari', yam xumao e' na wari' arain, amon rek pik kamain ta tan ma.

Arnaldo: Om ka amon, he e, ye ika ka receber ta ma ta trama, pain pik' nem ka! Om ka tati kamain hein ka, kain ka, kain ne yami tan ka xika pe e' ne kayi moyi nain ma, kromikat xin ka kraho kraho e' rut pain tokon mowao' ma , ni pin ara xi na caixa iri tomi he ma na ne, om ka tati hein! Wa! He e', receber pin ta na! Ma pin napa, nro ... tokwe pain xokwri ka, uma lata, wa, ma pin napa 60 reais, uma lata ta, tati hap ak kain ra xi na yami ka wari' nexi ka na ne! Pain kra pane om ka tati hein, wa, moin pin napa, xika pe e' pin napa ka moin kapa pik' ne, wa, ka pin napa yami tan ne ta! He e' moin ka pin napa kem! Om om na ka tati tati xi ne oro yami tan nein pik' na ne?

Xinrao': Om na.

Nimon: Om na, até pain tokwe na kem.

Xinrao': Até pain tokwe, até pain farinha kem, yam yam xumao e' na ka om tati wa ti koma!

Nimon: Pain xokwri ka, ye ka tomi irin kra ne ira, pain ka, kon farinha ma, kokon oro wari' ira, pan piye xiroron farinha, pan pan dois saco, dois saco xiron, ... kain ka achar main ka cinco ko ma seis non wari', ko ma dez kwa, ko ma onze, doze saco kwa, xi trabalhar ma kamain wa ron ma!

Arnaldo: ...

Nimon: Om om na wari' ko trabalhar, win tumu e' nanain pana' iri wak kaka oro wari' ma.

Arnaldo: Kromikat mon, amon kromikat mam mram main witikon ko tramayikon pe pain ka kem, pain ka mama hein ka wak wa pik'? Kromikat mam mram main witikon kem? Witikon wayam ko pe pain ka?

Nimon: Kromikat rut kon! Fernando na witikon.

Arnaldo: Fernando na?

Nimon: He e', ko ma ira, kao tamana na kayi xe'ko ma wayam ma! Fernando, ma na ... ma na tukun kem ya am pin nain witikon ...

Xinrao': Ko iri ko tramayikon pain ka iri na ne, wari' ko kep kep dinheiro iri na ne, ko ...Nazareno, Nazareno na xin pane? Nazareno ...

Nimon: Depois ka mao pin ka Fernando ne ma pane ira! Mao pin na Fernando!

Xinrao': Krom ho na xin Nazareno!

Nimon: ... krom ho ak ka na ko ma, ko koma ko ajudar ton wari' paxi na, kut min kut min e' non awom, om ka ika tayu hu ta wari' kamain ka kem! Ye ye ka dinheiro ne wa ka kut kut wrayu ka awom ma na ne, oro awom, panela ye ma, xi ma ne timinain ka wari'nexi, ko koma wayam ko ajudar piye, ko min awom min nain panela, ye ye ara xi na kramayinain pik' ma na ne, kut kut pin pan ak kain na iri kwrein dinheiro wayam ma!

Xinrao': He e', ak ima.

Arnaldo: Ye ka mam min min kukuhu iri tokwi too ma pane kem?

Nimon: He e', ye tokwi too.

Arnaldo: Kakam oro narima ma kem ma ma na krawa, ka kut kut mam min takaka oro narima pain, nro nro tokwi too ka min kukuhu ma? Awom ma kem?

Xinrao': Kut min e' ta pano.

Arnaldo: Pano e'?

Xinrao': He e', ot ot xumao e'ak wa na ta.

Nimon: kromikat paxi ta ne ...

Arnaldo: Kromikat main ka wra piyim iri ron ate' ma! Aka piyim hap e'ma ara xi na pain xokwri ka! Kromikat nain ka, ka ak iri ka piyim ma pain xrikon ayi' pane. Wa, ye hora ka sair ta ta arain ara xi ma pa pane, ka wak wa pik' na ne wa ki ak ta xi na, pain ima ... ye ka tomi ta ne ate', ika iri na ne oro ka gravar nem ka xrao' tain na, xrao' ta pain, tentar ara ta pain payaxi ak tain na kem, ara ta pain payaxi ara ak ta pain payakon wayam ak tain na, xi om ne ka ika iri na ne, mo ta nro main oro ... livro nekun wayam ate' om ka het ne ka wari' nexi, ... om ka het ne ... wak na pik' wari' ta, om na!! ak ka om wak ne pik' na ka wari' nexi, ak ka wak pan e' kaka na, ka wari' nexi ka iri na ne, he e' sofrer nana, ye pra ma kaka ... trayu trayu nok pin ara xita ta iri soldado da borracha wa, ma nonon ka receber wa krama ate', enquanto ka wari' nexi ira om napri ma, om ka ... wak na xin pik' wari' ta min xuxun wiyimain ... tan kem wri koko ara xi nana ko wak nana pik' kem, om na! Mo ta nro main oro livro nekun wayam, om ka hrik main, ... wak na pik' wari' ta, om na! Ak ka om wak kamain ka pik' na wari' ye ane na ka ara ak tain ne ika, ye ka ara xi tain na ak tain ne ika, wak na pik' ka wari' nexut kem ta, mama nanain

mi, ye ka ... he e', ye ka tomi ak tim pain menein dinheiro ne nane, kain ka acahar main ka, ma e' nem krawa om ka tati main tan ka kut ta ma, iri iri ka pan tem nein nane! Kain ka achar main ka, mo ta ara rin ika trabalho nexi ka ira miya tra wayam ko in ak nain, xi om ne ka, ka kromikat nekun wayam iri na ne, wak iri tatra pik' ne wra tati tatra in dinheiro wari' ma ak kaka na, ma tra wayam iri ko ka ... ka na ka custar ne ka, ka na yaminain ika ta totron oro wari' nekukun oro wayam ma ak kaka na oro wayam, ma nonon ka kromikat ak ima wa, ... om ka tati kakain iri ka passar nexi pain ka, oro krawa ka vender xi iri ... min e' xita pain wayam, mama mama e' ak kaka na, nro ka tomi main pik', tokwe, farinha ara xi ma, pain ima iri na ne wa! iri ka pan tem nein nane! ye ane ka tomi rik tim pain ka nane, xi om ne ka tan het tokwa wayam pin ara xi na ika nane.

Pain ka to wiyimain ki hein Sagarana pane kem, pain kain iri na ne xo abrir ara xina na pain kain pain ka kut mama xumao kukuhu ara xi na oro padre pain kain pane kem nane, pain kain om ka amon wak kamain he pik' pain kain nane?

Nimon: Xi ma ne pik' pain kain ... kayi mi e' ne kain pane ra!

Arnaldo: Ye pain iri mi pain ka e' na wak wak to e' he pik' nane?

Nimon: Pain ka, iri makraxi ara xi na ika, om ka wak kamain ta pik' pain Ribeirão kain kem, ye ka ka wak pe ta pik' kon na kotema ka pane, kotema in towet pain ma.

Arnaldo: Pain wakem ka nane?

Nimon: ... miya ka trabalhar tama na rut pain pik' ira ...

Arnaldo: ... mo xi ma ka ... iina iina xumao ma ara xi ta pane kem ira! Xi tati xine oro xek nexi ta! Kon ko wanti nonon xre ma pane, wa, iri awi xra ka dois ka wari' ko piyim nain ika ka trama nuhu nane, ma ak kaka ma xra, meneke kem oro narima kam na' kwa.

Nimon: Ak ima xra, xi ma ne ...

Arnaldo: Kromikat kromikat in ki ka ak wa xra, ka iri pane ira.

Nimon: kromikat in kamain wa kain xixi kem ... ka na, ma ta xrao' xin oro payakon oro wari' oro honana nexi, pain ... mao mao ne ak payakon wayam kwa ara ne português nekun wayam nane, pain kra pane ... nara nara ak wa xra, xrao' xrao' ak hein xra, rik ron koyeo iri Nowi ira, iri honana koma, ko koma iri ko rik pin rik pin pi pin na pain ka, rik pin ak kain ... tati xo ak kain na ka tan wa kon wayam kem. Om ka tati kamain rut pain ka tan het tokwa wayam kem.

Arnaldo: Ye ima ka tomi rik e' tim ate' nane! Mo xi kromikat in main ka wak ma pik' ate', ma wari' ko rik min ma pain kwrem, xohra ko ak iri ... ak iri kokwain na ta, ak ikain napa kwre, ... koma xohra ma tati ak irin ara xi na kawati nekun, pain ka wak ma pik', pain iri ka xohra nem nane ate'! Ak iri Maxum kwain ma? Maxum kam we ma? Iri rawet na Maxum ma?

Nimon: He e'. Aka ak ima ta na kem ira, mo xi om wra hra kain ara ka oro yima nuhu ka pane, iri win ma ne ka pane nane wriko ko wra hra kain nana, ... ak tamanho, ak ka ak ima ta ne na pain kayi ka xohra ne, kon tinam ma, pain ka in nexi pain kain pane ... wak ak rut pik' pain ka ara xi na pane, ak ima na.

Arnaldo: Pain kra pane trabalhar tama na ara xi na ka wari' nexi ra nane, ensinar ensinar hap ak tokokwa na oro ko xohron nana kem nane, xi ma ne ... ka ara ni mao wa ta, ye ika ara xi na, ka ara ka ate' kwa ya tiho ya tiho ara xita, pain kra pane nane.

Nimon: Ye ka tomi tomi tatipa iri ka ira tira ... om om pin wari' ko trabalhar ye ika xi trabalhar tama na ki ka wari', ka wari' nexi pain xokwri ka, pain ka hra tama na ne yami tan pain produto nane, iri vender wa ka, farinha, tomi xin farinha, banana, feijão, ima ira ganhar xo ma pain xokwri ka ... pain kra pane ira miya na wari' ko trabalhar arain, lembrar tatipa na, to ximama pin na oro wari'.

Arnaldo: Pain ma iri na ne, pain ma tempo ma kem, wra ma pin paxi na ka xrao' kaka hiyima nane?

Nimon: Ma na, ma na.

Arnaldo: Kon ayi'ma iri na ne, hiyima iri na ne, om ka amon he e', xrao' ara xina na hiyima kwa ... xam to xi, om na ka, mayi ta, mayi ma ma hap...

Nimon: Om na ka, mo tomi tam professora nekun e' kamain wa, mayi mayi mao, am um mês, ye ka tomi xin kra ne ira, am mo ta dois mês am um mês ... pi pin na farinha ta xi nanapa oro yima nem, nara tan ki ak rut, pan ma ak rut farinha, om na ka, wa xrao' ara xina kokwa kain xuxun kokwa kem ta kamain rut kon koyima ma.

Arnaldo: Pan pan pi pin xihe, in mama ma ak he?

Nimon: ... an tikin uma lata xi na oro yima nem, an tikin uma lata xi non, na mayi ta, tan tan ak rut, iri xo xek ne wak wak wa pik' ron ma, iri kotene ka yam wa ma.

Arnaldo: We pin xi na kom, tan ki ak wa? Xi ma ne ka wak ma ak wa, nane?

Nimon: He e', we pin na kom, kut ak main tra, tigela ara xi na wti kon wayam pane, tigela ka ara xi na, xek ho kut in xin too nexi ta, kep mao nain wanayikon ka mao mao pain ka, kep mao ak kain ka na xukun wari' ma kem, ... koko ka nane ... an tikin ak ma tra ...ka na kayi too nein ta, ... tigela na witi kon wayam, ima an to ak ma pain

xrinain pik' ma na, mo ta kawati pin ne, tota hap ma kem, wa mao hap ak ma tra, limpar ak main wana ma tra kem, ... an wra wa ak main, ... tahet mao ak ne, ak ima na ka trabalhar ximao wa arain, iri kotene ka yam wa ta.. ...

Arnaldo: Pain caixa ma iri na ne kam ya ao pin e' ak ne na nane? Iri tomi ma ne? Ya ao ya ao hap ak ne pain ... ma ka mam ya ao xao hap na ta ma ne ne?

Nimon: Too, wra wak to wak to pin ta too ma kem xrum ak ma pain oro kayi too ma tra kem tao to, tao to wa ki ho tra kem xrum ak main tra... pain ka ... om om ka wak ... pik' ne ika wa, pain ka wak nein, tomi ka ak ka xi na oro yima nem kwa ira, om na xrum kain xin, xika pe tra pari, ma ta moin moin hap ne xik ... xik ... hap xin tra xinana pa, ma ak to ton xi na, xrum xinain ka ... mao ak tain xiyein wana, xrum ak kakain xina kem, wa, het tak wet xina xika pe xina xek nein, xrum ak main na too ma kem, ima om ka ... pain pain pain ne xao pin hap na, xek, xek e' na xin pan pin ak main na, ima xiyein ma, xrum ak main tra, hap e' nain caixa ka. Pain tain ka tomi ta kane, wa, iri kotene ka yam wa, wum kem ira ak wa na kem, mi ak mon win ma nem ma ...

Nimon: É assim como sempre falei anteriormente, ninguém morava como atualmente, morávamos em Lage Velho [...] foi lá que o seu tio me falou para extrair o leite da seringa, ele era o meu grande companheiro [...] É por isso que sempre falo para vocês crianças, com as bisavós de vocês, Wem era o nome da mãe do tio de você, assim era o nome da minha mãe também, Wem, vó de vocês, não eram outras pessoas, eram duas irmãs com mesmos nomes, assim foi quem gerou o tio de vocês lá. Quando seu tio me viu, falou:

- Vamos extrair leite da seringa com os nossos filhos primo! Assim ele falou para mim, aí fomos para a cabeceira do Rio Lage, pegamos canoa e fomos remando, fomos para a cabeceira do Rio Lage, lá [...] onde o primo de vocês Paton, está quebrando a castanha, aí fomos, Xikiyi' Trawan era a nossa colocação de extrair o leite da seringa, extraíamos muito a seringa e parávamos:

- Vamos meu primo, agora vamos vender! Assim ele falava para mim, não é como agora, você vende e compra algumas coisas que você mesmo pega [...] não sei se os brancos roubavam o nosso dinheiro! Eles entregavam para nós uma pequena cesta básica, sem nenhuma peça de roupa, chegávamos em nossas casas, ficávamos um pouco na aldeia, descansávamos um pouco.

- Vamos novamente extrair a seringa primo? Assim falava para mim o tio de vocês Awo Xohra, aí fomos para a cabeceira do rio, trabalhamos muito e parávamos, vamos embora, até que uma doença veio [...] tinha o irmão de vocês [...] era para vocês serem seis como homens [...] e três irmãs mulheres [...], perdemos dois de seus irmãos, um menino e uma menina, aí chegamos na aldeia, eram muitas mortes [...]. Não sei se os brancos nos amaldiçoaram, não havia dias para sepultar as crianças mortas, recém-nascidos morriam, nasceu o irmão de vocês, nem chegou a engatinhar, faleceu. Acho que o branco estava muito desesperado, aquele chefe ruim [...] aquele chefe que foi mandado embora [...].

- Vão procurar outro lugar, vão procurar outro lugar para os indígenas! Falou para os seus companheiros, e por aqui chegaram as pessoas que buscaram achar um novo lugar para fazer moradias ou aldeia, veio aqui o nosso bisavô que já nos deixou, aquele que se chamava Xin Xoin, e também este que está ruim agora Tooyi', vieram para cá, e acharam este lugar. Aqui já tinha os brancos, mas foram retirados, antigamente a FUNAI era temida por próprios brancos, os brancos estavam com medo [...] e saíram daqui. Aqui chegaram as pessoas [...] foi único caminhão que nos trouxe para cá, aqui eram muitas pessoas [...] antiga aldeia não tinha mais pessoas [...] você não tem ideia, aqui tinha bastante gente, não sei com o Valdito, foi ele que voltou para antiga aldeia, foram algumas pessoas com ele e ficamos por aqui mesmo, ficamos parados por um bom tempo, até que os brancos da FUNAI, falaram para nós:

- Vão extrair leite da seringa “Wari”! Outros estavam lá, outros pra cá, outros estavam subindo o rio extraíndo a seringa para cá!

- Vamos procurar um lugar de seringa, vamos procurar um lugar de extrair seringa primo! Assim falou para mim, aquele que nos já deixou, a pessoa que gerou os seus primos, aí fomos para cabeceira do rio, naquele local [...] até que chegamos no rio Lage.

- Este é rio Lage primo! Assim ele falou para mim, construimos casas, pra lá tinha muita caça, peixe, pássaros e antas [...]

Arnaldo: As pessoas tinham os seus próprios locais de extrair a seringa?

Nimon: Sim.

Arnaldo: As pessoas estavam subindo o rio, fazendo as construções para o local de trabalho?

Nimon: Sim, foi assim, as pessoas estavam aqui, outros estavam subindo rio, cada pessoa tinha o seu local de trabalho, assim como na castanha, cada pessoa tinha o seu caminho, assim foi a extração de seringa. Aí fui extrair seringa com seu tio, aquele que

gerou os seus primos, antigamente filho o sofrimento era bastante, não tinha algo para levar as nossas coisas de trabalho, se pelo menos tivesse cavalo para nos ajudar a colocar as nossas coisas, e colocar as nossas crianças, pequeno do seu irmão e o seu primo Jessé. Não gosto muito de lembrar. Fazíamos coleta grande, vamos, tinha uma corda específica para embrulhar, amarrávamos bem compacta para carregar nas costas, cruzávamos o rio Tokwi, cruzando deixávamos e chegávamos aqui em casa, retornávamos depois, vamos novamente, sempre combinávamos o dia, era bem cansativo. Não sei por que os brancos não nos ajudavam antigamente, talvez eles poderiam pensar em nos ajudar dando para nós um cavalo, para carregar as nossas seringas, assim seria. Eles roubavam, eles roubaram [...] é claro que eles roubavam, não tinha pessoa que estudava, não tinha pessoa que falasse:

- Parente, vou vender para vocês, vou acompanhar os brancos aqui, eu que vou falar para os brancos! Não tinha pessoas para falar com os brancos. Recentemente começamos a falar, vocês sabem, agora com a idade de vocês estudando, já sabem como falar, como nos ajudar, antigamente não, tinham medo [...]. Eram muitas pessoas que extraíam seringa, filho, acho que com isso eles estavam ficando rico, era muita seringa naquele local conhecido como Chico Pinto [...]. Chegavam aqui os parentes e não deixavam por aqui, convidavam uns aos outros para vender e iam para boca da estrada, pegavam carona do conhecido branco, seu Geraldo, aquele que tinha um velho ônibus, não tinha outro branco aqui, era o único e conhecia bastante parentes. Chegava o tempo da castanha:

- Quebrem castanha “wari”! Assim diziam os brancos para nós, ninguém mais faz isso, agora já sabemos, você quebra, com dois sacos você já vende para o branco, antigamente, não se quebrava pouca castanha, você não tem ideia da quantidade de castanha aqui, lembro num local onde os parentes estão agora:

- Vamos quebrar castanha? Assim falou para mim, a pessoa falecida dos seus primos aí, o tio de vocês com primos de vocês aí, ele não era um parentesco de longe, ele era bem próximo de mim.

- Vamos quebrar castanha primo! Assim ele falou para mim, chegamos em nossa colocação Amaro, passando um pouco de outra colocação Tokon Mre’, acima um pouco agora, quem está quebrando a castanha lá é o tio, Wem Tawinain, esta colocação era nossa para quebrar castanha. Aí era um local parecendo que as castanhas eram plantadas por pessoas, muita castanha aí, nós quebrávamos a castanha, não é como agora, as pessoas

agora não cansam mais nos trabalhos, agora eles têm motor para trabalhar, antigamente pela manhã você remava, até chegar num local onde estavam as castanhas:

- Primeiro vai ser a minha castanha, primeiro vai ser a minha castanha primo!

Assim ele falou para mim, carregávamos todos e chegávamos.

- Agora vamos pegar as suas castanhas! E subíamos novamente o rio, não só as nossas castanhas, várias pessoas com suas castanhas, eram muitas castanhas.

Arnaldo: Recentemente foram feitas estas estradas, na qual agora as motos estão se locomovendo?

Nimon: Sim, aquela estrada é nova, em Lage Velho não tinha estrada, os brancos não pensaram em fazer estradas para nós, tinha apenas um carreador a mata adentro, você ia [...] as vezes fico pensando com os brancos, porque não eram poucas sacas de castanhas nossas, filho, eram muitas castanhas, eles davam uma pouca coisa, quase nada tinha [...].

Arnaldo: Vocês chegavam e falavam: este é meu e entregavam para eles? As pessoas todas traziam para eles e entregavam, eles faziam assim com a seringa e também com as castanhas?

Nimon: Sim, era assim.

Arnaldo: Está é a minha seringa! Quando quebravam castanha: está é a minha castanha! Levavam e vocês não acompanhavam os seus produtos?

Nimon: Nós acompanhávamos, acompanhávamos até, não tinha aquela antiga casa de castanha [...] agora não tem mais.

Arnaldo: Aquela que sempre foi falada, aquela que as vezes é vista lá?

Nimon: Sim, conhecemos, chegamos a conhecer a casa. Eles vendiam, depois eles nos levavam para sede da FUNAI e ficávamos sentados, esperando-os:

- Ficam aí “Wari”! Assim eles diziam para nós, não sei se esse era o momento de eles roubarem para eles.

- Nós vamos conferir o dinheiro de vocês e separar por cada nome! Assim eles diziam, as pessoas ficavam aí sem questionar nada, se pelo menos tivesse uma pessoa que falasse:

- Não vamos ficar aqui, vamos estar acompanhando vocês na contagem do dinheiro! Não tinha essa pessoa.

- Fiquem aí “wari”, vamos estar ajeitando aqui! E fechavam as portas, ... talvez eles acabando as contagens [...] ou, talvez separassem para eles, porque não eram poucas castanhas, assim era a seringa também, não eram pouca a coleta da seringa, a seringa para

os brancos era muito dinheiro, venham “wari”, quando o dinheiro era o cruzeiro e valia naquela época.

Arnaldo: Sim.

Nimon: Cruzeiro, que não está mais em circulação, entregavam um pouco de dinheiro para cada um de nós, não tinha nem pessoa que falasse para eles:

- Cadê as anotações, o dinheiro recebido por cada um? Ninguém sabia quanto recebia por cada castanha sua, e íamos embora, os brancos eram muito ruins, estes aí, que estão ainda lá, eles nem saíram ainda.

Arnaldo: Para extrair a seringa era só em tempo de verão? Era somente neste tempo que as pessoas iam extrair a seringa?

Nimon: Era o tempo de verão, como agora, não se vê mais pessoas fazendo a roça, antes o pensamento das pessoas era fazer a roça, eles faziam roça mesmo quando chovia um pouco, para poderem ir logo coletar seringa, assim eram as pessoas, a pessoa que faz sua roça e faz a derrubada logo, esta pessoa ia logo para sua colocação de seringa, assim eram as pessoas, eles iam para suas colocações de seringa, assim eles faziam, a pessoa que tinha esse pensamento era sábia, agora não se vê mais aquela grande roça.

Arnaldo: Quantos meses vocês faziam a coleta um, dois ou três meses para extrair a seringa? Ou era só quando tinham alimentos, acabavam alimentos e vocês voltavam para a aldeia? Acredito que não sabiam contar os meses antigamente.

Nimon: Acredito que chegávamos a dois meses, porque não tínhamos alimentos suficiente, nós fazíamos farinha, torrávamos grande farinha, farinha e arroz, aquela quantidade grande de arroz plantada, agora se come mais arroz da cidade, antigamente arroz era plantada filho, é por isso sempre falo, agora, não se vê mais pessoas com grande plantio de arroz, ninguém trabalhava sozinho era mutirão, vamos colher o meu arroz, era isso que animava as pessoas antigamente, agora não se vê mais pessoas fazendo isso, torrávamos farinha e íamos, um mês ou dois mês, chegávamos. É por isso que sempre falo do seu irmão, o irmão mais velho de vocês filho, agora vocês estão estudando bem, assim os filhos dos parentes, agora as pessoas estão começando a permanecer em seu local, morei um pouco tempo em Ribeirão, quando tínhamos dois dos seus irmãos, o seu irmão mais velho e sua irmã, aquela que esta neste momento comendo peixe, não sei como ele aprendeu, talvez a cabeça de vocês tenha facilidade de aprender, ele não estudava, eu nem parava em casa, nem importava com os estudos do meu filho, ele estudava só dois dias, e saíamos, colocava ele aqui, ele já era um pouco grande, assim ele andava no caminho, com aquela que sofreu bastante, foi cansativo demais, com a sua irmã.

Aquela me cansava demais, eu a colocava no panelo com sua mãe, junto com farinha, primeiro era a farinha e ela encima. Era cansativo demais a extração da seringa filho, muito cansativo, pela manhã bem cedo você tinha que se levantar 5h, neste horário a farofa já estava pronta, nós tínhamos café, com pouco alimentos que tínhamos, estes alimentos vinham através de pequenos produtos que seu falecido tio vendia, o pai dos seus primos aí, tomávamos café, ninguém falava para outro para ir junto no mesmo caminho para extrair a seringa, cada pessoa tinha o seu próprio caminho de extrair o leite da seringa.

Arnaldo: O que vocês realmente levavam no mato? Como você já tinha falado, a pessoa termina de fazer a roça e vai logo para sua colocação da extração de seringa, o que vocês levavam?

Nimon: Farinha.

Arnaldo: Farinha! Vocês faziam ou branco davam para vocês?

Nimon: Você está falando da farinha? Nós que pegava as poucas coisas, torrávamos farinha para vender, você mesmo vendia, quer dizer a FUNAI, vendia para você, depois de vender eles entregavam uma cesta básica de poucos alimentos para nós, eles nunca vendiam os nossos produtos para entregar dinheiro, vendiam as nossas farinhas e entregavam essas poucas coisas, como açúcar [...].

Arnaldo: Os produtos que vocês tinham para vender os brancos da FUNAI pegava? A FUNAI, vendia os produtos de vocês, eles voltavam o dinheiro da sua farinha, ou este é o dinheiro da sua seringa, dinheiro da castanha, eles faziam isso?

Nimon: Era quase isso, mas nunca deram dinheiro para nós.

Arnaldo: Sim, vocês nunca foram numa loja vender suas farinhas, para pegar dinheiro, sempre era a FUNAI, eram eles que levavam e traziam poucas coisas, os produtos que vocês tinham vocês entregavam para os brancos, sem saber como eles comercializavam, talvez por quilo, lata ou por saco, vocês nem sabiam, quanto custava o produto de vocês, nem o preço da venda!

Nimon: Era assim, mesmo!

Arnaldo: Era sempre assim?

Nimon: Sim, toda vez, quando era na coleta da seringa e na castanha, também.

Xinrao': Era assim na farinha, castanha, os brancos não davam dinheiro para nós filho.

Nimon: Era sempre assim, agora, como sempre falo do irmão de vocês, o mais velho de vocês, não sei como ele aprendeu, talvez Deus, tenha dado sabedoria a ele, nunca

estudou permanentemente na escola, nunca cheguei do mato para pensar no estudo do meu filho, nunca cheguei em pensar de parar de coletar a seringa, chegava do mato, aí ele ia estudar, ficava dois dias na sala. Retornávamos, assim fazia, quando morei um pouco tempo em Ribeirão, não sei como ele aprendia, ele passava em cada avaliação escolar, com suas professoras.

Arnaldo: Quando vocês chegavam do mato, vocês já carregavam com vocês a seringa?

Nimon: Sim, nós carregávamos nas costas.

Arnaldo: Quantos rolo de seringa, quando vocês faziam aquela bola grande de seringa - vejo só nas fotos de vocês com os homens brancos?

Nimon: Nós fazíamos era mesmo com a seringa, aquela que você rodava em fumaça, até que os brancos da FUNAI, falou para nós:

- “Wari” não façam mais com fumaça! Respirávamos era só a fumaça.

- Façam caixa para encher as suas seringas! Foi assim que eles falaram para nós.

Xinrao’: - Para vocês não adoecerem! Assim eles falavam.

Nimon: Era assim mesmo que eles falavam.

Arnaldo: Como vocês aprenderam a fazer seringa no fogo, foram os brancos que ensinaram para vocês? Quando vocês faziam com caroço de babaçu?

Nimon: Eram outros povos que já estavam com os brancos.

Arnaldo: Outros povos?

Nimon: Eu já tinha visto com outros povos, os que moravam em Ribeirão, é como agora, não tem outros povos em cada aldeia! Foram com outros povos, os Macurap.

Arnaldo: Foram eles que chegaram primeiro com os brancos? Assim eles já trabalhavam com os brancos para extrair a seringa?

Nimon: Sim, eles aprendiam com eles, como fazer o rolo, como colocar numa vara para virar aquela bola grande de seringa, todo trabalho de extrair a seringa estes povos já sabiam com os brancos.

Arnaldo: Sim.

Nimon: Era deitar a vara e derramar o leite da seringa para virar aquela bola grande, você girava a vara e jogava a seringa, até que ficava aquele rolo de seringa e tirava para colocar outro e assim era o trabalho. O rolo da seringa era jogar a seringa na vara e ir virando, até que ficava grande para tirar, as pessoas tinham a facilidade de tirar uma vara para colocar outra vara, dando continuidade nos trabalhos, fazendo a bola de seringa na fumaça.

Arnaldo: Sim.

Nimon: O trabalho não era rápido, você pegava o leite da seringa e derramava na vara, o trabalho era grande e cansativo, quando os brancos chegaram a falar para nós, que não era para nós fazermos mais na fumaça, para não ficarmos doente, pediram para nós fazermos em caixa:

- Quando vocês chegarem, despejam nas caixas, assim misturem com o too (caucho - *Castilla spp.*), para endurecer sem precisar fazer mais em fumaça. Ensinararam para nós como fazer este trabalho, falaram que tinha uma árvore que endurecia rápido a seringa e começamos a extrair o leite desta árvore também para misturar nas nossas seringas, com este trabalho com dois dias você já via a sua caixa toda cheia.

Arnaldo: Vocês faziam mesmo a caixa? Pregavam?

Nimon: Sim, nós mesmo fazíamos as nossas caixas, com esse novo método de trabalho começamos a produzir mais, enchíamos e tirávamos, no outro dia enchíamos, com três dias. Ninguém trabalhava sozinho, eu junto com falecido tio de vocês, o pai do primo de vocês, eu pegava outra caixa e ele com a dele, assim trabalhávamos, como falei anteriormente, não tinha se quer uma ajuda para carregar as nossas seringas para chegar aqui, nós carregávamos nas costas, um trabalho muito cansativo. Os caras roubaram muito de nós, como sempre tem parentes falando, não teve sequer uma pessoa que falasse para eles, como agora temos pessoas que falam, ninguém pedia as anotações o tanto do valor de cada pessoa recebia, nada, nós chegávamos sem saber nada, num trabalho cansativo que durava meses em busca deste material.

Arnaldo: Quando vocês iam no mato, é como a colocação da castanha as pessoas faziam assim também, construíam as casas para ficar trabalhando? Ninguém dormia sem casa?

Nimon: Sim.

Arnaldo: É por isso que algumas pessoas tinham uma colocação com castanha e seringa, assim ele trabalhava com seringa e castanha?

Nimon: Era assim mesmo.

Arnaldo: E tinha uma colocação que tinha apenas seringa e não tinha castanha, assim a pessoa tinha que procurar outro lugar de trabalho?

Nimon: Sim.

Arnaldo: As pessoas aqui, é por isso que as vezes são encontradas as marcas de algumas coletas de seringa nas árvores na beira de alguns rios aqui, com antiga colocação dos parentes.

Nimon: Sim.

Arnaldo: Até aqui no rio “hupiye”, tokwi’, são encontradas algumas marcas da extração da seringa em árvores.

Nimon: Sim, todos estavam querendo algo para vender, foi assim em Cajuína, onde estão os poucos gados do seu irmão, estava aí o primo de vocês, estes já se foram todos, último foi aquele que recentemente nos deixou Paton, foi ali que estava seu irmão, né Xinrao’?

Xinrao: Sim.

Nimon: Está lá aquela faca que eles cortavam as árvores para extrair o leite da seringa, você não chegou a ver, é aí que eles trabalhavam, as pessoas procuravam algo para trabalhar.

Arnaldo: Antes do contato, havia uma coisa que os mais velhos usavam em seringa? É claro que com o contato começaram a extrair o leite da seringa, será que tinha o uso da seringa antigamente?

Nimon: Ninguém usava seringa, apenas o towa (caucho), com este as pessoas usavam como luz em noites, quando não tínhamos ainda contato com os brancos, este eles usavam.

Arnaldo: E seringa, não usavam em nada?

Nimon: Nada.

Xinrao’: É com o branco que começamos a usar a seringa.

Nimon: É isso mesmo, eram outros povos que ensinaram nós a usar a seringa, nem outros povos, foram os brancos que ensinaram para outros povos como os Macurap, foram estes povos que chegaram primeiro com os brancos, eles souberam e começaram a trabalhar.

Arnaldo: Estou falando desse daqui pai, como você mesmo falou, só no pós contato vocês começaram a usar a seringa? Estou perguntando na maloca, veja o too é usado como luz anoite na maloca, será que a seringa não tinha alguma utilidade antigamente? Como o povo “wari” sabe que leite da seringa é bom para retirar “bicho/oura” (wkam)¹? Quais outras utilidades da seringa para o povo “wari”, não sei se vocês compreenderam a minha pergunta?

¹ Entre os brancos também é conhecido como berne. O leite de seringa auxilia na retirada do inseto do corpo humano. O processo da retirada do oura (berne para os brancos) constitui-se de coletar o leite da seringa, colocar na parte onde está o bicho, depois disso, pega-se uma folha de uma planta específica e gruda na parte onde o bicho está, a pessoa fica com esta folha até o dia seguinte, pela manhã este pedaço da folha é retirado e junto com a folha o bicho (berne) sai, não

Xinrao': Sabemos somente o uso do leite da seringa para retirar o bicho/oura.
(wkam)

Xinrao': Na maloca os mais velhos não usavam a seringa, quase não tem utilidade para nós, é usado mais o too, como lâmpada anoite, você sabe?

Arnaldo: Sim.

Xinrao': Somente este era usado como luz, o leite da seringa era usado somente para retirar bicheira/oura.

Arnaldo: Perguntei ao senhor Nimon, os trabalhos que os homens faziam, quero lhe perguntar sobre o que as mulheres faziam, mulheres como você, mãe. Toda extração da seringa tem o seu processo de trabalho, quero que você fale um pouco como era feito a colheita de gongo (babaçu), os homens iam para coletar o leite da seringa, vocês já iniciavam a procura, de coletar o caroço de babaçu para colocar no fogo, quando os homens chegassem com a seringa?

Xinrao': Sim, nós fazíamos assim, quando a pessoa sai para coletar seringa, homem, nós chamávamos um menino para acompanhar pegar caroço de babaçu, vamos procurar caroço de babaçu com seu pai, e saíamos.

Arnaldo: Você chamava o meu irmão, quando ele era um menino?

Xinrao': Não chamava ele! Tinha era a madeira com seu pai, eles faziam em Lage Velho, aquele que você girava e colocava seringa, com seu tio Awo, ele era a pessoa que já estava aqui, o trabalho era aquele que você amarrava e colocava na fumaça, eu ia junto com sua tia no mato, a que nos deixou recentemente, nós enchia. O seu pai falou certo, ele ia em outro caminho e seu falecido tio ia em outro caminho, junto estava também aquele seu tio Awo, assim a sua falecida tia me falava:

- Vamos procurar encher os caroços de babaçu prima! Ela era minha melhor amiga, assim nós íamos para o mato, juntar os caroços de babaçu, nós enchíamos em casa.

Arnaldo: Com o que vocês carregavam os caroços de babaçu?

Xinrao': Paneiro (koko e tukat).

Arnaldo: Vocês mesmo faziam? Este paneiro era feito específico para carregar gongo?

Xinrao': Quem fazia os paneiro era sua tia, recentemente aprendi a fazer! Cada um pegava o seu paneiro para encher de gongos, e nós ia junto com algumas crianças que

precisando em nenhum momento fazer força. Assim o povo Oro Waram Xijein, retira este bicho/oura (berne) do corpo.

acompanhava nós no mato, nós enchíamos o panelo e carregava até em casa, voltava novamente para carregar de novo, talvez nós fazíamos duas viagens cada um, não era um trabalho qualquer, era um trabalho cansativo também, fazer fumaça em sua seringa com seu esposo. A pessoa chega com a seringa e os caroços de babaçu já estão ali para ser colocado no fogo, fazendo os trabalhos de girar a seringa formando aquela bola grande, era um trabalho que a pessoa colocava os caroços de babaçu para fazer fumaça para ver o rolo de sua seringa.

Arnaldo: Era esse o trabalho que vocês faziam, como mulher?

Xinrao': Sim, era esse o nosso trabalho, de juntar os caroços de babaçu, do gongo.

Arnaldo: Como era a infância das crianças? O pequeno do meu irmão e irmã? Como já foi colocado aqui não estudavam diariamente, no mato vocês os levavam? Ou eles(as) ficavam em casa?

Xinrao: Estas ficavam em casa.

Arnaldo: Eram somente as crianças um pouco grande?

Xinrao': Sim, eram estas crianças que acompanhavam nós, chamávamos eles para carregar os caroço de gongo, eles só acompanhavam, quem carregava era nós, fazíamos duas viagens com paneiros grandes, chegávamos de coletar e deixávamos o fogo já aceso, para facilitar o trabalho dos homens, à espera de colocar a seringa para adiantar os trabalhos, o fogo era feito em um buraco com caroço de babaçu, a pessoa chegava e já tinha o fogo pronto para colocar a sua seringa, girava e derramava até que ficava aquela bola grande de seringa, esse trabalho é demorado. Outro de colocar a seringa na caixa não era quase cansativo, um pouco cansativo.

Arnaldo: Fazendo aquela bola grande de seringa, vocês chegavam atarde, demorava quantas horas para endurecer duas, três ou quatro horas que vocês giravam? Que horas mais ou menos endurecia, anoite?

Xinrao: Endurecia logo.

Nimon: Quando colocava na fumaça para endurecer?

Arnaldo: Sim, quando era colocado na fumaça com caroço de babaçu?

Nimon: Seis horas, seis horas da noite, acho que chega uma hora ou duas horas para endurecer no fogo com a fumaça.

Analdo: Até que fique aquela bola grande!

Nimon: A seringa era pesada filho, o tamanho do balde era grande, você conhece o balde de extrair o leite da seringa?

Arnaldo: Não, nunca cheguei a ver.

Nimon: O tamanho era assim, a largura da boca era estreito demais, mas era pesado, era cansativo, o seu suor saía parecia que você tomava o banho, era muito cansativo e pesado demais o balde.

Arnaldo: Com único balde, você enchia em um dia?

Nimon: Sim, com um balde, a largura dela era grande só a boca era estreita, era assim a boca.

Arnaldo: Neste período pai, vocês conheciam o que era dinheiro?

Nimon: Não.

Xinrao': Ninguém conhecia dinheiro, a coleta da seringa era muito grande com as pessoas, e era muito cansativo filho, ninguém conhecia o dinheiro.

Arnaldo: Ninguém falava o valor da seringa que cada pessoa ia receber! Vocês nem sabiam quanto custava aquela bola grande de seringa que vocês faziam, vamos lembrar das seringas que vocês faziam com a fumaça, diferente das que depois começaram a fazer nas caixas, vocês não tinham ideia quanto custava este trabalho? Ninguém sabia quanto ia receber por este produto? Ninguém chegou a pensar o valor! Vamos falar da castanha atual, uma lata que custa 60 reais, com uma lata a pessoa já sabe o valor que vai receber! Antigamente vocês nem sabia o valor de cada bola grande da seringa, nem faziam cálculo de quanto iam receber? Ninguém comentava o seu valor! Nem sabiam o valor da seringa, naquela época?

Xinrao': Sim, era assim mesmo.

Nimon: Sim, também era assim em castanha.

Xinrao': Na castanha, na farinha, as pessoas trabalhavam, cansavam sem saber o preço do seu produto!

Nimon: Atualmente, como falei antes, agora, a pessoa torrava farinha, não era com dois sacos, três sacos, ninguém torrava pouco farinha, algumas pessoas tinham cinco, seis sacos de farinha, até com dez, onze e doze sacos a pessoa tinham farinha, agora ninguém está trabalhando! Não tem mais pessoas que trabalhe, agora!

Arnaldo: Você se lembra do branco que esteve aqui com vocês, quando vocês extraíam o leite da seringa? O nome do chefe de posto que esteve aqui com vocês?

Nimon: Lembramos, sim! Fernando, era o nome dele.

Arnaldo: Fernando, o nome dele?

Nimon: Sim, este branco fumava bastante!

Nimon: Depois que Fernando saiu, aconteceu isso! Quando Fernando foi embora!

Xinrao': Depois disso, o Nazareno ficou conosco!

Nimon: Este veio ficar conosco, este quase nos ajudou, ele comprava roupas para nós, mas nunca disse quanto recebíamos! Era com nossos dinheiros que ele comprava roupas para nós, eram roupas e panelas, nós ficávamos felizes com estas coisas, este era o branco que ajudou um pouco, trazia roupas e panelas, são estas coisas que recebíamos com as nossas seringas.

Xinrao': Era, isso mesmo.

Arnaldo: Com estes produtos, recebiam os cartuchos de suas espingardas, também?

Nimon: Sim, os cartuchos entregavam para nós.

Arnaldo: Com as mulheres, o que elas recebiam? Vocês recebiam cartuchos e roupas, as mulheres recebiam o que para elas?

Xinrao': Entregavam para nós, apenas o pano.

Arnaldo: Era apenas o pano?

Xinrao': Sim, aí nós costurávamos.

Arnaldo: Lembro das nossas conversas pai, lembro das conversas que você falou na casa do meu irmão. Você falava dos seus horários de saída, para extrair o leite da seringa, a sua chegada. Como te falei pai, está gravação sua, estarei transcrevendo em nossa língua materna e também em língua portuguesa, este trabalho busca focar mais as atividades feitas por nós "Wari" na coleta da seringa. Nos livros produzidos por brancos, não falam de nós, não citam os indígenas como coletores de seringa, não falam nada! Parece que não trabalhamos em seringa, parece que somente os brancos faziam este trabalho! Não falam dos nossos sofrimentos, já ouvimos falar dos brancos que são chamados de soldado da borracha, este tem os seus direitos e ganham algum benefício, enquanto nós indígenas não temos nenhum direito, não pensaram nos nossos trabalhos que fizemos na seringa, para pelo menos darem um direito a nós, nunca pensaram em nós! Quando você busca em livros dos brancos sobre a seringa, você não encontra povos indígenas como trabalhadores da seringa, não encontra nada! Parece que não praticamos este trabalho, é por isso que o meu foco é divulgar este trabalho mostrar que nós povos indígenas fazemos parte da história da seringa em nossa região, por isso que perguntei para você sobre o dinheiro, pensa num produto que você tem e não sabe o seu valor, isso é muito ruim! Pensa no final deste trabalho, muitos brancos vão admirar, muitos brancos não sabem como foi a coleta da seringa para os povos indígenas, eles pensam que os "Wari" já sabiam ou conheciam o dinheiro dos brancos, talvez pensassem que tivesse um branco que falasse o preço dos seus produtos para eles, muitos brancos não sabem o que

passamos, com nossos produtos que vendíamos, entregavam para os brancos e eles vendiam para vocês, como a seringa, farinha e castanha, isso era muito ruim! É por isso que te perguntei novamente, lembrando que estes questionamentos são no pós-contato, com os homens brancos. Quando vocês foram para Sagarana, quando os padres levaram vocês pra lá, não chegaram a extrair o leite da seringa por lá?

Nimon: Lá não tinha seringa, o mato pra lá é diferente que aqui.

Arnaldo: É com este mato aqui que vocês extraíam o leite da seringa?

Nimon: Sim, aqui era o nosso território, não cheguei a trabalhar a seringa em Ribeirão, foi aqui que comecei a trabalhar com seu falecido tio, e com aquele que estar lá em sua casa.

Arnaldo: Lá no rio Lage?

Nimon: Trabalhamos muito na seringa!

Arnaldo: Talvez eu pensasse, demorei demais para fazer esta pesquisa! Ninguém sabe o nosso dia de amanhã! Falo do meu falecido tio com os meus primos, seria muito bom entrevistar com duas pessoas esta nossa conversa, assim seria com as mulheres também, com minha mãe aqui.

Nimon: É seria muito bom, mesmo!

Arnaldo: Assim outro ia lembrando os acontecimentos e complementando as falas.

Nimon: Ninguém pensava isso, os acontecimentos, era assim, para registrar as falas dos mais velhos, assim como português, seria bom na nossa língua ter os seus registros também, com certeza as pessoas iriam entender, assim vocês poderiam escrever, veja o nosso bisavô Nowi', este era um homem mais sábio entre nós, conhecia todos os locais aqui, ele sabe até como foi o primeiro contato com os homens brancos, como chegamos aqui, nem sei como foi este primeiro contato.

Arnaldo: Você lembra-se como foi a extração da seringa por você, a sua idade ou talvez um jovem que pareça com você, com este jovem, talvez baseássemos a sua idade, na extração da seringa! Você parecia com o Maxum? Maxum, filho da minha irmã? Ele é mais jovem?

Nimon: Sim, acho que tinha essa idade, quem era o mais velho entre nós foi o seu falecido tio, aquele que era o meu companheiro, ele que era mais velho, acho que tinha essa mesma idade, como a do seu sobrinho, quando voltamos pra cá, cortamos seringa aqui mesmo, foi assim.

Arnaldo: Antigamente as pessoas trabalhavam bastante, os jovens eram ensinados com os trabalhos praticados por mais velhos, o que o pai fazia o jovem buscava aprender também.

Nimon: É como sempre falamos, não se vê mais pessoas que trabalham, este era o momento de trabalhar, as pessoas já sabem o dinheiro os preços de produtos, vamos falar destes produtos, farinha, banana, feijão, com estes produtos você ganharia bem, antigamente as pessoas trabalhavam filho, sempre tenho minhas recordações, agora as pessoas não trabalham mais.

Arnaldo: Neste período, já tinha a escola na aldeia para as crianças estudarem?

Nimon: Sim, já tinha.

Arnaldo: Com meu irmão e outras crianças, vocês não chegavam a pensar, nos estudos das crianças ... ninguém pensava em parar de trabalhar para dar estudos aos seus filhos, vocês iam.

Nimon: Ninguém pensava em falar com a professora das crianças, saíamos levando as nossas crianças para o mato, talvez um mês, como falei anteriormente, talvez um mês ou dois meses, assim que terminava o saco da farinha a sua falecida tia me falava:

- Acabou a farinha! Chegávamos aqui e torrávamos novamente, ninguém pensava de como fazer com o estudo do seu irmão.

Arnaldo: Torravam a farinha na aldeia e retornavam para o mato?

Nimon: A sua falecida tia carregava uma lata, eu uma lata também, e saíamos para o mato, pela manhã bem cedo saíamos para extrair a seringa, era trabalho bem cansativo.

Arnaldo: No inverno a água enchia e vocês chegava? Não tinha como extrair a seringa?

Nimon: Sim, água enchia, nós pegávamos a tigela, era o nome em português, pela manhã juntávamos, a pessoa ia em seu caminho para juntar estes materiais e a outra pessoa fazia este mesmo trabalho em seu caminho também, você carregava, assim era o tamanho desta tigela, estes você coloca todos na casa da seringa, para quando chegar o verão, você faz logo a roça para retornar a trabalhar na seringa, primeiro limpando o caminho por onde as seringas vão ser coletadas, você vai colocando as tigelas, até o final do caminho, assim era o trabalho filho, trabalho cansativo.

Arnaldo: Na caixa era só coletar para encher? O que você falou? Você colocava, com o que endurecia logo?

Nimon: To, (planta que também se extrai látex) você já deixava pronto o leite do to numa vasilha, deixava separado, assim que chega a seringa você mistura com o to, ninguém extraia sozinho, esta é minha seringa, na extração, o seu falecido tio falava:

- Vamos trabalhar junto, primeiro vamos encher uma caixa para enchermos rápido! Assim trabalhávamos, eu ia em outro caminho e ele em outro, assim a pessoa que chegava enchia a caixa, com um dia você enchia a caixa e misturava o to, com isso não demorava, no outro dia você já tirava da caixa e colocava outro, na caixa o trabalho foi rápido. Na fumaça que eu te falei, era muito cansativo, você cansava de girar e passava para o seu companheiro.

2.3 Wao', temem, ka pi'wa pain ka pa' kaka krawa ororam xijein - Cestos, arcos, festas e caçadas do povo Oro Waram Xijein

Neste tópico apresentarei a continuidade da entrevista com a anciã e o ancião, agora, o tema central ficou relacionado as práticas culturais do povo Oro Waram Xijein. Contam eles sobre cestos, festas, arcos e como eram feitas as caçadas de animais para a alimentação do povo.

Arnaldo: Ak ima na nane! ... tomi xin, oro ... ka kep nenekem oro narima kwa na', koko wao', tomi wiyimain ximain iri menexi pain ka honana ... pain ka wari' nexi ka na na, ye ika ka kep ... ten ne iri ka honana nexi, pain ka Oro Waram Xijein iri ka, xi ni paxi ne ka oro ka ara nexi ta, Oro Waram, tomi tomi tatipa na oro honana ta ara xima nane, xi om ne ka pain maloca wra krom krom ara xiyexi, pain ka pi' pi' kaka oro honana nane, pram ak tain na ka tomi main, nro ima ka ten he ma kem, ye ika ... ma ta pe nein, ara ta pain mene ka na kem, oro artesanato ara xinain wayam, pram ak tain na ka tomi wiyimain main, win ... trik trik ak tain yaminain tra, tomi rain krawa ka mam kep xine tenenein, tenenein xri', tenenein iram tomi tomi ak main tra, ma ta pe nein papel pari', ima ka ten mama kem?

Xinrao': Wao', wao' ka ten ta ka ira, wao' ... ika iri na ne tukun wari' ... xi ara pan irin ka ta, tukun wari' ara xina ko rik tiho pin wawa kwa!

Arnaldo: Om nonon honana nexi wao'?

Xinrao': Om nonon honana nexi, ma e' na aka ka, om ka ya rik xo tam yim kem, ten tati ma xitain kem! arain ka, arain ka ten na, ten ten ak kut kut ne koko ka kem na wana ne na ma wao' ma! An toko na kut ak kut kut ne koko ka na, tikixat na, an pitiki xat ho ak ne na, ... xi krek xine, om ka tati tain ma kem! Tati e' nain yim ka pane! Ye ima ka ten ta xi ... iri mixi pan ka tomi ta ka, wao' ka ... tukun wari' ara xina ko

yatiho pin ... wawa kwa, ka papam urut ka, ten kayi krawa, ten awi na wao' nexi, iri wao', iri wao' arain ka, arain ka ten an pitikixat awi na, ma ... ye iri ten pan tem kama kopa' ma Too kwain ra, rik nain ka mao tain xrikam koman tika koxama pane, awi na kam kem! ... pram pan xine ka tati pan xine, pain iri mixi pan, tukun wari' ara xina ko yatiho wawa pain ika. Katima iri na ne, pa' e' ara xina katima ka, pa' na katima wak krakat na nomiyi, nomiyi ka kromao ka kromao xat ta ne, wak krakat na, ten ... yokwe yokwe ... an xat pin ak ne kon xina', secar iri na ne ... amon yam pin na tenenein, ya krakat ho ak ne na nomiyi ka, yakrakat ak ne na yakrakat yakrakat pi pin ak ne, tu' tu' pi' pin na ... xek na pa' ak wa mruhut nein na, mruhut nein ka, xek na pa' ak xine na, pa' na i' na, tuku na arain, tuku pan xam pe na arain, kut ho ak ne na tu' iri kotene ka tao krom ne na tenenein.

Arnaldo: ye tukat ma?

Xinrao': Koko, tukat ne me hap hap e' ka ne. Koko na mruhut mruhut ne ka, kut kut ... wa ka.

Arnaldo: ma krawa ka mam ara hein ... ma ka ten mi' ak xine oro ima kem ... ma krawa ka kromikat min xine?

Xinrao': Ye ka mam an tikin wa ma ira, ka mam an tikin xi krawa wa, ka mam an tikin wa, ka mam an to xine krawa, ka mam tut wa, ye ka ... om ka ara an to e' xine, mam an tikin mam mao xine mi' ma ira, ta pa' ma krawa, ka xain ta krawa ma an tikin rain mao' ra pain, narima kem, i'ta, ka mama mama ki xine xitot ka, i' ta papak hot ta kop ak kama, ye ima krawa ka an tikin wa pain xitot pain ka narima nexut ka kem, pain koko ma kem na, ma na ka an pe e' xine ka rik winin xine, ... pain ka iri na ne arain ... pram e' ma ta om ka kut ... iri honana nein ma koko ma kut pri wrawa e' na, mao mao wa rain xitot pain awopa pe ra pain krawa pain ka awi awi ki ne trim ka, awopa pe rain het rain an pri wa e' na, rik winin ta, om ka xin pin xumao xine, ak ima na iri honana, pain ka maki ne koko ma, om ka xin xine koko krek te tamana ta mruhut mruhut ne ka krek te tamana ta, krek te ak xine na tukat ka kem om ka waxrakao xumao kama honana arain, krek winin tamana ta ka papam wa koko ... om ka an pe xumao

Arnaldo: ye ima ka ten mi ak xine koko nane?

Xinrao': He e', ye ima ka ten mi ak xine ma, ka mam an tikin xine, ka mam pa' wa krawa, ka mam i' wa papak, ak ima e' na, ye ma ka ten mao xine.

Arnaldo: hayam kem?

Xinrao': hayam kem! ten mi wa pain ka pahop wa xe, ka pahop wa xe ka, ma, pain maloca iri na ne, wriko koma ye ma toalha nekun arawet ka mam trem ka arawet pain tim, ten ka na kat pe ka tra ... hayam, ten ak ne tra, om ka wiyimain paya pe nein ka, xi om ne ka trem train arawet ara xine, wa wet train monokon arawet ma, ka om pan nekun, wra paoru' pin ra hayam, ma ta an trem xun ta, ak ima na honana, ko tolha nekun ... wriko pano nekun ... ten ak wa ka na payain ...

Arnaldo: ni na menein xe' ma nane, ni ak ne na menekun arawet ma?

Xinrao': ni na, ni ak ne na menekun arawet ma, ten awi ra hayam ka kut pri wrawa ...wriko koma pano nekun, kut pri wrawa, an to xo ak kamain pan na yikon ma.

Arnaldo: miya ... ima?

Xinrao': miya na, kain ka achar main ka tore' ka arawet, xin het pin trem pin, het an kiyi na wirain an trem, ya xina tut kem tokwan xek xina, wixikra kao wixikra kao rehet na ...

Arnaldo: A nara! xika pe tra ma nain ra!

Xinrao': Om na, miya na, krek winin nain ... até ka opa' pa' kain watimain na hayam ta ...

Arnaldo: ak ima na nane?

Xinrao': Ak ima na ma.

Arnaldo: ni ak ne na iri menein xe ma? Ka karaho kraho wa xe ma, ka pahop pahop wa ma?

Xinrao': He e', hayam ma xi hron ne ne, om ka hron ne hayam ka mam pahop wa xe ma, ka mam ka mam an trem tokwa arawet ma ka na pripit pe ka na, xi paya hron ara ne, ak ima na ma kem, mene ni ne hayam ka ira, mam pahop wa xe ka ira, mene ni na.

Arnaldo: wi' kem?

Xinrao': Wi' kem iri na ne, ye ma kem!

Arnaldo: ima hayam ma kem, tenenein katima ak ne ka mam kep xine?

Xinrao': He e', katima ma kem! Hayam.

Arnaldo: Ak ima ak ne na koko, tukat ma kem nane?

Xinrao': katima ane na koko, katima ane na tukat, katima ane na hayam ka kem, wi' ka kem katima na kem...

Arnaldo: ye colchão nekukun honana nane, ka iri ka wari' nexi nane?

Xinrao': He e', pain iri ka wari' nexi ka ... ye ka mam pi'am mao iri ka ira, ye ka mam pi'am mao wa wi' ka, ye cama nexi, ye ane na ka mam pi'am iri pain tim, ye ane na ka mam xam to iri kem, om ka xam pe tuk ta makan ta wa, xi iiri hiyima wet ak pain ka

ensinar ensinar ak wa, kama honana, tati tati ak xine na wi' ma, ak pain ka na kem mo ta ak pain ka wa, ak piye ma na tati tati na, ye ima ka ensinar mao kapri, kakama honana ma ta tati ma, ak ima na. Wi'... wi' ka, hayam ka, hayam ne ni na hiyima ka mam an trem takakama hiyima, hayam ne ni na xe' kem, xi wiyimain ra ne ka mam pahop wa, hayama ka pain xe' ka, wi' wi' ka kem, wi' ne ni na ka xam to wa pain makan, wi' ne ni na ka mam pi'am wa, ka mam pi'am xine, ak ima na, ak ima na kam honana ... ka maki ne.

Arnaldo: Ak ima e' na ka oro ka ara ara kaka honana? Om na tokwi wao'?
Om na brinco?

Xinrao': Om na! Xukun wari'me krama ne.

Arnaldo: Xukun wari' nane!

Xinrao': ak ima e' na.

Arnaldo: Pain ka trama nexi ka ate', tomi nain aka temem, kiwo, ima pe ara xinain ka como arte nukun wari' ta ara xinain wayam nane ka kep tati nekukun oro wari', ni ara xina menekun wayam ka nane ... ima kem, nro ka tomi kamain oro ima na' menekem narima ka papam kama narima e' ara xina ma nane, pain ka trama nexi ka kem?

Xinrao': Narima kem ... ka menekem narima akama na hatu, hatu ka, hatu ka xi rik hein, hatu ka ye ima menekem narima kem, ara ak kama panela ka ka nein na, ka mam kam to wa kom ka mam kam to wa kom, ma ak ne na iri kotene, ka mam arawa tokwa, mo ta ara ta tokwa ma, pe train ka xiyein, pe train ka xiyein, pe train ma xiyein, tiki na manain pain ka an pe ne kotene troyao, tapati' iri kotene, kraho ak ne mon pa' pan, mon pa' pan, mon pa' pan, yam iri na ne, ti' pin e' ane xe'ma, pewet kra pewet kra na... troyao ma, tapati' ma, miya na witi, tapati' na troyao na.

Arnaldo: Ka mam ara wa tokwa?

Xinrao': He e', ka mam ara wa tokwa, om ka moxin ne, om ka tok ha ne tokwa nein xi munu xek ara ne ta.

Arnaldo: Ten ak kamain na narima ima kem?

Xinrao': Ten na, ye ima trabalho nekem narima, ten na, ten ten ten, aka ak kama tama takrak ak kamain na, kut na tohotikon winakon yowin kwa, aka ka tokwi wao' ka, tokwi nain' ka, ka mam takrak xine, tokwi tonxokwa ka, miya na oro material nein ka an to xo xine, takrak takrak takrak wa, topri pi' topri pi' na.

Arnaldo: Ye homain nein ka mam xakao rik xine?

Xinrao': He e', na kawain pin iri na ne, kut ak kamain na, iri kotene xe' an na koko ka, mao nain om pin teo, om pin teo, om pin teo pin nain xe' nein na, arawin na kraho ak kamain, mixi mixi mixi ... yam pin, maki na iri kotene xe' ma, kraho tep pa' pin ak kamain, wa, ka mixi nein trum trum ka na tapati' kam honana ... paka yi' na pum, het ak kamain ...

Arnaldo: Ka tan het tokwa wayam kwa, amon ma tra wari' ko ara nain pain ka tan het pin ak tokwa wayam? Pain iri ka xo tan het ak tokwa wayam pain xokwri ka ta?

Xinrao': Ma paxi ne pane ira, ma ma kakama pane ira, ma na pain ka tan het tokwa wayam, ten ten hrik hrik nain wayam ira, xika pe na ka om ten ma xine... mo ta ma nein ka, pain ka iri ... ma nein Ribeirão pane ira, ma nain Lage ma kem, ma na.

Arnaldo: Ye ima ka kep kama narima nane?

Xinrao': He e', ka ten kama narima, ka kep kama narima ye ima trabalho nekem narima, mo ta tapa' pin kam, maxok ak kama ten ma ak kama kotene ... kotene troyao xina, kraho ak kamain, xi om ye ima ara ne mam ara wa tokwa, mo ta om kem ma om na ka mam tok ma tokwa ... ak ima e' na menekem narima.

Arnaldo: Pain menein ka trama nexi ka kem ate'?

Nimon: Kep ara xina temem ka trama nexi ka nane!

Arnaldo: Ma pana ka mam ara xine temem kokon honana? Ma pana ka mam kep kakain?

Nimon: Ye temem ma ira! Pran nanain, om ka to iri kut kut xumama kakain nro nana ka awi nein temem, tati main temem nane? Ka ma ka tota pe ka koyima Ronaldo kwain, ... ta' xina iri iri wain ka to to teo pin, nakam ak kakain, ton pit pin ak kakain, to' ak kakain, to ka ka pin ak ne kwrein kokon, pran ak xine na, pran ara xina, nra nra xa kana wak ka, pran pran tahet pin, pran an toko pran an toko pran an toko, wiyak ak kaka pain tinain miyak ka, tinain miyak tinain kataxik kem ka na, wiyak ak kakain wiyak wiyak topixik ka xina, ma ane na ka mam ara kakain kem, ma ta topixik ne ak kakain na, hot nana trayain iram ka, ka nein iram ka, ma ane na ya' nein kem, ta nanain katop nanain xik ak kakain na kem, xik xik het maki na aka ma, tokotam ka, tokotam na witi'! Tan', kaka kao' tamana na tenenein, het ak kakain krakat miya ak kakain, xik xik xik ... wa, ... om om na ka kaka kao' ne, ma ara xina pi' nein pain ka kamai wa, iri kep awi tamana ta, ta ak kaka mowao nein, ta ta xinana mowao kwa, moin xina mowao kwa, het ak kakain kraho nana xe' ma, yok trotot nanain homakon mowao ma, yok trotot yok trotot yok trotot mixi ak kakain, xi mixi mao kakain, an tak ka e' nanain,

in toto toto nanain homakon mowao ma... in toto in toto ... ak xine na, mram mram mram wra ta' xipan xrak xinana pana' ma ta yuk mram ne ak kakain.

Arnaldo: Mam pahum kakain!

Nimon: He e', mam pahum kakain, om ka yuk mip' xine, amon pahum xite tut tut xat xina tao'ri' ma an pe ak kakai, mon towet mon towet het xinain hora nein, na ma, kok xokot, xiyami' ak kakain na kem, ara ak kakain xiyein tamain ma pain nomiyi ma kem, ara ara ... nonok ak nein xe', mram trem pin xina, het ak kakain pahum ... ak kakain, wra nro i' wra nro i' moin xinain wao' ka, wao' iri, in ten ten kakama tenenein krao kwa, moyi ka, kayi moyi nane! Tati main nane? ... i' moin xinain, ao' ri' pin xina temem, het ak kakain xina nri' ak kakain wra... miya tamana na koximinain ka kep kep ki kain temem honana Arnaldo! Het ak kokon wra toko pin nonon awom kwa, monokon, trü na, om ka rik kamai mon nane?

Arnaldo: Om na!

Nimon: Ma na kayi ... redondo ak bolacha ma na, kwrak na timiyain, an wa ak kon, koma ko mam trü wa wra kep toko kep toko moin xinonon awom honana ira, ka trü kokon, ima ... ka tomi nein ka, ... ko axi ne na, kayi piwiyakon awom ma, ma ta awi ne pain nomiyi nanain, ko nanain nomiyi ka, mo xrak ak kokon tenenekun me' xina wrein pain ka kem, nri nri ... awi pin het ak kakain, het ak kain an wa ak kain ... ye kiwo ka kem wa, ye ika kat kat to kakain kiwo honana pain ma, in to to pin ka wayam ka, ika ka mama... mao pin main xin ka pane kem ... ? ye ika iri ka kat kat to kakain kiwo honana in to, tomar pin ka wayam ma, mo xi kromikat xo... wari' ko kromikat xo pain ka pane ira ... mam ton pit pe xirain kain, maka xira Ouro Preto kain, ka ane xira, maki xinain ka honana ira, wa, ... kat kat ka xirarain, ka na ka moin ne an tikin iri ... ye xira too nekukun ne!

Arnaldo: Ma ka ara min ak kakain temem ma kem ate'?

Nimon: Mam hru, mam pa' xi krawa nana.

Arnaldo: Mam pa' xi krawa nana nane!

Nimon: Mam hru wa krawa, mam pa' wa krawa, mam pa' wa oro krawa yowin, wa, me'.

Arnaldo: ... ye ka kep min xine temem ma nane!

Nimon: Ye ka kep mao xine kiwo pain temem ma! Ma ta mam ... ye mam kao kaka, moxi om om kokon ira, om xi kao kaka, wari' iri ko bom kwa ira ... ak ikain, ak banana kain tra, ak ika tra ka xat ma ... nain krawa honana ira, wari' ko

om hru kamai, ak ka pe ne tukat kain pin na ... na wari' ko om pa' ira. Pa' e' na me' pain makan, wan nran pain matikon kem, ye ka kep mao xine temem ma ira mam pa' kao xi krawa kaka, pa' na miyak, kataxik, yowin, me komowa, oro me', wa, om ka ... ye ye kawana kokon honana, ka kao'... pra e' kaka, ka kao nekukun kakam oro naman tikaka.

Arnaldo: Xika pe e' ane na oro ima ka kem ne ka trama nexi ?

Nimon: He e', ma ane ...

Arnaldo: canoa kem! Om ka menexi kamai ne canoa nane ate'!

Nimon: Om na! wayam koma, aka ka tomi ta ta ka kem ... kahru ka, tati main kahru nane?

Arnaldo: Tati e' ma nain, om ka tati tain ka tomi ni ka nein kiwo?

Nimon: Ye kiwo ka mam hram xine ma ira, kayi kahru ka, kahru ka iri na ne mam pa' e' wa kon me', matikon me', wan nran, yamop, ma na oro me', pain ka ho ho xine katima ka, ye ima, om ka xika pe xat ne kahru, miya na iri tokwi nain, ma ta mam hru mam hru ta oro me' ak ka... wa pain na kahru ma kem. Ka mam hru tokwa... ye win kromikat ta, ka mam hru tokwa ham kem arain, ka mam hru tokwa tohoyan ta, pain iri ka to to wet wa, rik non xrexik in kono kono pi' ka nanam yim' kwa, Marcos ka pane, om ka pran pran wiyimai ka tra kahru mam pa' ta ham ka, grosso tamana na kwrein, xi meo ara ka pain ka hru tokwa tohoyan nane, mo ta hru mon ham ira om ka ha ne ka ... pa' pin non ira kanaxat ma! xrak tamana na honana arain ... tok yahet pokom kep kaho ron pain tinain pain ka, kep xat ... an mamam, om ka kep nok kokon ham, om ka an mamam ka ton, kep arakuin ka nonon ham honana ira, pain kahru. Om ka kep xat ka e' ton, kep xat ka e' ton ham ne kwa, kep xat ...xoko tom na pain makan pain iri mi, om ka, wa, kep ayin non me kamai wa, pa' pa' pa' ... miya xinon ham ira, wa, na, iri xrak na pain ka wari' nexi.

Arnaldo: Tenenekun me' kem ate'? wra ma tottron tenenekun me' oro honana nexi?

Nimon: Ma me'?

Arnaldo: Tenenekun me' ma ma nonon oro win wari' iri ma?

Nimon: Om na, om na nane Xinrao'!

Xinrao': Om na! ma e' na pain ka pi' wa!

Nimon: Ma e' na pain ka pi' wa.

Xinrao': Ka pi' wa!

Nimon: Tuku xrak e' wa pain ka!

Arnaldo: Ima ka mam tuku wa ma kem?

Xinrao': ... hrohot e' ra ... xi ma ara ne mronakon pato kwa nane! ... mronakon, mronakon.

Arnaldo: Ma mronakon me' ko kut wa kem?

Xinrao': ... wayo', mronakon wayo'. Ka pi' wa iri na ne!

Nimon: Ein nonon wayo' ... me' ko usar wa ... usar wa ... ko kut nonon tramin, krakan, torao', mawo kwa kem! Ko koma ko usar e' kaka! Om ka ara kaka! Pain ka mam pi' xi kaka!

Xinrao': Ma train tawati' tenenem, het aka tra an koko, an to aka, an to e' na mronakon, towo na wari' ko xikao' rik, ko xo tenenekun, het aka hrohot ron an to aka kep nain tawati' mronakon.

Nimon: Moin na kayi tenenekun me' roma ... om ka wiyimain ne ...

Arnaldo: Ye ima ka ma e' nonon honana nane!

Nimon: ... xi om ka xiyein ne kem! Menekun honana nexi ara xina pain ka pi' wa nane! Wa, om ka ara rik kamai ne pain ka hiyima, ... mo xi ara ... xi ma ma ka honana, iri honana nexi ta, mao ta pin ara xina koyeo' iri Toyi kwain kem, ka pi' wa ira, om ka pi' e' wa, ye ka tomi kama yim ma, kao ya tamana ra, iri tawati', tawati' ... ta ta wa mowao' nein ka, ta e' wa xokwri nain winain, xikao rik ... oro wari' ara pipin nanain tenenekun me' ko towo ma, wa, towo towo ka na ka wina wa, ram koko xin nana tamra ma ira, wa, mawin ka ira, om ka pi' e' kaka, mawin , orop, ka wkre wa ka, pain ka tukuwa ka, xrao' pe ka na mawin, wa, hrik nimama na wari'... om ka ara kamai xine pain ima ... pain menexi ima, pan ra am pi' pin na.

Xinrao': He e', pan ra am pi' pin na!

Arnaldo: Wakam ka kem? Ma wari' ko kep nain wakam? Ma wari' ko ara nain?

Xinrao': Trama!

Nimon: Trama, ka trama nexi, ima wakam ma iri na ne, ara e' na pain ka ma ne tokwa, om ka ara ximama kakain.

Arnaldo: Maki xi nana xukukun ta! Ara aka ka wakam, tok xi tokwa ta, ara ak kaka wakam?

Nimon: ... ka na ima, kon honana nexi, pirat ta xina ka mo rik xiyexi nane, mo pirat ta oro wari' pain kain e' ta ak tukukun na, ma, aka to iri ka tra nane, ak pain ka om pe ka wari' pain ka to kaka krao kwain tra, mo pirat rik ta wari' pain kain e' ta, nara, ima pain kain, tomi wayim pin nain tokwa, pain kain, mo ta maki kain ka nane, tomi pan ak ka tra titi main trim, om na, huhu trut pahu, ak kaka na, huhu trut pahu ton min trut pana' ta ak kaka na, ima pana' ma om ka ... ka xra

payain, mao nain patikom kain, het xat pe ka e' na, ak ka om hra ne e' na pain ka! Iri kotene papak, xrum ak kakain na, om ka xika pe ara ra tokwa, rik e' ye, wa, xam nain xrikakam oro narima, ye ka tomi kamai kotene hatu yim ma ne, kam xrum kam xrum e' na pain ka oroyimain ... ki ne ka, kam kam moin moin xrum xrum e' ak kaka main na

Xinrao: Om ka wiyimain ne xin krip ta arain, pe train ka, ep' nain ka, ep' tuku krakan na ... kotene moin koma , iri kotene maquina... ..

Nimon: He e', xrum xrum xrum moin ... pin na kokon nane, kromikat pan aka ka tra ko tomi pan wawa ma, kromikat tatrain, ... mo rik ta e' ak ka tra nane, na, mayi ta, om ka trutut e' kaka, miyak nana, miyak nana, ma na oro kayi trakom kokon ... hehe hehe hehe, iri xrak na ka wari' nexi arain, tuk ak kaka hrowa, om ka he e nok nain ka tuk wa hrowa ma, ayin mao ra tain wa ... xi om an tiho xin miyak ak kaka nane, tuk tuk tuk towo towo, mo ta tan mama kaka yok ... tata pain hrowa ma oro wari' titimain tokwa ma, ima levar pin ak kakain, pi' ximi pin ak tokokwa, om ka piximi rik ... a a tok wiyimain e' tra, ka wari' ira, iri xrak na maloca, wa, oro narima ma ... wra maxok pe tra nran ma, nran nain payaxi, wra maxok pe tatra nran ma ... tok pan tem mao, nran ka tomi ta ka, om ka hot ra na ne, hot e' nain tawati', wa, xrak tamana na... wa, perder pi' pin ne menexi ka ira ti ra, nama toto tok toto tok, kep ak kokon yatam ma na, yakrak yakrakat ... het nanain xiyakom ma ... tapit na, mama rut ta, nara, tan mama nana, na awi pin na, aori' pin na ta, nara, tan mama nana ko ... piximi wa ma, maki ak kakain ... wanayi kokon, ne wiyimain ne carreador ma ne, wa, ak pain ima na taori nain, ye pain ka na kem... om om na pana' ka tain nem, ta het ... am tati tati pan kaka tra, na mayi ta, wra tok pin xin kokon, nara, mayi, miya na koximi, hronain rowin ... ka na kotene ... oro kayi krawa pain ima kokon, wa, rik awi tamana na xi ma ma ne, ye iri tama xin to tamana na hron ma, xin to tamana na hron ma hun koyeo' iri pane, kromikat nain... wriko iri ko hrik hrik nok pin oro honana pain kra pane.

Xinrao': Xi ara pin ara kain kem ron! Ara pin ra kain ...

Nimon: He e', hrik rain pan ra am ... hrik rain ka iri tomi ka pane, pan ra am xo na payaxi, pan ra am xo na krawa iri ara ara iri, wa, ...

Arnaldo: ... oro ima kiwo ma, ... ka ten wa hatu, ka kromikat min xine ara ara e' ak wa pain na nane, om ka ara tain ma na krawa ka pram ta kam kao kwain, min tam pain hatu ne ka min ak kapa ... hayam nekem tra! Oro honana ten tati pipin nana nane? Ka trama nexi ka kem, ak iri ka ensinar, ensinar hap takakama oroyikakam ma ane pain ka ensinar tokokwa pain ka ara wa temem, kiwo, ... ka na ka ara ne ... ka na ka papam ne ka trama nexi ta ak tokokwa xina hiyima nane!

Nimon: He e', ye pra tati tati tikin kaka oro hiyima pain ka xohron nexi ka ira, até ko xohron nana, ak pain ima ki ne ... ara tati ak kakain kiwo na kem, papat ka wa, miya na koximinain, pa' pa' ... pa' nana me' mam ara wa kiwo ma nane, me' komowa, wayo, oro me', ak ima na.

Arnaldo: ho ho ak wa me' ma ta, ka ka na ak tokokwa na hiyima nane?

Nimon: He e', ho ta pain ima ... win ne ka ho wrayu iri winain taprain kain pane, ma na ka ho xine winain katima ka to to irain, xi ka na tuhu pain pane ta, winain katima ka wra winain ... ton ho ton ho ka... ka tra ka moin nein ma ... tati iri train me' ne, wa...

Xinrao': Om ka an pe ka ko ate' wa, ma ta hru' tati ka mantita na honana, kaka tra oroyimain kawa nekun, tao ak ka, xi tomi xo ka koma, tao aka tahot mayi non mantika mao ... maki na oro me' ma pa' pa' ... hiyima, mantika ma ta hru' tati ka mantita na, ma ta pa' ka ... an mao ak kon xina, tao tao moin, ye ka tomi ka kotema ma ne, to na katima ka,... mam na ka tuku tuku ne oro yimain manain tahot ma, maki ak ka, hru ron yok an xat min non pain wrein kawa nekun ma,... ka na wiyimain kiwo ta ... oro yimain kiwo e' na, pa' pa' pa' na mayi, ten aka tikiram xina koteka ma, ma pan ane ka pa' ka xina koteka ma kem, na tuku ... krek te kret te na honana, ye ka trenar mao kaka pain ka pa' wa, ak ima na.

Arnaldo: Awina.

Arnaldo: Mãe, queria que você falasse um pouco dos trabalhos ou materiais que as mulheres faziam, sobre os paneiros, cestos, fale um pouco destes materiais, nossos com os mais velhos, quais as mulheres faziam os materiais do povo Oro Waram Xijein, sei que os materiais não são diferente do povo Oro Waram, assim diziam os mais velhos, você falava na maloca estes povos já tinham proximidade, queria que você falasse um pouco destes materiais, assim como este cesto que está fazendo agora, queria colocar no meu trabalho, os brancos chamam de artesanatos, quero que fale um pouco, depois tiro as fotos, fale como é feito, com que material se faz, com que palha, assim podemos colocar no meu trabalho, este que você está fazendo, o que é?

Xinrao': Cesto, é cesto que estou fazendo, cesto este é de outros povos não fazemos este, são de outros povos que observamos e refazemos!

Arnaldo: Os nossos mais velhos não tinham cestos?

Xinrao': Não tinha com os nossos mais velhos, tinha era, eu via com sua falecida tia, dava para eu aprender! “Arain ka”, era confeccionado, parecido como o paneiro, tinha

sua listra com palha, este cesto! Era confeccionado deitado, era feito como paneiro, era colocado em pé, não é mais visto agora, nem sei fazer também! Quem sabia era sua falecida tia! Este nós fazíamos com nosso povo! Este que estou falando, cesto, são de outros povos que refazemos, este que estou fazendo aqui, o nosso cesto é bom de fazer, o cesto “arain ka” é feito e colocado em pé, muito bonito, este cesto vi com sua avó Too, fazendo, vi quando fui à casa do seu irmão, é bonito com ela! Talvez se nós pensássemos em aprender, porque são de outros povos este que estou fazendo aqui. Com palha de babaçu, com folhas bonitas se corta para fazer paneiro, você procura até achar estas folhas, coloca no sol, até secar, depois de secar um pouco, começa a fazer o paneiro, é feito com carinho até terminar, em outro dia se busca fazer “mrohut” (o acabamento do paneiro) para confeccionar e colocar por dentro do paneiro, assim é feito o paneiro, usado para carregar os alimentos da roça e outras coisas.

Arnaldo: Tem quantos tipos de paneiros?

Xinrao’: Koko, tukat é feito rápido, koko é demorado e trabalhoso, este é com “mrohut” (paneiro trançado).

Figura 05: Crianças na aldeia com Koko



Fonte: AUTOR (2023)

Arnaldo: Por que vocês confeccionam estes materiais, vocês pensam em usar como?

Xinrao': Serve para carregar nas costas, carregar as coisas, serve para carregar e colocar as coisas, é levado nas costas para ir ao mato ou na roça, não é feito por enfeite, é feito para levar no mato para caçar e colocar a caça assada, são estes trabalhos. O homem usa o paneiro no seu cotidiano, antigamente, e com as mulheres, elas usam para ir na roça pegar milho, macaxeira (mandioca), são estas coisas que nós mulheres usamos paneiros para carregar as coisas na roça, temos dois tipos de paneiro, koko e tukat. Koko é trabalhoso as vezes você não quer sujar este paneiro, usando para carregar as coisas. As anciã destes paneiros gostam de pendurar os seus paneiros, depois de chegar da roça, colocam as coisas na casa e pegam o paneiro limpam e penduram, assim elas faziam, tudo era cuidadoso, não era usado e jogado fora, assim as anciã faziam com seus materiais, no trabalho de confeccionar o paneiro (koko) as mulheres cuidam como se fosse um filho, não deixavam sujo e não jogavam, assim era também o paneiro (tukat), estes materiais para as anciãs era valioso demais, não jogavam no chão e não deixavam sujo, assim as mulheres usavam estes materiais. Não era confeccionado por acaso!

Arnaldo: Assim era confeccionado os paneiros para sua utilidade?

Xinrao': Sim, era confeccionado para carregar nas costas, colocar a caça, milho e macaxeira, assim era pensado para usar o paneiro com os mais velhos.

Arnaldo: E abanador?

Xinrao': Abanador, era confeccionado para abanar o fogo na maloca, este material era a toalha do menino(a) para dormir anoite², era confeccionado com este tamanho, abanador, era feito com o tamanho maior de largura, para ser dormido pela criança, na gestação da mulher este material já é feito antes, para aguardar a chegada do menino(a), assim era antigamente, este era a toalha, o pano, tudo era feito com carinho.

Arnaldo: Era outro abanador para abanar o fogo, e outro para as crianças?

Xinrao': Eram diferentes o abanador de fogo. Para as crianças era confeccionado abanadores e colocados em cima da casa, estes eram as toalhas das crianças, a mãe da criança é que cuidava destes materiais.

Arnaldo: Eram muitos?

Xinrao': Sim, eram muitos, imagina uma criança mijando a noite toda, era retirado quando o abanador ficava com muito mijo da criança e colocado outro para ele(a), e os usados eram jogados para fora.

Arnaldo: É verdade! Pensei que era único para cada criança.

Xinrao': Não! Tinha vários para cada criança, ninguém pegava, até que a criança dono deste abanador, cresça engatinhando.

Arnaldo: Era assim!

Xinrao': Sim.

Arnaldo: E abanador de fogo era outro? Pra fazer o fogo precisa de um abanador?

Xinrao': Sim, era outro, estes para abanar o fogo são pequenos, e para colocar as crianças eram grandes, as larguras eram largas, assim era feito, de abanar o fogo é diferente.

Arnaldo: E a esteira?

Xinrao': Esteira, são um dos materiais que nós fazíamos também!

Arnaldo: O abanador era feito com qual palha?

Xinrao': Era feito com palha de babaçu.

Arnaldo: Assim também era feito com esta palha os paneiros (koko e tukat)?

Xinrao': Sim, assim era feito o paneiro (koko e tukat) com a palha de babaçu, o abanador e também a esteira, todos eram feitos com esta palha.

² Os abanadores não são mais utilizados para os recém-nascidos, atualmente passou-se a usar o colchão, com isso este material está perdendo a sua utilidade prática. Entretanto, o abanador de fogo ainda é feito e visto por serem utilizados para abanar o fogo no cotidiano da aldeia.

Arnaldo: Esteira, este era o colchão dos mais velhos naquela época?

Xinrao': Sim, nós indígenas usávamos sempre para dormir, este nós usávamos para deitar, a esteira, o nosso colchão para dormir a noite, não somente para dormir, também usávamos para sentar, ninguém sentava no chão da terra sem esteira, desde criança são ensinadas como fazer estes materiais, as mais sábias da família sempre ensinavam as crianças, assim você sabia produzir estes materiais, com este tamanho, com a idade da sua filha, as moças já sabem como fazer a esteira, estes eram o que as meninas precisavam aprender desde criança, com as mais sábias, assim era feito. Esteira, abanador, existem diferentes tipos de abanador como falei, um para colocar crianças recém-nascidas e outro para abanar o fogo, que era mais pequeno, assim também a esteira, tinha esteira específica para sentar e outro para dormir, assim as mulheres antigamente faziam em nossa maloca.

Arnaldo: E o que os homens faziam Nimon? Vamos falar de arco, flecha, estes são conhecidos pelo homem branco como arte do povo, o saber fazer do povo, diferente que dos homens brancos, o que eles faziam ou aprendiam com os mais velhos?

Xinrao': As mulheres também faziam pote de barro, sabe aquele pote, acho que vocês não chegaram a ver, este a mulher fazia, a mulher fazia panela com este pote para colocar água, água reservada, e tinha outro maior, que servia para fazer chicha, para fazer chicha, você tinha que ter um pote aqui, outro ali e outra lá, todos cavados no chão para colocar a chicha com estes grandes potes, chamados de “troyao”, tapati' era outro nome também, você fazia chicha com estas panelas grandes de barro e colocava ao fogo e mexia, até a chicha ficar pronta e tirava as lenhas de perto para diminuir o fogo perto destas panelas de chicha, deixava aí nos potes “ troyao' e tapati'”, são estes nomes usados nas panelas de barro para fazer chicha.

Arnaldo: Estes eram feitos somente para chicha?

Xinrao': Sim, para fazer chicha, não eram pequenas, eram enormes, você nem dava conta de muita chicha com estes grandes potes.

Arnaldo: A mulher fazia também este material?

Xinrao': Ela fazia, este também era o trabalho da mulher, ela produzia, ela pegava o osso da cabeça do macaco para lizar, caroço de tucumã, caroço de najá, são estes vários materiais usados para fazer o acabamento destas panelas de barro, para ficar brilhoso ao ver.

Arnaldo: São materiais que lubrificam os potes na sua construção?

Xinrao: Sim, depois de fazer e deixar secar um pouco, a mulher vai em busca de lenha, pega panela e vai, chega com várias cargas de lenha, até entardecer e coloca o seu pote no fogo, ela começa a colocar debaixo do fogo até ficar pronta, com este grande fogo na hora de tirar para ver, você não imagina o quanto era tão avermelhado o “tapati”, com as grandes sabedoras, era vermelho.

Arnaldo: Agora, atualmente, será que algumas pessoas chegaram a fazer este grande pote? Estou falando agora no pós-contato?

Xinrao: Sim, tinha pessoas que sabiam fazer, as mulheres faziam e os brancos chegaram a ver com elas, agora não se vê mais recentemente, talvez tenha aqui o barro para fazer estes potes, sei que lá na T. I. Ribeirão tem e aqui em Lage também.

Arnaldo: Este a mulher fazia?

Xinrao: Sim, a mulher fazia, este era o trabalho das mulheres, quando quebrava, ela fazia novamente, pegava o barro e assim ela fazia, com grandes potes de chicha quando quebrava a mulher tinha que fazer novamente, sem este material não tinha como fazer chicha ou colocar estes são os feitos de mulheres.

Arnaldo: Agora, pergunto a você pai, os feitos pelos homens?

Nimon: Sabemos que nós homens, fazemos arco!

Arnaldo: Com qual material eram feitos os arcos?

Nimon: É com pupunha de arco, mesmo! Era cortado, não era qualquer pupunha para fazer o arco, você sabe pupunha de arco né? Aquele que há na roça do seu irmão Ronaldo, cortavam as mais duras pupunhas até cair, cortavam e partiam os lados bom de fazer o arco, para fazer o arco tinha que ralar a casca de pupunha, até ficar numa largura específica de arco, eram muitos arcos tirados na medida, com este material. Era ralado com dente de queixada, com dente dessa caça e de porquinho, eram usados para ralar o arco, o trabalho era feito com estes materiais, ralavam até ficar liso, e outra que eles faziam com arco para ficar mais liso é com o broto do açaí, com este e com (ya') de açaí, com estes materiais eram feitos lixamento destes arcos, o trabalho era para fazer brilhoso, depois disso, vinha uma folha chamada (tokotan), este é o nome! Esta folha é grossa servia para lixar o arco, tiravam bastante para fazer o trabalho de lixar, o trabalho era bem feito, passava a mão sem ter medo dos espinhos de pupunha, era liso e bonito, depois disso, procuravam gongo, tiravam bastante e faziam fogo, com isso eles passavam a gordura de gongo nos arcos e começavam a assar, não assavam, colocavam somente para esquentar o arco, colocavam bastante a gordura do gongo, passavam até ficar mole o arco, para

facilitar no trabalho de manusear para entortar a ponta do arco, já deixavam pronto uma madeira específica para entortar a ponta deste material.

Arnaldo: Manuseador de arco!

Nimon: Sim, manuseador de arco, não era pegar e entortar com força, entortar até que fique num ponto específico adequado, aí eles deixavam, depois disso, eles retiravam este lado e passavam a assar o outro lado do arco, eles faziam a mesma rotina do outro lado até que fique mole para entortar a sua ponta, já deixavam pronta também a folha de tucumã e retiravam (moyi wao'), estas folhas que as mulheres usam para fazer cesto, eles pegavam ou retiravam apenas (moyi wao')! Você sabe este que estou falando? Tiravam bastante essa folha, depois de aprontar o arco, passam a fazer uma corda deste material, é muita coisa para fazer o arco, Arnaldo! E tinha também o algodão, os homens faziam, chegou a ver não, né?

Arnaldo: Não.

Nimon: Tinha era redondo igual bolacha, furado ao meio, com isso se costurava o algodão, os mais velhos já deixavam de prontidão este material, também assim era feito, e também eles pegavam o broto do algodão para colocar na ponta do arco para o seu enfeite, e no outro lado da ponta, colocavam as penas de aves, também, depois disso, eles pegavam e penduravam. Assim eram flechas, aqui era o local onde os antigos mais velhos pegavam flechas, neste lugar onde os brancos estão, aqui eles iam, você já foi pra lá, onde estão as flechas? Aqui era o lugar, onde os mais velhos sempre pegavam flechas, o lugar onde os brancos tomaram de nós, se pensássemos pessoa que pensasse neste lugar, eles demarcariam a nossa terra incluindo aquele lugar de flecha, até na cabeceira do rio Ouro Preto, assim seria muito bom para nós, os mais velhos chegavam lá, tiravam bastante, carregavam nas costas. Este era a arma deles na caça!

Arnaldo: Por que, eles faziam arco pai?

Nimon: Para matar a caça.

Arnaldo: Para matar a caça, somente?

Nimon: Somente para caçar, qualquer caça, como macaco e aves.

Arnaldo: É para isso que se fazia o arco?

Nimon: É para isso que se fazia, flecha e arco! Para eles comerem, sem estes materiais não tinham como pegar caça, e tinha pessoas bom de flecha, distância longe ele consegue pegar a caça, assim os mais velhos pegavam, e tinha pessoas que não sabia matar com distância menor, ele consegue matar somente fazendo tocaia para esperar pássaros na terra, assim é a pessoa que não sabe matar. Com estes materiais, os mais

velhos alimentavam seus familiares, matando os tipos de aves, caças, como, queixada, porquinho, macaco, mutum, e vários tipos de aves, são estes que traziam alimentos para os mais velhos, para a alimentação dos seus filhos.

Arnaldo: São somente estes que nós homens fazíamos?

Nimon: Sim!

Arnaldo: E canoa! Não era nossa?

Nimon: Não! São do branco. Um tipo de uma flecha (kahru), conhece esta flecha?

Arnaldo: Sei, mas não sabia que tinha um nome diferente.

Nimon: Esta flecha é usada somente para matar aves, como, nambu galinha, nambu azul, todo tipo de aves, quando você fazia tocaia com caroço de babaçu, a pessoa não fazia apenas um, tinha vários para flechar somente aves com esta flecha. Tinha para flechar [...] uma que estava lembrando, a flecha para pegar peixe, a jatuarana, quando estava no mato trabalhando com seus falecidos tios com sua mãe, o Marcos, ele fazia esta flecha com a grossura grande, porque com a flechada a jatuarana não fica quieto, na hora que flechar um peixe, você não fica esperando ele debater até morrer! Os mais velhos, eram espertos demais, eles pulavam na água para pegar os seus peixes flechados, para não deixar o peixe escapar, eles abraçavam com os braços. Eles seguravam firme com os braços e traziam para terra, jogavam na terra e acabavam de matar, não tinham medo nenhum, flechavam bastantes peixes, assim eram os nossos mais velhos.

Arnaldo: E cocar, papai? Os mais velhos nossos existia cocar para eles?

Nimon: Que cocar?

Arnaldo: Estes que os nossos parentes usam em suas cabeças?

Nimon: Não, tinha não né, Xinrao'?

Xinrao': Tinha, não! Tinha era um somente nas festas tradicionais.

Nimon: Sim, tinha somente nos cantos tradicionais.

Xinrao': Somente nos cantos tradicionais!

Nimon: Tinha que amarrar somente aqui!

Arnaldo: O que, era amarrado?

Xinrao': Era tirado, não tem aquelas penas menores de pato! Estas penas menores, as menores.

Arnaldo: Que tipo de penas eram usados?

Xinrao': Gavião real, penas menores, nos cantos festivos!

Nimon: Pegavam pena da arara, papagaio e mawo (um pássaro)! São estas aves que usavam! Para canto nas festas tradicionais!

Xinrao': Na sua cabeça tinha que ter óleo de babaçu, para colocar as penas de aves, você tinha que ter cabelo molhado para segurar as penas de aves que eram colocados, com estas penas a sua cabeça ficava branca e bonita.

Nimon: Era muita pena de aves, não eram poucas.

Arnaldo: São estes que os mais velhos faziam na festividade!

Nimon: Não era de outros povos! São do nosso povo nas festas tradicionais! Não é mais visto agora, crianças, se nós fizessemos e não temos mais os anciões, que são mais velhos, acho que o mais velho que está entre nós é o nosso avô Tooyi, nos cantos tradicionais, como a sua mãe falou, tinha que passar o óleo na cabeça com as penas de aves, óleo natural feito por nós mesmo, este óleo vem do babaçu, onde se pega o gongo, você passava em seu cabelo, todas as pessoas estavam com penas de aves brancas na cabeça, era branco demais a cabeça, ao chegarem no lugar do cântico, era lindo demais, as pessoas não só cantavam com penas na cabeça, tinha urucum e jenipapo em seus corpos, em nariz e nos olhos se pintava o urucum, a pessoa era reconhecível, com estas pinturas, não se vê mais isso, este era o nosso, estão se perdendo.

Xinrao': Sim, estão se perdendo mesmo!

Arnaldo: E o Wakam³, um instrumento musical, onde são tocados por duas pessoas.? Quem faz?

³ Este é um instrumento musical, que é tocado por duas pessoas, geralmente é tocado por homem. O instrumento é feito pelo homem, um tronco de uma planta chamada *Trawan* é cavado por dentro para emitir grande som. Este instrumento é feito nas festividades onde outros povos são convidados para beber chicha em outra maloca. Os preparativos da festa são organizados pelo povo que irá receber estes convidados, constroem estes instrumentos para recepcionar os convidados desafiando um concorrente para tocar o instrumento chamado na língua materna de Wakam. Este é um dos instrumentos musicais que nas festas tradicionais o povo Wari' proporciona aos seus convidados para a sua recepção. Também existem outros instrumentos musicais, como: Towa (tambor), Hiroroin (material feito pela taboca com ouriço de castanha) do povo Oro Waram Xijein.

Figura 06: Anciões tocando Wakam na aldeia



Fonte: Diocese de Guajará Mirim, s/a

Xinrao': Homem!

Nimon: Homem, nós homens fazemos o Wakam, este era feito somente, quando tinha chicha, não era feito atoa.

Arnaldo: Com a chegada de outros povos, eles faziam o Wakam? Pensando em tomar chicha, eles faziam o Wakam?

Nimon: Assim, os mais velhos faziam com este, é como agora, a pessoa vai passear numa aldeia e fica l, assim faziam os mais velhos, uma pessoa falava para outros que irá sair para ver outros povos e ia chegando na outra aldeia os donos da aldeia falavam para esta pessoa, cavar umas toras de árvores e fazer a chicha, esta tora era profunda demais, era muito milho, para fazer a chicha, até chegar a tampa desta tora! Não, era uma pessoa que fazia, todas pessoas participavam, cada mulher, em sua casa tinha chicha,  como a sua mãe falou das panelas grandes de potes, tudo era despejado até encher esta tora de árvores com potes pequenos até encherem.

Xinrao': Neste trabalho de fazer chicha, a pedra de moer o milho, era enorme meu filho, a mulher ficava em outro lado e a outra ficava do outro, grande moinho, grande máquina.

Nimon: Sim, era despejado e enchido com eles, quem lembrava deste convite, eram as pessoas que pediram as toras de árvores, se juntavam para ver, não iam sem o enfeite, eles se melavam com a lama, fazendo como queixada e cortavam bambu para assoprar, era animao total, todos participavam, passavam lama em todo corpo, ninguém observava o outro, todos se melavam na lama, eles imitavam a queixada, eles ficavam

branco, branco demais com a lama, na chegada, eles passavam e melavam os donos da chicha com estas lamas do corpo, com a chegada deles no local da chicha, eles começam a levar panelas de barro de chichas, não eram poucas, não pegavam panelas pequenas para facilitar os convidados. Na maloca era assim, as mulheres deixavam de prontidão “nran” (resina do caucho), este é nome em nossa língua, já deixavam aí “nran”, este que estou falando, no cabelo, não desgruda facilmente, só com óleo de babaçu que saía, era assim, tudo está se perdendo, com muita chicha, as pessoas tomavam até que as câimbras puxassem em suas pernas. Faziam água morna, ficavam bom, assim eles iam embora, chegavam em suas casas e começavam a se preparar, cavando as toras de árvores para colocar chichas, na espera dos convidados, talvez estas pessoas saibam o dia, se convidam para tomar chicha, o caminho era grande com sua largura, talvez o carreador seja pequeno, este era enorme demais com sua largura, não tinha nenhum toco de pequena árvore, neste dia, todos se juntavam para sair do local para tomar chicha em outra aldeia, tudo era bonito, tinha grandes potes, com tambor coberto por “towa” (resina de caucho), grandes, vários enfeites, tudo era bonito, não se vê mais hoje, falavam do nosso avô que ele se animava atoa, porque na maloca ele chegou a conhecer como era a nossa festa tradicional, com os nossos mais velhos.

Figura 07: Instrumento musical Rowin



Fonte: Diocese de Guajará-Mirim, s/a

Xinrao': Porque ele já participou desta festa! Com os mais velhos na maloca.

Nimon: Sim, estão se perdendo, uma vez ele falou, que as nossas línguas estão se perdendo e muitas coisas que eram feitas por mais velhos estão se perdendo também.

Arnaldo: Todos mais velhos sabiam fazer estes materiais? E os homens, assim também, ensinavam desde pequeno os seus filhos a fazerem o arco e flecha, eram repassados, eram repassados para nossas crianças?

Nimon: Sim, é por isso que as crianças aprendiam e na adolescência já sabiam fazer quase tudo, com este tamanho já sabiam fazer flecha, várias coisas já sabiam, com estas flechas já caçavam vários tipos de aves, como, mutum, gavião real e outros tipos de aves.

Arnaldo: E na tocaia de aves, tudo era ensinado para as crianças?

Nimon: Sim, na tocaia, como fazemos na cabeceira do igarapé, assim era feito com caroço de babaçu, para esperar os pássaros, nunca mostrei para vocês, pegava o babaçu e batia, juntava e amontoava, limpava o lugar onde era colocado, era grande amontoação, até que as aves, começassem a comer.

Xinrao': O pai não deixava os seus filhos, queriam que seus filhos soubessem flechar, os tamanhos de suas pequenas flechas eram feitas para eles, o pai fazia a tocaia para levar o seu filho a flechar pequenos pássaros e até grandes, tocaia de palha chegava vários tipos de pássaros pequenos e grandes, matavam, levavam seus filhos para que eles saibam matar a caça, levava seu filho, fazia tocaia. É como seu pai falou, juntava os caroços de babaçu e batia as cascas ficando só aquela carne de babaçu, para que os pássaros possam comer, estas frutas batidas por homem faziam com palha, furavam por cada lado, e quando vinha um pássaro, o pai falava para seu filho flechar, colocava a sua ponta da flecha no buraco da palha e matava, o tamanho de suas flechas eram menores, pequenas flechas, matavam vários, não só o filho, o pai matava também, com isso ele fazia um pequeno cesto, feito de palha, para colocar as suas caças, amarravam, os mais velhos sempre chegavam felizes, é assim que eles ensinavam seus filhos a matarem e saberem flechar.

Arnaldo: Muito, obrigado.

3º CAPÍTULO

ORO KA TO IINA PAXI NONON ORORAM XIJEIN PAIN KA XO TAN KAKA OS DESAFIOS DO PÓS CONTATO PARA O POVO ORO WARAM XIJEIN

3.1 Ka tomi pi pin xine oro ka ara wa pain ka wak wa pik' - Contexto geral dos trabalhos na seringa

Ao falarmos do povo Wari' (significa gente, ser humano) tratamos de um povo sofredor e lutador como diversos povos na defesa do seu território no período em que a borracha estava sendo procurada no interior dos seus territórios tradicionais pelos não indígenas. Os livros didáticos abordam a temática dos Ciclos da Borracha, entretanto pouco abordam das invasões territoriais que os povos indígenas sofreram quando a indústria extrativista adentrou os territórios amazônicos.

Desde o início do século XX, com o ciclo da borracha, os Oro Wari' e os demais grupos da região enfrentaram-se com seringalistas. Viram várias de suas aldeias exterminadas, “mas contra-atacavam e conseguiam manter-se nos rios e igarapés secundários” (LEONEL JÚNIOR, 1984, p.31). O trabalho na coleta da seringa para o povo “Wari’ foi um fato que aconteceu no período em que estes povos foram contactados e trazidos para trabalharem com algo que jamais praticavam em suas vidas cotidianas na maloca. Alguns homens brancos (wayam) da FUNAI, diziam para eles fazerem a coleta desta matéria prima, entretanto, sem ao menos explicar o que esses povos estariam recebendo em troca por esse trabalho que ficavam meses na beira dos igarapés na TI Igarapé Lage.

Esse tempo foi o período em que nosso povo sofreu na mão destas pessoas para coletar em troca de alguns objetos, sem ao menos capacitar estes povos para o trabalho. Em nenhum momento estes homens se preocuparam em ensinar sobre o valor monetário a serem pagos para cada pessoa que cortasse seringa e que tivesse um volume grande de borracha. São estes fatos que ao falar dessa narrativa o entrevistado sempre dizia que estavam na cidade de Guajará-Mirim com suas esposas e filhos sem saber quanto iriam receber por seu produto.

Com a entrevista apresentada no capítulo anterior fica marcado que essas são narrativas que mexem com a memória do povo. Os povos originários eram tratados como incapazes de aprender que aquela folha de papel tinha o seu valor na compra de produtos encontrados na cidade. Desde o início, até o fim do trabalho na seringa, o povo “Wari’”

foi tratado como diferentes, sem raciocínio, trabalhavam sem ter nenhum apoio da FUNAI.

Segundo a fala do entrevistado, carregavam nas costas os seus produtos até na aldeia, depois disso, quando era levado para a cidade, não tinham mais como acompanhar a venda, não acompanhavam os valores quando eram repassados para estes homens brancos, assim é contado pelos mais velhos, como foi este processo do trabalho da seringa no pós contato com o povo Oro Waram Xijein.

Os relatos dos anciões falam que o povo “Wari” sempre moravam atrás da serra conhecida como Serra do Parecis, em Guajará-Mirim/RO. São histórias que envolvem muitos conflitos com os homens brancos, principalmente com os seringalistas que estavam à procura da seringa em rios, com a cidade crescendo e o conflito intensificando, foram expulsos, pela pressão, de seus territórios em busca de outro território para morar, assim estes povos foram recuando e perdendo os seus territórios tradicionais.

Os anciões da comunidade também narram conflitos com outros povos indígenas falante da língua Txapakura. Houve um momento em que uma aldeia do povo Oro Waram Xijein foi atacada, os estouros das espingardas foram ouvidos aos arredores da aldeia, foi um massacre com crianças, jovens, mulheres e homens, ao levar um tiro de espingarda, de longe, correndo, uma mulher ficou perto de uma árvore caída com folhas, parecendo um monte de folhas amontoadas, ela se tampou com as folhas e ficou quietinha ali escondida, chegou um homem próximo, andando, rodeando a árvore caída e nesse momento a mulher ouviu um outro falando seu nome, nesse momento a mulher pensou: o “Wayam” (branco/inimigo) tem um nome parecido com o nosso, fala igualmente a nós. Essas narrativas a anciã Tokopiam Oro Waram Xijein, a mulher que sobreviveu a esse ataque contava. Em 2021 ela nos deixou.

Com muitos conflitos, perdendo os seus territórios tradicionais, os primeiros povos a serem pacificados foram o povo Oro Waram, depois os Oro Waram Xijein e por último Oro Mon, estes foram contactados na cabeceira do rio Ribeirão, somente o povo Oro Waram foi contactado no rio Lage, conhecido como Komi Memem (na Língua materna), essas são as narrativas dos mais velhos na T.I. Igarapé Lage, quando explicam como foi o contato com os homens brancos com o povo “Wari”.

3.2 Oro ka tati ta' pain ka ara ta' pain ka tomi hrik ne - Aprendizados a partir da realização da entrevista

Ao falar dos aprendizados, a partir desta entrevista, em minha cabeça surgem inúmeros raciocínios: Como estes povos Oro Waram Xijein, Oro Waram e Oro Mon passaram a dor e o sofrimento de trabalharem na coleta da seringa, sem ao menos entender a língua portuguesa e o valor destas matérias primas?

A entrevista propiciou informações importantes sobre os povos da região, especificamente do povo Oro Waram Xijein, que envolvem como era a organização dos trabalhos antes do contato, explicando os anciões na entrevista que estes povos trabalhavam em grupo, em coletivo e que, depois do contato, as pessoas começaram a trabalhar por membro da família, antes não tinha uma família com seu lugar de trabalho, tudo que estava ao redor da aldeia era do povo. Após conviver com os não indígenas estes povos foram ensinados a procurarem um lugar para o trabalho (lugar para cortar seringa). Estes lugares eram formados por uma, duas ou três famílias. Atualmente essas práticas continuam sendo vividas pelos Oro Waram Xijein e seus subgrupos, Oro Waram e Oro Mon, que vivem na T.I. Igarapé Lage, eles adquiriram este modo de trabalho procurando um lugar de trabalho para que seus filhos trabalhem usufruindo do extrativismo encontradas neste local, principalmente se pensarmos na coleta da castanha, que todo ano têm ajudado na renda familiar do povo.

Outra temática importante que foi valorizada ao longo da entrevista e que muito nos ensina é a importância da cultura material para o nosso povo, principalmente para as mulheres que faziam/fazem estes materiais. Ao falar sobre essas obras-primas a minha mãe detalhou como as mulheres mais velhas cuidavam destas artes, o seu significado, não deixavam em qualquer lugar da casa, sempre colocavam em cima para que estes materiais não ficassem expostos no chão ou na terra.

Estas artes eram o viver destas mulheres, que eram repassados para as crianças, meninas de geração em geração. Atualmente, estes ensinamentos estão se perdendo por falta de conhecimento, alguns artesanatos estão sendo feitos e jogados no chão, como qualquer objeto que não tem o seu valor e significado. Esse contexto atual, pós contato, propicia um pensamento reflexivo de que precisamos buscar e fortalecer a importância destas artes dentro das escolas da comunidade e na comunidade como um todo, para que as crianças saibam o valor destas artes, para os mais velhos e, principalmente, para que estes valores culturais sejam praticados e fortalecidos na T.I., são estes ensinamentos que precisamos desenvolver dentro da nossa escola com as nossas crianças.

A esperança de trazer estas narrativas para o meu trabalho de conclusão foi um desafio para mim, são raras pessoas que vivenciaram este processo de trabalho na extração

da seringa no pós contato com o povo Oro Waram Xijein, este trabalho de pesquisa mostra a importância da oralidade para o povo, os acontecimentos naquele período que não foram registrados, mas que na memória destes anciões sempre estava por lá.

A importância da oralidade para o povo Wari', desde a sua moradia antes do contato, na vivência com a natureza, sempre se convidavam nas festas por meio da oralidade, nunca ou talvez tiveram preocupação de fazer os registros por escrita. Com isso a obrigação de registrar estas narrativas, torna-se um grande desafio para mim, mostrar o lado vivido pelos mais velhos naquele período, onde a visão dos escritores ou pesquisadores não indígena jamais expressaria profundamente ao sentimento daquele povo, isso torna esta pesquisa como fator importante para divulgar aos estudantes das escolas indígenas a história da seringa com seu povo Wari' e seus subgrupos na T.I. Igarapé Lage no "pós contato".

Desde a colonização os indígenas foram desrespeitados com as suas organizações sociais, estas narrativas mostram o quanto estes povos originários foram massacrados. Toda sociedade tem as suas histórias e escritas, com isso o povo Oro Waram Xijein, como todo povo originário não tem estes trabalhos. Diante destes acontecimentos naquele período mostra o quanto enquanto acadêmico da Licenciatura em Educação Básica tenho a responsabilidade de divulgar este material, para que os alunos saibam a importância de escutar as narrativas dos mais velhos e fazer a gravação para que futuramente eles precisem deste material coletado e fazer um olhar crítico deste trabalho na "extração da seringa" onde jamais estes povos originários foram mencionados neste trabalho.

Diante desta entrevista, quero agradecer aos meus entrevistados, senhor Nimon Oro Waram Xijein e Xinrao' Oro Waram Xijein, por aceitar fazer as gravações, mostrando o lado vivido deste povo na colonização e no trabalho da seringa, mostrando a preocupação destes por momentos que se passaram naquele período. Acredito que este trabalho foi de suma importância para mim como para o meu povo, colocar estas narrativas para que as novas gerações usufruem sabendo a história do seu povo, levando consigo estes aprendizados na vida social, com isso tenho certeza como este trabalho proporcionará um aprendizado para todo o povo, mostrando como foi aquele período da seringa para o povo Oro Waram Xijein.

No início do século XX, com o ciclo da borracha em seu auge, o povo Wari' começou a encontrar os colonos que estavam a procura desta matéria prima e neste encontro começavam a lutar pelas suas terras, recentemente o povo Wari', especificamente do povo Oro Waram Xijein e seus subgrupos: Oro Waram e Oro Mon,

neste período, na década de 1960, estes povos tiveram contato com o mundo dos colonizadores, foram contactados e neste período o povo Oro Waram Xijein, como demais povos, sofreram com as doenças trazidas por estes colonizadores. Estes povos foram obrigados a trabalharem como escravos, em grandes roças que a FUNAI exigia que fizessem. São relatos que os mais velhos guardam em suas memórias, Mauro Leonel (1984) registrou em um relatório isso:

A intervenção da FUNAI na vida econômica tem sido até agora desastrosa, como nos demais postos da região. Os funcionários comportam-se como gerentes, pondo os indígenas em grandes plantações coletivas, gênero fazendas estatais (LEONEL JÚNIOR, 1984, p. 36).

A importância deste relato mostra o quanto o povo Wari' eram castigados neste período em que a FUNAI estava na "tutela" destes povos originários.

Um povo guerreiro e alegre, conviviam com os parentes do subgrupo nas festas. No diálogo estabelecido durante a entrevista, fica evidente o respeito com os mais velhos, o aprendizado que estas pessoas traziam para os mais jovens e crianças. São acontecimentos que não presenciamos. Atualmente, com o mundo em que estamos inseridos, valores e respeito estão se perdendo, muitos jovens não estão dando valor nas falas e nos seus ensinamentos, passamos a ter o um comportamento social muito influenciado pelos colonizadores, que vêm desrespeitando os mais velhos, desvalorizando os saberes que estas pessoas têm no conhecimento e em sua memória.

Segundo o antropólogo Mauro Leonel (1984):

A chegada massiva dos colonos agrava as doenças no P.I Lage. Em 1980 a aldeia teve que ser mudada, pois em 1978, 90% dos indígenas estavam com malária e havia 7 casos de tuberculose em tratamento. Mas não são as únicas doenças trazidas pelos colonos. Em 1977 havia uma criança com poliomielite, e várias com coqueluche, que vitimou pelo menos uma dela. As visitas da "EVS" são rápidas, mal programadas e anuais. Em dezembro de 1983, assim mesmo, conseguiu identificar 4 casos de tuberculose, 4 de malária e numerosos de diarreia, amebas e verminoses (LEONEL JÚNIOR, 1984, p. 35-36).

Ao falarmos destas doenças que dizimaram quase todos o povo, pós contato, ressalto aqui que os Wari' nas suas malocas não tinham doenças para se tratar, apenas existia os espíritos maus das caças, que somente o pajé tinha como curar, diferente destas doenças que os colonizadores trouxeram para o povo.

As narrativas dos sabedores do povo Oro Waram Xijein contam que na chegada ao P.I Ribeirão, encontraram vários povos lá, como os Makurap e outros, com estes povos aprenderam a extrair o leite da seringa, como mostra a história oral presente no segundo

capítulo deste trabalho. Assim que chegaram neste P.I foram vacinados rapidamente, segundo as narrativas dos mais velhos, mesmo sendo vacinados as pessoas começaram a adoecer, por febres, poliomielite, diarreias, são estas doenças que foram mencionados por alguns sabedores que vivenciaram este período. Algumas crianças que nasceram neste ano ficaram com a seqüela desta doença, como a poliomielite, e muitos não sobreviveram, são estas doenças que afetaram as populações indígenas naquele período, segundo as narrativas dos anciões.

As narrativas dos mais velhos apontam também que na T.I. Igarapé Lage, ocorreu mortalidade massiva de crianças com “*a febre*”, em uma aldeia que foi construída pelo povo Oro Waram no pós contato, chamada de Lage Velho. Os não indígenas juntaram estes povos com outros subgrupos, neste agrupamento de pessoas o povo Oro Waram Xijein estava misturado com estes outros povos. Com pessoas chegando e a mistura destes homens brancos, os Wari’ começam a adoecer, muitas mortes, não conseguíamos sepultar os nossos parentes conforme a nossa cultura, um chorava e outro fazia a cova.

Estas são narrativas contadas por nossos mais velhos, mostrando o tamanho do impacto na vida social destes povos que naquele período havia a pouco deixado o seu lar para viver em contato com o mundo dos colonizadores sem saber o quanto eles tinham que pagar um preço altíssimo em suas vidas. São fatos que aconteceram e que vive ainda na memória destes sabedores que vivenciaram este período na T.I. Igarapé Lage. Na língua materna estes acontecimentos, é conhecido como: “*ka kono tamana kakain kotene ka xain wa oro hiyima, pain ka xo tan het tokwa wayam*” (mortalidade das crianças com a febre no pós contato com os homens brancos).

Na narrativa da entrevistada no trecho em que os anciões abordam a mortalidade de crianças com a febre (malária), como das demais doenças que quase dizimou o povo Oro e seus subgrupos, descrevem o momento em que o filho do casal faleceu, Harein Katwa (nome indígena). Neste período de sofrimento e dor com a perda de pessoas queridas em família, estes fatos vêm mostrando como foi estes acontecimentos para o povo Oro Waram Xijein durante o período do contato com os homens brancos. Neste diálogo, a ancião narradora, também relembra a sua gestação. Naquela época dos colonizadores, os partos eram feitos por mulheres indígenas com experiência em fazer este trabalho, a anciã narradora lembrou que naquele momento quase chegando ao final da sua gestação perdeu uma filha, assim como as demais mulheres com seus maridos que vivenciaram esta epidemia sentiram essa dor terrível ao perderem os seus filhos, sem saber como fazer para salvar suas crianças amadas.

No período do contato houve muitas mudanças no habitar destes povos, pegavam outros povos do subgrupo e colocavam como se estes já tivessem o hábito de se juntar, unificando o povo em uma comunidade. O Posto Indígena Lage, em 1973, segundo Leonel:

[...] estava ligado ao P.I Ribeirão. Em 1975, no projeto RADAM, a FUNAI terminou por desmembrar o Lage do Ribeirão. Finalmente em 1977, a FUNAI resolve demarcar a nesga de terra hoje reservada aos cerca de 250 indígenas do Lage e seus descendentes (LEONEL JÚNIOR, 1984, p. 33).

Contudo, sabe-se que “desde os ano 40 o SPI mantinha um posto de atração no Igarapé Lage, devido sinais de indígenas na região” (LEONEL JÚNIOR, 1984, p. 32), fruto da presença do povo Wari’ no seu território tradicional nesta região do Igarapé Lage. Com este posto os indígenas foram levados para lá, em uma aldeia que fica aproximadamente 30 km da cidade de Guajará-Mirim/RO.

As doenças dizimaram muitas vidas indígenas no local do Posto indígena Tenente Lira, chamada também de Lage Velho, ao ver estes fatos terríveis, o coordenador da FUNAI pediu que alguns indígenas conhecedores da mata procurassem um novo lugar para os seus parentes, para que estes mudassem de lugar por haver muitas doenças e mortalidade do povo Wari’ naquela aldeia. Nessa busca de encontrar um novo local para o seu povo, foram levadas cinco pessoas do povo Wari’, como foi mencionado na entrevista deste trabalho, Xin Xoin Oro Mon, Tem Pikot Oro Mon e outros três. Nesta procura de um novo lar, encontraram um lugar de esperança e sonhos onde havia muitas caças para o sustento alimentar dos seus familiares e seus parentes. Retornando para aldeia comunicaram todo povo sobre este novo lar, assim estes povos saíram da primeira aldeia chamada Lage Velho para uma nova aldeia recém-criada com o nome aldeia Lage Novo. Porém, para sair da aldeia velha tinham que se locomover em uma distância longa, com isso a FUNAI, segundo a narrativa do entrevistado, enviou um caminhão enorme, não tendo nenhuma preocupação com a vida, foram colocados em cima do veículo, com todo povo, sem ficar nenhuma pessoa nesta antiga aldeia. Assim nasceu uma nova aldeia, devido estas doenças e mortalidade do povo Wari’.

Antes da década de 1970, a partir das fatalidades no período do contato, estes estavam morando em Ribeirão, até que minha eterna avó, junto com meu tio primeiro dela, um ser que não está mais entre nós, vendo estas mortalidades de crianças, algumas pessoas do subgrupo do povo Wari’ foram colocados numa grande embarcação subindo o rio Mamoré, e neste embarque foram os meus pais, fugindo das doenças que matavam

os Wari' neste período, em busca de construir o seu novo habitar e longe destas doenças que massacravam o povo naquela época.

Conforme explicou Aparecida Vilaça (1989), ao dialogar com Meireles “[...] em 1965 foi criado o “Núcleo de Recuperação do Elemento Humano”, atual sede da Area Indígena Sagarana, pela Prelazia de Guajará-Mirim, próximo à confluência dos rios Mamoré e Guaporé; em 1969 um grupo de índios do Ribeirão foi levado para lá” (VILAÇA, 1989, p.21). Este período da recolocação destes povos longe das suas terras tradicionais foi bastante abusivo para os povos indígenas, tanto no trabalho, como nas bebidas alcoólicas e abusos sexuais com as mulheres, segundo as narrativas das mulheres e homens que vivenciaram este período, os abusos eram cometidos pelos homens brancos deixados pelos padres para tomarem conta destes povos.

São relatos fortes, muitos povos queriam retornar para suas terras de origem e não tinham como voltar (VER FIGURA 04), precisavam de embarcações, e somente estas pessoas que eram “responsáveis” pelos indígenas é que tinham as chaves das embarcações, assim alguns do povo Wari' não conseguiram voltar para suas terras tradicionais, estas pessoas atualmente reconhecem esta terra como tradicional deles.

Tendo em vista estes acontecimentos com o povo, algumas famílias em uma noite como qualquer outra, planejaram uma fuga, com umas três famílias com mulheres, crianças e seus esposos, pegaram uma canoa grande na madrugada e saíram de lá, sem que estas pessoas “responsáveis” por eles soubessem. Passaram dias e noites remando até chegar em Guajará-Mirim/RO. Chegando na cidade, foram para a FUNAI, logo depois foram levados para a aldeia Lage Velho, pouco tempo depois, foram levados juntos com os demais povos na nova aldeia Lage Novo.

Depois de morar e trabalhar por lá, com seus cunhados e primos na seringa e na castanha, os entrevistados, os meus pais, voltaram novamente para Sagarana, entretanto era uma época diferente da primeira passagem deles por lá. Nessa nova fase, como já mencionei no primeiro capítulo, fui alfabetizado lá, junto com meus irmãos e irmãs. Moramos em Sagarana até o ano de 1998, com a morte da minha tia, irmã da minha mãe, retornamos novamente para T.I. Igarapé Lage, na aldeia Lage Novo e assim ficamos por lá até os dias atuais, crescemos e agora construímos famílias.

3.3 Ka piyim nukukun oro honana - História indígena

Enquanto pesquisador indígena acredito que muitos fatos históricos acontecidos com os Wari' estão na oralidade do povo, e estes ainda não foram registrados,

principalmente os ocorridos no período da colonização, entre eles os contextos da seringa a qual este trabalho se propôs aprofundar a partir da entrevista realizada. Contudo muitos fatos históricos que somente este povo vivenciou precisa ser registrado e escrito para divulgação da história indígena, a partir de como ela é compreendida pelos povos indígenas.

Por falta de publicação destes materiais específicos sobre História Indígena o povo Oro Waram Xijein, como demais subgrupos, são vistos como povos originários sem histórias, dessa forma, precisamos, nós indígenas, trabalhar para que as nossas narrativas sejam pesquisadas e divulgadas, mostrando o outro lado da história escrita por um indígena que mostrará a importância destes materiais no repasse do sentimento com o entrevistado, a partir dos acontecimentos que o povo vivenciou durante os processos históricos.

Enquanto pesquisador/professor durante a pesquisa surgiu uma grande preocupação ao observar os jovens estudantes indígenas do povo Wari', especificamente do Oro Waram Xjein, que não estão tendo acesso as Universidades Públicas e com isso fica difícil para a divulgação da história. Precisamos do fortalecimento das narrativas indígenas do povo Wari', e sabemos que está em seus futuros pesquisadores, quanto mais destes povos ingressarem nas faculdades, colocando o seu olhar crítico, acredito que este povo será reconhecido por colocar em prática as narrativas da oralidade para escrita. Construindo trabalhos com o objetivo de divulgar: quem são o povo Wari'? Dizer a sociedade ocidental que não fazemos parte deste grupo de pessoas que são reconhecidos como "Pacaas Novos", somos o povo Wari' (gente, verdadeiros seres humano), povos que tem os seus subgrupos e que tem as suas línguas específicas, mostrando a sua diversidade cultural, assim como a sua organização social. Nesse contexto, fortaleço a importância de registrar essas narrativas na escrita e divulgar para o mundo quem são estes povos.

Sempre sonhamos com dias melhores, apesar das dificuldades, com a falta de material do povo, acredito que um dia chegaremos neste universo de tecnologia com estas histórias do povo Wari' em plataformas digitais para que as outras pessoas não sendo indígenas localizem estes materiais, especificamente do povo Oro Waram Xijein como dos seus subgrupos, assim estes povos serão reconhecidos através de suas histórias nos trabalhos acadêmicos, mostrando para a sociedade envolvente: "Quem são o Povo Wari'"! Diante destas pesquisas encontrarão as respostas e conhecerão quem são estes povos originários que vivem no interior de Rondônia, moradores do município de Guajará-Mirim, que vivem na T.I. Igarapé Lage.

Além de trazer reflexões sobre a importância da História Indígena nas relações interétnicas, para que os não indígenas conheçam a nossa história, as pesquisas na área da história também impactam positivamente os processos de ensino-aprendizagem no interior das escolas indígenas. Dessa forma, sabemos da importância deste material para as escolas indígenas da TI Igarapé Lage, uma pesquisa de campo com narrativas de sabedor(a) do povo, para que os professores possam ter um material sobre esses fatos históricos vivenciado pelo povo naquele período. Estimular os alunos para conhecerem a história vivida por seus ancestrais, a importância dos mais velhos e das suas narrativas para uma história escrita, contribuindo para que os alunos e professores tenham um olhar crítico destas narrativas.

Devemos fazer com que estes alunos cresçam aprendendo o valor das histórias narradas pelo povo, transcrevendo estes ensinamentos em seus cadernos de anotações para que estas narrativas não se percam, escritas que mostram os fatos históricos deste povo. Assim, acredito que com esta pesquisa, estamos contribuindo nas salas de aulas com alunos e professores entendendo a situação histórica vivida pelo povo Oro Waram Xijein, naquele período da extração da seringa no pós contato com os homens brancos.

3.4 Ka piyim nekukun oro honana kokon hiyima - A história indígena e as crianças

O futuro das histórias indígenas está nas crianças, a importância do saber da criança Wari' estão nas narrativas dos seus sabedores, assim como demais povos originários que buscam fortalecer as suas histórias repassando estes valores para suas gerações. São estes valores culturais, como: danças, rituais e acontecimentos históricos vivenciado pelo povo, mas que não são publicados ou encontrados em livros didáticos, que precisam ser escritas para que as crianças aprendam a conhecer as histórias do seu povo.

O fortalecimento cultural do povo se passa pela nova geração, assim estas crianças, saberão lutar nas causas sociais que envolvem seu povo e darão o valor a sua identidade étnica, porém, muitos anciões estão partindo, deixando um lugar vago em seu povo, com isso a importância do registro das histórias indígenas que precisam ser repassadas na oralidade e na escrita, aproveitando estes poucos sabedores que ainda restam neste momento entre nós. Assim as crianças aprenderão com as narrativas destes grandes sabedores através da oralidade, e transformarão estas oralidades nas escritas, tornando as escolas indígenas como um refúgio de saberes na procura de aprendizagem das relíquias coletadas com estes livros tradicionais que somente povo indígena na sua

3.5 Oro ka piyim nekukun honana: ka kep tiho mao kakain Educação Escolar Indígena - As histórias indígenas: uma contribuição para a Educação Escolar Indígena

O trabalho desta pesquisa é levar ao leitor indígena como foi o período da coleta da seringa para o povo Wari', no período em que estes povos estavam a tutela da FUNAI, em que mostramos os trabalhos praticados pelo povo no período em que a procura deste "caucho/seringa" era grande para os seringalistas, mas que, porém os povos indígenas começaram a procurar devido as orientações das pessoas não indígenas. Com isso a história deste trabalho será relevante para o ensino para os estudantes indígenas, um material que raramente é encontrado nas escolas públicas onde estes alunos frequentam, assim estes alunos e professores usufruirão deste material sabendo que foi coletado com os anciões entrevistados da aldeia, transformando o conhecimento educacional destes alunos para vida social, sabendo como foi este período para o seu povo.

Diante desta pesquisa, o saber destes alunos percorrerão as narrativas dos sabedores tradicionais, conhecendo um pouco a situação dos seus ancestrais no período deste trabalho, no pós contato, com os invasores dos territórios tradicionais do povo Wari. Estas narrativas levará a percepção dos alunos na relação com o “mundo capitalista”, quando o povo sofreu nas mãos dos não indígenas, quando os Wari' tinham que procurar algo para conseguir dinheiro, quando começavam a compreender que a rotina deles com os homens brancos era diferentemente que na vida da maloca, onde não se precisava vender algo para conseguir alimentos, objetos, etc. toda alimentação era das roças e da floresta.

Apesar dessa concepção, o povo Wari' em nenhum momento sabia contar os valores que estavam prestes à receber em "cruzeiro" (dinheiro), a partir daquela produção, por que não haviam pessoas que tivessem a preocupação para orientar estes povos, estes não tinham nenhum interesse em capacitar estes povos originários a saber como trabalhar com estas rendas monetárias, não sabiam o quanto está folha de papel tinha importância e o seu valor para a sociedade envolvente, porém, trabalhavam meses a meses à procura desta matéria prima para conseguir um pouco de cesta básica que era entregue, como mostra as narrativas dos entrevistados. Assim, estas histórias, serão de suma importância para o saber destes estudantes que futuramente usufruirão deste material, apresentado por um pesquisador indígena do povo Oro Waram Xijein.

3.6 Ka om tomi kamain xine oro ka papam nukukun oro honana pain ka wak kaka pik' - O silenciamento do trabalho indígena na coleta da seringa

A falta de materiais citando os povos indígenas como trabalhadores nos seringalistas é preocupante para a nossa história indígena, muitos trabalhos acadêmicos visam pesquisar como era a vida dos seringalistas não indígena naquele período, colocando uma visão preconceituosa ao falar dos ataques que sofriram dos povos originários, fazendo com que estas pesquisas tenham um olhar crítico dizendo que os "indígenas eram selvagens", colocando o seringalista como "vítimas" destes acontecimentos, como se os indígenas fossem invasores daquela região.

Os trabalhos acadêmicos precisam mudar esta visão preconceituosa, fazer uma pesquisa com um olhar crítico, mostrando porque estes povos contra-atacavam neste período, colocando o sofrimento dos povos originários naquele período antes do contato e pós contato, onde eles foram submetidos a trabalharem na seringa, além de perceberem seus territórios tradicionais serem invadidos. É urgente a necessidade de divulgar materiais de pesquisa aos leitores, mostrando o outro lado da história neste período e na colonização dos homens brancos, com estes povos.

Diante destes fatos, muitas pesquisas acadêmicas deixam de estudar como foi a vida destes povos no período da colonização, as consequências das doenças que sofreram a partir da presença dos não indígenas. São estes acontecimentos que precisam ser pesquisados e publicados em trabalhos acadêmicos, principalmente, quando falarmos da coleta da seringa com o povo Wari' da região de Guajará-Mirim/RO.

Ao finalizar este terceiro capítulo gostaria de agradecer ao meu entrevistado, senhor Nimon Oo' Oro Waram Xijein e a senhora Xinrao' Oro Waram Xijein, que me ajudaram a compreender como foi este período da seringa para este povo. Esta pesquisa buscou mostrar como foi este trabalho para o povo Wari', especificamente para o povo Oro Waram Xijein, na T.I. Igarapé Lage, onde o casal Wari, entrevistados nesta pesquisa, trabalharam neste período da seringa com os não indígenas.

KA TOMI KREK TE NE PAIN KA WIN PI PIN NE KA XRAO' NE - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos meus sabedores (as), quero aqui desejar uma longa caminhada de vida a estas pessoas que abrilhantaram este trabalho de conclusão, que não mediram esforços para sentarem em seus assoalhos de casa e fazer as suas narrativas mostrando o valor histórico do povo Oro Waram Xijein, narrativas profundas como este povo trabalhavam na extração da seringa, na qual, onde em nenhum momento estes povos são mencionados como seres que praticaram o trabalho na extração da seringa, no período em que estes povos estavam a tutela do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), e quando a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) passou a “cuidar” destes povos.

Ao longo do trabalho busquei apresentar a importância da oralidade para que seja também escrita, bem como a importância da valorização dos sabedores tradicionais com suas narrativas. Destacamos também a necessidade de levar estes anciões para a escola ou fazer com que os estudantes possam chegar até as suas casas. Justamente, porque muitos fatos acontecidos naquele período, no pós contato, sobre os povos indígenas dificilmente são encontrados por falta de trazer estas narrativas para a escrita.

Diante destes acontecimentos, o trabalho de conclusão, procurou registrar as narrativas destes grandes sabedores que fizeram parte desta história, onde estes povos, como também outros povos originários, sofreram com a colonização dos invasores. Esperamos que o trabalho seja de importância para o povo Wari', especialmente ao povo Oro Waram Xijein, na qual raramente encontramos trabalhos que falam destes povos naquele período do pós contato com os homens brancos, chamados por estes de *wayam* (inimigo). Está fala foi sempre usada na língua dos povos indígenas do povo Wari' quando eram atacados em suas malocas ou quando este povo contra-atacava estes invasores, era nestes momentos que se usava esta fala “*wayam*”.

Ao longo do trabalho, a partir das narrativas dos sabedores, mostramos o quanto estes povos foram forçados a trabalharem em algo que jamais praticaram em suas terras tradicionais, como foi o primeiro contato e para onde estes povos foram levados. Sabemos que um posto indígena foi construído em 1942 pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), onde já havia outros povos “estas colônias eram criadas para concentrar indígenas de grupos diferentes, liberando suas terras aos seringalistas” (LEONEL JÚNIOR, 1969, p. 31). São narrativas que vêm fortalecendo as histórias do povo Oro Waram Xijein, mostrando o quanto estas pessoas que estavam a frente destas missões eram inúteis em

seus serviços, muitos povos Wari' foram massacrados por estes invasores devido à falta de responsabilidade destas pessoas.

Apesar destes acontecimentos, atualmente, o povo Oro Waram Xijein vêm fortalecendo os seus traços culturais dentro de suas escolas indígenas, onde são fortalecidas as suas línguas maternas, as suas artes, comidas, histórias, pinturas corporais e suas danças, fazendo com que as futuras gerações saibam como foi e como é atualmente a vida cotidiana do povo.

A experiência da pesquisa acadêmica me fez buscar algo que jamais pensei em descobrir. A experiência de compreender a importância da entrevista com os sabedores do povo, com suas narrativas, que a partir da entrevista realizei a transcrição e, posteriormente, a tradução para a língua portuguesa. Dessa forma, concordo com as palavras do historiador Alessandro Portelli (2016), especialista em oralidades, quando escreve que:

A oralidade, então, não é apenas o veículo de informação, mas também um componente de seu significado. A forma dialógica e narrativa das fontes orais culmina na densidade e na complexidade da própria linguagem. A tonalidade e as ênfases do discurso oral carregam a história e a identidade dos falantes, e transmitem significados que vão bem além da intenção consciente destes (PORTELLI, 2016, p.20).

Essa prática metodológica me fez refletir: Qual seria a metodologia escolar na educação escolar indígena para o povo Oro Waram Xijein com seus estudantes na história do povo? São perguntas que realmente precisamos levar em nossas consciências para o fortalecimento das narrativas dos nossos sabedores desdobrando-as em escrita, levar estes aprendizados para dentro das escolas indígenas, fazer com que os nossos estudantes busquem fazer estas entrevistas com seus anciões na comunidade, desfrutando destas relíquias que precisam ser conhecidas e valorizadas, e com isso muitas histórias na oralidade do povo Wari' podem e precisam ser escritas. Diante destes fatos, a pesquisa acadêmica nos mostra a importância dos pesquisadores indígenas nas Universidades Federais do nosso país, para que estas narrativas sejam coletadas e passadas adiante nas escolas indígenas, para que outros povos tenham acesso à estes materiais bilíngue em suas escolas, compartilhando outros saberes tradicionais do povo através destes dados coletados pelo pesquisador e com isso, diversos povos passarão a conhecer quem são estes povos com narrativas de grandes sabedores do povo. Diante disso, precisamos que jovens, mulheres e homens, ingressem nas Universidades públicas, tornando as histórias indígenas um fator relevante em suas pesquisas, trazendo estas oralidades do povo para

sua documentação/divulgação através da escrita, levando estas narrativas para o mundo exterior reconhecendo a importância destes pesquisadores ao seu povo.

Ao longo da pesquisa também tive acesso ao acervo de documentação histórica encontrado no site do Museu do Índio, foram fundamentais neste trabalho de conclusão, são fontes documentais, relatórios, documentos do SPI. Entre eles relatórios de grandes pesquisadores que trabalharam sobre o povo Wari' e seus subgrupos no município de Guajará-Mirim/RO. No que toca a documentação oficial, do SPI, o acervo revela como as pessoas que estavam à volta dos povos Wari', não tinham menor interesse de salvar as vidas destes povos originários. Alguns pesquisadores, entre eles Meireles, Júnior, Vilaça fizeram relatos/relatórios denunciando as atrocidades que estavam ocorrendo no contato deste povo.

A partir da documentação histórica encontrei dados que também ainda permeiam as memórias dos anciões, relatos que se ouve na oralidade destes povos. Os Wari foram colocados num P.I. Ribeirão, criada pelo SPI, em 1942, trouxeram estes povos para um lugar onde haviam outros povos já contactados, conforme a documentação, posteriormente foi criada o segundo P.I. Tenente Lira, perto de uma cachoeira no rio Lage, conhecida para os Wari como "Komi memem" (água de frutas).

Com este trabalho de conclusão também quero abordar a importância destas pessoas que mesmo com as dificuldades, vieram para este estado, mostrar quem eram estes povos que lutavam em defesa dos seus territórios ou que faziam um contra ataques aos trabalhadores seringalistas por se aproximarem das suas moradias ancestrais, na qual era um espaço sagrado para estes povos. Estas fontes de documentação presentes no acervo histórico pesquisa hoje e futuramente ajudará outros pesquisadores, fundamental para o nosso povo para os seus registros, fortalecendo as memórias e as histórias indígenas que se auto reconhecem como Wari' (gente de verdade/ser humano de verdade).

O trabalho de conclusão apresenta grandes desafios proposto para mim como acadêmico da Licenciatura em Educação Básica Intercultural, principalmente para poder fazer as pesquisas referente as nossas histórias que ficaram marcadas nas memórias dos nossos sabedores tradicionais. Diante deste desafio, quero aqui agradecer aos meus pais que não mediram esforços para colaborar com esta pesquisa, mostrando o comprometimento destes sabedores nos fatos histórico durante a entrevista e, posteriormente, na escrita em língua materna do povo. São narrativas relevantes contada por estes sabedores, sobre o trabalho da seringa naquele período histórico.

Este trabalho nos revela a importância destes sabedores para as futuras gerações, para o fortalecimento da sua identidade cultural das histórias narradas por estes sabedores que ainda estão entre nós, que um dia possivelmente nos deixarão. A relevância deste trabalho, justamente está na necessidade de trazer as narrativas indígenas para a escrita, muitas histórias indígenas estão na oralidade do sabedor tradicional do povo. Diante disso, a preocupação é imensa diante da sociedade envolvente, muitas narrativas indígenas estão se perdendo por falta de documentação com pessoas que vivenciaram este período, a falta de valorização destes sabedores é preocupante para as populações do povo Wari', especificamente para o povo Oro Waram Xijein, na T.I. Igarapé Lage.

Com isso, precisamos que os professores indígenas dentro de suas comunidades façam o diálogo com os sabedores da aldeia, levem os estudantes até estas pessoas, fazendo entrevistas e coletando os dados através das suas narrativas. Contribuindo assim para que os estudantes saibam a importância destas pessoas nas suas histórias, envolvendo o seu povo, despertar o interesse de que estes estudantes façam as transcrições destas narrativas para língua materna. Contudo, para isso acontecer, precisamos que as escolas indígenas levem estes sabedores para dentro das salas e que estas conversas sejam registradas e transcritas na língua materna, para que futuramente estes materiais não se percam e que as crianças façam as leituras destes materiais em salas de aulas ou em suas casas.

A transcrição da entrevista, apresentada no capítulo 2, é de suma importância para o povo Oro Waram Xijein, pois são narrados fatos históricos que este povo vivenciou no processo do trabalho da extração da seringa, mas que pouca atenção receberam de diversos pesquisadores não indígenas, porém, estão presentes e são narradas por pessoas originárias que durante aquele período sofreram a maior tragédia humanitária, com disseminação de doenças no primeiro contato com estes invasores, somente as narrativas indígenas podem mostrar o lado vivido por estes povos, como mostra esta narrativa contada por estes anciões da comunidade da aldeia Lage Novo.

Antes de finalizar minhas palavras nestas considerações finais, quero aqui deixar a minha gratidão a estas pessoas: Nimon Oro Waram Xijein, Xinrao' Oro Waram Xijein, Arão Wao Hara Ororam Xijein e a minha orientadora professora Roseline Mezacasa, pedir ao grande Deus (Iri Yam) a longa vida de paz e saúde para estes (as) grandes sabedores (as) que me ajudaram nesta pesquisa, narrando histórias de como o povo Wari' vivia naquele momento no pós contato com os homens brancos. Também gostaria de agradecer a professora Roseline, minha orientadora, como foi bom estar ao lado de umas

das grandes professoras do DEINTER, no Campus de Ji-Paraná. Meus sinceros agradecimentos por este trabalho de conclusão, por todas as pessoas que se envolveram diretamente ou indiretamente. Awina!! Obrigado!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JUNIOR LEONEL, Mauro. **Relatório de avaliação das comunidades Oro-Wari, Macurap e Canoé das áreas Pacaa-Nova, Laje e Sagarana.** (Acervo digital Museu do Índio), outubro, 1984.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 2005.

MEZACASA, Roseline. **Por Histórias Indígenas: O Povo Makurap e o Ocupar Seringalista na Amazônia.** Tese (Programa de Pós-Graduação em História), Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTANA, Francisco Marquelino; SILVA, Josué da Costa; SILVA, Adnilson de Almeida. Wari': conversão, identidade cultural e marcadores territoriais na Terra Indígena Igarapé Laje em Rondônia. In: **Ateliê Geográfico.** v.14, n. 2, 2020. p. 112-141.

VILAÇA, Aparecida. **Comendo como gente: formas de canibalismo Wari' (Pakaa Nova).** Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Museu Nacional – UFRJ), Rio de Janeiro, 1989.